



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO
CULTURAL

NATALÍ DOS SANTOS

WAKANDA FOREVER: UM ESTUDO SOBRE OS DISCURSOS
AVALIATIVOS DO FILME PANTERA NEGRA

Salvador

2019

NATALÍ DOS SANTOS

**WAKANDA FOREVER: UM ESTUDO SOBRE OS DISCURSOS
AVALIATIVOS DO FILME PANTERA NEGRA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Produção Cultural, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção Comunicação e Cultura.

Orientador: Profa. Dra. Regina Gomes

Salvador

2019

NATALÍ DOS SANTOS

**WAKANDA FOREVER: UM ESTUDO SOBRE OS DISCURSOS
AVALIATIVOS DO FILME PANTERA NEGRA**

Monografia apresentada para obtenção de grau em Bacharel em Comunicação Social
com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura.

BANCA EXAMINADORA

Salvador, 26 de junho de 2019.

Profa. Dra. Regina Lúcia Gomes Souza e Silva (Orientadora)

Prof. Dr. Marcelo Monteiro Costa (Examinador)

Prof. Me. Marco Antonio Gomes Cruz (Examinador)

*“A liberdade nunca é dada voluntariamente
pelo opressor, ela deve ser exigida dele.”*
Martin Luther King Jr.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos de universitária, mas em todo os momentos. A Ele devo minha gratidão.

À minha mãe, por ser minha heroína e referência de mulher guerreira e que sempre me apoiou e contribuiu para os meus estudos.

Ao meu pai que amo e por sempre me apoiar.

À minha orientadora, Professora Regina Gomes pela paciência, por suas contribuições ao trabalho e incentivos.

Aos meus 10 irmãos, pela parceria e apoio de sempre. Vocês fazem parte dessa conquista.

Agradeço aos amigos queridos que fiz na vida, as minhas amigas SNN's: Lílian, Luane, Marinara, Talita, Quele e Uiliane, que contribuíram na formação da pessoa que sou. Aos amigos que fiz na Facom, e em especial Gabriela e Jandira.

Meus agradecimentos aos meus amigos e companheiros de trabalho, por toda orientação e contribuição para minha vida profissional.

A todas as pessoas que de alguma forma me ajudaram a acreditar em mim, quero deixar um agradecimento.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a recepção cinematográfica do filme da Marvel, Pantera Negra (Ryan Coogler, EUA, 2018) a partir da análise dos textos valorativos sobre o filme disponibilizados na internet, tomando-os como instância da recepção. Este estudo visa propor também uma reflexão sobre o papel dos meios de comunicação como difusor de conceitos, principalmente diante do atual contexto sociocultural do país e do mundo, em relação aos movimentos sociais étnicos, enquanto compostos por sujeitos sociais em busca de reconhecimento e afirmação de identidade. Desta forma, por meio do estudo da *Recepção Histórica nos média*, — no entendimento de Janet Staiger — e com base nos conceitos de identidade e representação, a partir dos Estudos Culturais, o trabalho visa identificar a existência de um diálogo entre a obra e o público.

Palavras-Chaves: Cinema. Pantera Negra. Recepção. Identidade. Representação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Pantera Negra (Chadwick Boseman).

Figura 2. Killmonger (Michael B. Jordan)

Figura 3. Ulisses Klaue (Andy Serkis)

Figura 4. Everett Kenneth Ross (Martin Freeman)

Figura 5. W'Kabi (Daniel Kaluuya)

Figura 6. M'Baku (Winston Duke)

Figura 7. As Dora Milaje (Danai Gurira, Florence Kasumba)

Figura 8. Shuri (Letitia Wright)

Figura 9. Ramonda - Angela Basset

Figura 10. Wakanda

Figura 11. Ryan Coogler em set de gravação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
2.1. TEORIA DA RECEPÇÃO	14
2.1.1 Recepção Cinematográfica	16
2.1.2 Recepção Histórica dos Medias: a crítica como instância da recepção	19
2.2. IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO PARA OS ESTUDOS CULTURAIS	21
2.2.1 Identidade.....	22
2.2.2 Representação	23
3. ASPECTOS CONTEXTUAIS	26
3.1. O movimento negro e a busca pela garantia de direitos	28
3.2. Protagonismo Feminino: os avanços do movimento feminista e representação do feminino no filme	30
3.3. Questão Cultural: A relação dos conceitos de Identidade e Representação com o filme.....	33
4. ANÁLISE DO FILME PANTERA NEGRA	35
4.1. Amadurecimento da Marvel	37
4.2. Um olhar sobre os personagens e os modos de representação	40
4.2.1 O Pantera Negra	41
4.2.2 O Antagonista	45
4.2.3 Os outros personagens: <i>Ulisses Klaue, Everett Kenneth Ross, W’Kabi e M’Baku</i>	50
4.2.4 As Protagonistas: Personagens Femininas	53
4.3. Identidade Cultural	59
4.4. Um filme Político e Autoral	64
4.5. Direção, Roteiro e Produção	66
4.6. Elementos Estéticos do Filme	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXOS	87

1.0 INTRODUÇÃO

Desde a sua estreia o filme *Pantera Negra*, do diretor Ryan Coogler, tanto no Brasil como no mundo, teve uma boa recepção. Sua repercussão é um fator importante a ser considerado, tendo em vista as impressões que o filme provocou.

Questões relativas à igualdade de gênero e raça são temas que, nos últimos anos, têm cada vez mais se apresentado como centrais no âmbito social. Essas temáticas vêm ganhando espaço na agenda pública, devido aos debates promovidos por movimentos sociais. De modo geral, sugerindo reflexões acerca da análise do papel que os produtos culturais exercem para legitimação ou negação de tais temas.

O tema relativo à raça no filme, sempre presente nas disputas discursivas, evoca a questão do combate ao racismo, ao processo de identificação do povo negro e de sua representação social. Neste contexto, o cinema, assim como os demais produtos midiáticos, sob pressão, tem avaliado tais perspectivas, buscado abordar essas questões em suas produções. Tendo em vista que por muito tempo a representação do negro nos cinemas ainda carregava estereótipos sobre a população negra, vemos o quanto o filme do herói da nação *Wakanda*, o príncipe *T'Challa*, atua de forma significativa no quesito representatividade racial.

No que concerne à presença do negro na mídia, especificamente no Brasil, compreendemos que os indicadores sociais demonstram um quadro de desigualdades, considerando que os negros representam a maioria da população do país. Dados de uma pesquisa realizada pela Universidade do Sul da Califórnia revelam que dos 100 filmes de maior bilheteria analisados — no período entre os anos 2007 e 2016 — os negros estavam ausentes em 25 produções e representavam apenas 13,6% dos personagens com falas. Sendo que do total de 1.006 diretores, apenas 56 eram negros¹.

Em 2018 o burburinho em torno do lançamento de *Pantera Negra* mostrou o quanto é importante discutir a carência de espaços de representação para as

¹ Um filme como você nunca viu: “Pantera Negra” quebra barreiras ao levar para as telas uma história e uma equipe sem paralelo em Hollywood. Disponível em: <<https://www.uol/entretenimento/especiais/pantera-negra.htm>> Acesso em: 14 jan. 2019.

minorias. Analisando o gancho da reflexão acerca da relevância do debate da identidade e da representatividade, a escolha do filme como fenômeno de análise se deu pelo grande sucesso de crítica e de bilheteria, e pelo fato de abordar temas pertinentes, tais como: representatividade racial, valorização da cultura negra, processo de colonização, bem como a apresentação do negro de forma positiva nos meios de comunicação.

Além disso a obra levanta questionamentos acerca do feminismo e da representatividade da figura da mulher negra na sociedade, abordando questões sobre mercado de trabalho, valorização da cultura negra e as relações interpessoais do sujeito negro.

Foi a partir da vivência na Universidade, no curso de Comunicação Social – Habilitação em Produção em Comunicação e Cultura – que comecei a questionar a forma como os meios de comunicação representa as minorias. Falar sobre representatividade racial se torna oportuno, se avaliamos sua relação com o processo de construção de identidade do indivíduo, o qual perpassa por variáveis internas e externas.

A partir dessas premissas e da importância que a mídia de massa assume nos processos de produção de sentido, que decidimos analisar o filme *Pantera Negra*, sob a perspectiva de uma fonte histórica, aqui considerada como uma marca de recepção.

Para esta pesquisa quinze textos foram analisados, apoiado em uma abordagem que se dá pelo exame de textos avaliativos sobre a obra, com base nos pressupostos metodológicos de Janet Staiger (1992), que propõe um estudo de ordem interdisciplinar, em que é realizada uma investigação sobre a relação existente entre o textual e o contextual, considerando a crítica — neste caso consideramos textos publicados em sites ou portais específicos de cinema — como uma instância da recepção, atrelando a ela outros vestígios de recepção da obra cinematográfica, como é o caso de matérias jornalísticas, textos de blogs, dados sobre o filme, etc. Ou seja, qualquer vestígio discursivo que foi enunciado sobre a obra.

O presente trabalho tem como proposta fundamental propor uma reflexão acerca dos modos de representação dos negros na sociedade, e como essas representações sociais interferem no modo em que o negro se vê no mundo, sobretudo no cinema. Este estudo visa propor também, sob o viés dos Estudos

Culturais, a fundamentação das discussões sobre identidade e representação, assim estabelecendo uma reflexão sobre o papel dos meios de comunicação como difusor de conceitos, principalmente diante do atual contexto sociocultural do país e do mundo, em relação aos movimentos sociais étnicos, composto por sujeitos em busca de reconhecimento e afirmação de sua identidade.

Esta pesquisa é formada por três capítulos. No primeiro momento apresentamos uma revisão teórica, definindo alguns conceitos importantes para nortear e compreender a pesquisa, com foco nos estudos sobre recepção cinematográfica e recepção histórica dos mídias invocamos autores que se debruçaram sobre tais temas como destaque o teórico cultural Stuart Hall e a pesquisadora Janet Staiger. Discutimos a ideia de identidade e de representação à luz dos conceitos propostos pelos *Estudos Culturais* - também a partir das contribuições de Hall e demais autores, classificados como aporte à compreensão e explicação do fenômeno estudado, assim como apresentamos os caminhos metodológicos utilizados para análise dos textos.

Em um segundo momento tratamos sobre o aspecto contextual do filme a partir de três premissas, — como é o caso das contribuições do movimento negro; os avanços do movimento feminista e a questão cultural fazendo uma relação dos conceitos de identidade e representação com o filme — as quais identificamos como questionamentos cruciais para o entendimento deste, a fim também de compreender o processo histórico social que levou à construção de determinadas resistências.

Posteriormente, está a parte analítica do trabalho, onde apresentamos a análise da recepção crítica do filme buscando destacar os vestígios de recepção por meio dos textos selecionados, a partir da exposição das recorrências encontradas. Por fim apresentamos os resultados e as discussões do estudo realizado.

2.0 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O cinema, assim como outros meios de comunicação, vem desempenhando papel importante como interlocutor entre emissor e receptor. A origem do cinema data de meados do século XIX, quando os irmãos Lumière organizaram a primeira sessão pública, que durou cerca de 20 minutos. A fotografia, grande fonte de inspiração, abriu caminho para o cinema, que desde então foi se transformando, e, com o tempo, ganhando novos espaços. Hoje a indústria cinematográfica domina o mercado mundial, gerando por meio de suas produções, bilhões de dólares por ano e, intervindo direta e/ou indiretamente na sociedade como um todo.

As produções cinematográficas sofreram alterações, dando espaço para abordagem de novas temáticas, como as questões ideológicas, raciais e de gênero. Isso acontece, pois, assim como o cinema, o seu público — o espectador — mudou a forma de escolher e de consumir o produto, tornou-se mais exigente, exercendo uma forte influência nas produções cinematográficas. Ou seja: o advento das novas tecnologias impulsionou um aprimoramento e alcance espacial.

Assim o cinema saiu do *status* de mero produtor de entretenimento, tornando-se meio de expressão artística e produtor de significações. Tendo o cinema como fonte histórica e buscando ampliar o seu campo de estudo, teóricos sociais, como os estudiosos da área de comunicação, notaram que as produções cinematográficas afetavam de maneira expressiva na forma de o sujeito perceber e compreender o mundo. Diante disso, compreenderam a necessidade de reconhecer o papel que o espectador exerce no processo comunicacional, o que tornou a recepção objeto de investigação. Contudo, reconhecer a recepção como fonte de informação para compreender os processos comunicativos é entender que cada sujeito “consome” e interpreta um produto midiático de forma individual, e que os contextos social e cultural colaboram para esse entendimento. Nesta perspectiva o receptor não deve ser mais visto como um mero espectador passivo, mas como um receptor ativo, protagonista do processo comunicacional que interfere na forma de consumir ou não o conteúdo, a mensagem.

Conforme Baccega e Guimarães (2006), o receptor vai ressignificar a mensagem, de acordo com sua cultura, podendo incorporá-la às suas práticas ou não, tendo em vista que ele detém o poder de escolha. Todavia, será apenas entre os anos da década de 1980 e 1990 que esse campo investigativo ganhará relevância e será incorporado aos Estudos Culturais, em que a recepção terá uma abordagem mais ampla, englobando os aspectos culturais, sociológicos, políticos e psicológicos, para que assim fosse possível compreender os processos existentes nesta dinâmica.

Desde que se deu maior atenção às perspectivas do público e que seu “juízo de valor” foi considerado fator importante para o entendimento dos processos comunicativos dos meios, em geral o campo dos estudos da recepção vem se tornando área de referência, com a contribuição dos Estudos Culturais.

Os estudos de recepção estão preocupados com as características socioculturais dos receptores. Desse modo, o foco se desloca para as práticas sociais e culturais mais amplas, nas quais eles estão integrados. É nesse espaço que se estudará a ressignificação que os receptores produzem com relação aos produtos dos meios de comunicação, ao entendimento das mensagens. É nesse espaço que ocorre o processo educacional (BACCEGA; GUIMARÃES, 2006, p.410).

Já os estudos relativos aos aspectos das produções simbólicas dos meios de comunicação terá um impacto significativo a partir da abertura da discussão das questões sociais, tanto nas ruas como na internet. As manifestações e movimentos sociais que irromperam pelo mundo nos anos de 1970 chamará a atenção do campo acadêmico para a ampliação e a abertura de novas linhas de investigação para o campo dos Estudos Culturais, que contemple o estudo das questões da nação, raça, etnicidade, gênero, sexo e outros.

A seguir apresentamos uma revisão teórica dos principais conceitos que norteiam esse trabalho, buscando mostrar ao leitor os conceitos chave que constituem este estudo e que ampara a compreensão da análise proposta aqui.

2.1 TEORIA DA RECEPÇÃO

A teoria da recepção é um campo de estudos que analisa o fato artístico e cultural a partir da análise dos processos receptivos e os efeitos produzidos no receptor. Entre seus autores destacam-se Martín-Barbero e Stuart Hall.

Stuart Hall é um sociólogo jamaicano considerado um dos desenvolvedores dos estudos da Teoria da Recepção. O autor transcende a perspectiva da corrente teórica sobre a análise da obra literária proposta por Hans Robert Jauss (1960) e traz a noção para o estudo dos produtos comunicacionais no geral. Ele argumenta que o receptor não apenas decodifica a mensagem como também exerce o papel de produtor de significações. Ou seja: no processo comunicativo existe uma negociação em torno dos significados que são estabelecidos, com as diversas possíveis leituras que o receptor pode fazer.

Robert White (1998), em seu artigo sobre a recepção e a abordagem dos estudos culturais, opina que a linha de estudos sobre a recepção deveria ser chamada de *Teoria da Interpretação da Audiência*. Ele considera essa nova concepção porque para ele esses estudos estão mais voltados para a “interpretação que as audiências fazem do significado dos produtos culturais veiculados pela mídia do que para os efeitos comportamentais estimulados pelos meios de comunicação” (WHITE, 1998, p. 58).

Se outrora as análises da recepção tinham como recorte o estudo qualitativo da audiência, hoje os estudos buscam questionar os diferentes modos interpretativos da receptividade, considerando que as interações que ocorrem entre produção e recepção são sobre o viés dos aspectos socioculturais. Diferente da ideia proposta pelo modelo matemático de comunicação, que tinha como pressuposto o processo comunicativo do emissor e receptor de forma horizontal, Hall parte da constatação de que o sistema comunicativo ocorre de maneira circular, onde a mensagem como bem simbólico circula como mercadoria.

Em seu texto *Codificar/Decodificar*, Hall (1980) afirma que o processo comunicativo possui momentos interligados, mas também independentes. Que esse processo, portanto, engloba desde a produção, a circulação e o consumo. Seus estudos têm como cerne a análise da comunicação de massa, e em

especial, a televisão. Para o autor, o processo comunicativo televisivo ocorre a partir de um código produtor de uma mensagem que deve ser posteriormente decodificada, ou seja, interpretada e/ou entendida, para se transformar em práticas sociais. Nesse sentido Schramm (2006) afirma que:

O modelo *Encoding/decoding* de Stuart Hall (1980) propunha uma nova maneira de se fazer estudos de mídia, em contraponto a uma noção particular de conteúdo, em que a mensagem possui um sentido fixo, pré-formado. Ele criticava o modelo tradicional do processo comunicativo por sua linearidade, sua concentração no nível da troca das mensagens, e pela ausência de uma concepção estruturada dos diferentes momentos do processo. Tal modelo determinista, segundo ele, implica que toda a comunicação é perfeita, e o significado das mensagens é transparente (SCHRAMM, 2006, p.15).

Tendo essa visão de que a comunicação não é perfeita e nem a recepção da mensagem ocorre de forma fixa, e compreendendo que essa recepção é passível de inúmeras perspectivas, Hall estabelecerá três hipóteses de decodificação das mensagens dos meios comunicativos: a posição hegemônica-dominante, a posição do código negociado, e a posição do código de oposição.

As três possibilidades de leitura propostas por Hall – dominante, negociada, oposicional – são inspiradas na teoria de Frank Parkin que afirma que os membros de diferentes classes sociais são enquadrados dentro de diferentes 'sistemas de sentido' (Parkin,1971 *apud* Morley, 1996) (SCHRAMM, 2006, p. 22).

Ou seja, Hall busca considerar aqui que a recepção é influenciada pelo contexto sociocultural específico do indivíduo, e que a bagagem cultural que ele carrega será um importante crivo para o processo comunicativo. Logo, o processo ocorre na perspectiva da realidade em que está inserido o receptor. Por isso o autor afirma que:

(...) a mensagem é uma estrutura complexa de significados que não é tão simples como se pensa. A recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação. E a cadeia comunicativa não opera de forma unilinear (HALL,2003, p.354)

Para Hall é a relação de proximidade e de identificação entre o discurso e o receptor que importa. Ele considera que a bagagem cultural interfere no

processo comunicativo, alterando ou não o modo em que o público consome determinado conteúdo, onde seu processo de decodificação da mensagem difere do modo em que o outro interpreta.

O estudo desenvolvido pelo teórico Hall vai propor mudanças e significativas rupturas, que apoiado aos Estudos Culturais irá trazer uma nova forma de pensar os processos comunicativos, conforme o que White (1998) pontua sobre a teoria:

[...] tem se desenvolvido amplamente nos últimos anos, seguindo a tradição dos Estudos Culturais de pesquisa dos meios e reflete os debates e as diferentes escolas de pensamento que têm procurado interpretar qual o uso que as audiências fazem das mensagens da mídia. Comum a todas as diferentes abordagens e linhas teóricas, no entanto, é a premissa de que o uso e os efeitos da mídia devem ser estudados no que se refere às construções subjetivas de significados, tanto a construção atribuída à mídia quanto as que são desenvolvidas em resposta à mídia (WHITE, 1998, p.58).

No caso desta pesquisa a análise aqui referida busca compreender como ocorreu a recepção do filme *Pantera Negra*, tendo o cinema — assim como os meios de comunicação em geral —, como uma instituição social produtora de significados atrelado à perspectiva de estudo da recepção proposta pelo teórico e outros autores, tendo em vista a crença de que o cinema hollywoodiano em consequência dos avanços tecnológicos atua de forma certa nos significados, ao modo de representar e estabelecer uma conexão entre o produto cultural e o real. Para tanto, além de compreender os estudos da recepção, faz-se necessário o estudo sobre a recepção cinematográfica, tendo em vista que a análise é em torno do filme norte-americano *Pantera Negra*.

2.1. 1 Recepção Cinematográfica

Já compreendemos que a Teoria da Recepção considera a leitura individual, acreditando que cada uma é permeada de significações. Atrelado ao cinema essa teoria adquire novos horizontes, e vai buscar investigar sobre as atividades interpretativas do processo cinematográfico.

De acordo com Jacque Aumont e Michel Marie (2006), “todo significado possível no cinema é mediado por um código que nos permite dar-lhe sentido”.

Logo, trazendo essa perspectiva à luz da Estética da Recepção podemos afirmar como os teóricos da Universidade de Constância, no final da década de 60, os quais foram oportunos em propor o estudo da relação, autor e obra, e pontuar a importância do entendimento dos processos significativos que ocorre nessa inter-relação.

Gomes (2005) destaca que:

O espectador, historicamente situado, molda e é moldado pela experiência cinematográfica, num processo dialógico sem fim. O conhecimento e a interpretação do processo cinematográfico deve, sem dúvida, levar em conta este diálogo que reconhece a participação concreta e ativa do espectador de filmes. O filme é o lugar onde interagem autor e receptor e, de modo algum um lugar fechado em si mesmo. Pelo contrário, este ambiente é recheado de fissuras, janelas, e é dada ao espectador, a tarefa de cobri-las de sentido (...) (GOMES, 2005, p.1142).

Como já foi dito, pouco crédito foi dado aos estudos sobre a recepção, assim como na análise da relação entre receptor e a experiência fílmica. Conforme Gomes (2005), com base em Robert Starm (2000), entre os anos de 1980 e 1990, haverá um crescimento do interesse por essa temática (GOMES, 2005, p.1141).

Fernando Mascarello (2006), em seu texto sobre os estudos culturais e a recepção cinematográfica, argumenta que durante esse período de ruptura teórico-metodológica contextualista abre-se uma nova perspectiva:

[...] produz-se uma heterogeneização das concepções de espectador. Passa-se a examinar a relação entre texto fílmico e audiência em termos de suas manifestações pontuais, historicizadas, contemplando-se a diversidade encontrada, extratextualmente, nos momentos da produção e da recepção. Com isso, desenvolvem-se as formulações da "audiência ativa", e as interpretações, usos e prazeres do filme dominante começam a ser teoricamente respeitados e afirmados (MASCARELLO, 2006, p.92).

Kornis (1992, p. 239) argumenta que o filme adquiriu o status de fonte preciosa para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores, como também das identidades e das ideologias de uma sociedade ou momento histórico.

Esse interesse pela análise da relação que ocorre entre o texto fílmico e a audiência inicia-se no mesmo período em que sucede a institucionalização dos

Estudos Culturais em diversas partes do mundo. Isso não é uma coincidência, pois será a partir dos estudos dessa disciplina que a análise estética, preocupada com a recepção, ganhará espaço. Novas linhas de investigação irá compor esse processo, com o entendimento dos meios de comunicação como transmissor de conhecimento.

Nos anos 90, o leque de investigações sobre a audiência procura ainda mais enfaticamente capturar a experiência, a capacidade de ação dos mais diversos grupos sociais vistos, principalmente, à luz das relações da identidade com o âmbito global, nacional, local e individual. Questões como raça e etnia, o uso e a integração de novas tecnologias como o vídeo e a TV, assim como seus produtos na constituição de identidades de gênero, de classe, bem como as geracionais e culturais, e as relações de poder nos contextos domésticos de recepção, continuam na agenda, principalmente, das análises de recepção. Destacam-se, como ênfases mais recentes neste tipo de estudo, os recortes étnicos e a incorporação de novas tecnologias. Em relação às estratégias metodológicas, estas continuam calcadas na etnografia e na observação participante embora possam parecer mais diversificadas – (auto) biografias, depoimentos, histórias de vida (ESCOSTEGUY, 2012, p.11).

Entre as tantas questões que a perspectiva dos *Estudos Culturais* irá colaborar, o campo dos estudos de recepção será um dos mais significativos, pois, a partir de uma abordagem histórico-cultural é possível repensar o lugar da recepção, avaliando as condições de produção de sentidos, os valores que ocorrem no processo comunicativo, e de que forma eles interferem nas relações entre grupos.

Schramm (2006), ao citar Morley (1996), afirma que

Morley se vale do conceito de posições sociais para indicar que o processo de recepção deve ser compreendido em sua relação com as outras ramificações comunicativas da cotidianidade. A interpretação das mensagens midiáticas não termina no momento específico da exposição à mídia. Cada papel que representamos na vida cotidiana está enraizado no pertencimento a diferentes comunidades sociais, e todas as instituições e todos os papéis em que estamos situados produzem mensagens que se interseccionam com as midiáticas (SCHRAMM, p.14-15, 2006).

Os estudos sobre a recepção cinematográfica a partir da ótica da relação da comunicação com a cultura é um estudo antropológico que além de analisar os modos de recepção e o efeito sobre o público, atenta-se também para a relação do interesse do público de ir ao cinema. Isso porque, além do processo significativo que ocorre quando o público está em contato com o produto cultural,

é importante compreender o que atrai um certo público a “consumir” um determinado produto. Entretanto, a pesquisa tem como objetivo analisar a recepção do filme *Pantera Negra* no Brasil, tendo a crítica como instância da recepção, de modo a compreender os significados e os sentidos que o filme produziu, a partir da análise dos discursos da crítica de cinema brasileira especializada, como também dos textos de críticos não especializados. Neste trabalho tratamos como instância de recepção: críticas, comentários e textos valorativos sobre o filme, disponíveis em sites, jornais e revistas eletrônicas. Contudo, para que se possa compreender como será direcionada a análise, analisamos como importante apresentar o contexto sobre os estudos da recepção histórica dos “*medias*”, conforme apresentamos a seguir.

2.1.2 Recepção Histórica dos Medias: a crítica como instância da recepção

Os estudos sobre a recepção histórica dos “*mídias*” tem como referência os trabalhos realizados pela pesquisadora Janet Staiger (1992) em seu texto *Interpreting Films: Studies in the Historical Reception of American Cinema*. A professora de comunicação do Departamento de Rádio, Televisão e Cinema da Universidade do Texas em Austin, propõe uma abordagem de ordem interdisciplinar em que realiza-se uma análise da relação existente entre o textual e o contextual, considerando a crítica — neste caso textos publicados online, em site ou portais específicos de cinema — como uma instância da recepção, atrelando a ela outros vestígios de recepção da obra cinematográfica, como é o caso de matérias jornalísticas, textos de blogs, dados sobre o filme etc.

A autora defende que na análise da recepção cinematográfica é de fundamental importância considerar as particularidades que se estabelecem no processo receptivo. Essa noção estar de acordo com o modelo de estudo dos processos comunicativos que Hall (1980) propõe.

[...] Janet Staiger, por exemplo, buscou investigar os significados culturais produzidos pelos espectadores em torno de uma obra. Tomando então a crítica como instância espectral, utilizou-se de estudos da crítica associados aos estudos culturais, de modo a analisar as diversas interpretações e experiências afetivas encontradas em formações sociais específicas. Debruçando-se sobre a produção crítica, Staiger demonstrou como o discurso gerado por esta inscreve-se na história. Identificando em seus estudos de caso a gama de leituras realizadas através da resposta crítica e, ainda, realizando

associações contextualizantes entre estas e elementos extratextuais, a pesquisadora passou a apontar possíveis explicações para tais modos de leitura múltiplos e como os determinantes textuais e sociais — específicos da época de produção e recepção — são levados em consideração pelos críticos no ato interpretativo. (CASTRO, 2017, p.7).

Hoje, com a revolução digital e a convergência de mídias, o processo comunicativo sofreu um intenso impacto. O impacto das mídias digitais permitiu ao público, antes considerado elemento passivo, se transformar em protagonista do processo comunicacional. É a partir desta perspectiva que Staiger irá considerar oportuna a análise dos condicionantes e históricos contextuais no processo receptivo.

Na aplicação do seu método nos ensaios em “Perverse Spectator”, Staiger (2000) estuda os métodos interpretativos dos espectadores para entender o papel da mídia na cultura e na vida pessoal de cada sujeito. A autora parte da análise da recepção crítica dos filmes *Laranja Mecânica* e *O Silêncio dos Inocentes*, relacionando-os aos contextos cultural e histórico do período.

Em seu método, Janet Staiger (2000) apresenta um conjunto de ferramentas para entender as complexas relações entre o público e os produtos cinematográficos. Para o autor Mahomed Bamba (2013) seu postulado foi importante para desconstruir o imanentismo do modelo de análise textual dos filmes, pois a partir de sua metodologia é possível identificar e entender os diversos modos de recepção.

[...] Este postulado de Staiger marca não só uma ruptura franca com o imanentismo do modelo de análise textual dos filmes que predominou durante décadas, mas também decreta a pertinência das variantes como a “raça”, o gênero, o sexo, o sentimento de pertencimento étnico-comunitário na descrição e análise do processo de leitura/interpretação fílmica. Esses fatores também explicam a existência de diversos modos de recepção e tipos de sujeitos-espectadores que são historicamente construídos (diferentemente do espectador “a-histórico”, homogêneo e textual construído ou inferido nos paradigmas de estudos poéticos, textuais, estilísticos e fenomenológicos etc.). A contribuição de Janet Staiger (1993) consistiu basicamente na definição de um modelo de estudo histórico-materialista da espectralidade (BAMBA, 2013, p. 50-51).

2.2 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO PARA OS ESTUDOS CULTURAIS

Já que apontamos anteriormente as principais colaborações que os Estudos Culturais proporcionam ao campo dos estudos da comunicação, e em especial às pesquisas sobre o processo receptivo e tendo em vista o enfoque da pesquisa aqui apresentada, consideramos pertinente o entendimento sobre as noções de Identidade e Representação para os Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais são uma disciplina que investiga a multiplicidade vigente no interior de cada cultura e nas relações interculturais. Sua preocupação se concentra no estudo das transformações sociais e culturais. Em outras palavras é um campo de estudo que compreende a cultura como prática central da sociedade e busca investigar quais os processos pertinentes nestas inter-relações.

Com o interesse de analisar os processos sociais e as questões sobre a realidade, os Estudos Culturais são considerados um campo interdisciplinar, uma vez que estão ligados a diversas disciplinas, como economia, política, história, cultura, comunicação, entre outras. Conforme afirma Escosteguy (2012, p.6), é um campo investigativo “em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado”.

Por mais que a origem dos *Cultural Studies* date do final dos anos de 1950, com a criação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), na Universidade de Birmingham (Inglaterra), é apenas entre os anos das décadas de 80 e 90 que o campo será institucionalizado em diversas partes do mundo, ao lado de grandes teóricos como Raymond Williams, E. P. Thompson e Richard Hoggart, Stuart Hall será um dos responsáveis pelo surgimento do amplo e diversificado campo de estudos. Porém, outros autores como Roland Barthes, Henri Lefebvre, entre outros, também são considerados como importantes contribuintes para o campo.

Escosteguy (2012) afirma ainda que o campo dos Estudos Culturais, além de apresentar os debates sobre a cultura a partir de uma nova concepção de pensamento, é um campo que também se caracteriza por sua multiplicidade de objetos de investigação.

Com o tempo, novas linhas de investigação são propostas, e novos temas e processos comunicativos são elencados no campo dos Estudos Culturais. É importante ressaltar que dentro do debate cultural estão inseridas diversas questões sociais que foram apontadas como pertinentes para a discussão. Com essa nova conjuntura, teóricos unem ao estudo as temáticas relacionadas ao conceito de identidade, as questões sociais de gênero, classe, etnias, entre outras, buscando analisar como os meios de comunicação de massa atuam diante desses temas. Esse novo cenário tem muita relação com os movimentos e redes sociais identitários, que buscam construir novas narrativas acerca da sua posição como sujeito em sociedade.

Escosteguy (2012) sinaliza que Hall (1996a) considera o feminismo como uma das “rupturas teóricas decisivas que alterou uma prática acumulada em Estudos Culturais, reorganizando sua agenda em termos bem concretos”. (ESCOSTEGUY,2012, p.8)

2.2.1 Identidade

O conceito de identidade tem sido muito discutido nos últimos tempos. Ele carrega em sua definição a influência de várias disciplinas, como a sociologia, a psicologia, a antropologia, a cultura, entre outros. O ano de 1970, é para muitos autores, considerado o estopim do desenrolar dos debates sobre o modo de pensar as questões sociais. Isso porque na metade dessa década movimentos sociais trouxeram para a pauta questões referentes às etnias, grupos minoritários, e os meios de comunicação de massa deixam de ser vistos somente como entretenimento e passam a ser analisados como aparelhos ideológicos do Estado. Diante disso as temáticas relacionadas à identidade e à representação tornam-se temas em ascensão.

Segundo Sabóia (2013), podemos compreender a identidade como “um processo, uma construção que está vinculada ao tempo e sociedade aos quais o indivíduo pertence”. Diante disso é possível entender que esse processo de construção do “eu” caracteriza-se como um período de descobertas e amadurecimento, em que a concepção de si mesmo e o reconhecimento como indivíduo são fatores que norteiam esse desenvolvimento.

Fernandes e Souza (2016) consideram que a identidade “é sempre construída em um processo de interação e de diálogo que estabelecemos com os outros” (p.106). Logo, ao trazermos essa reflexão para a perspectiva da construção da identidade do negro para a realidade brasileira, percebemos que se trata de um processo ainda em constante relação com a maneira como o negro é estigmatizado.

Nessa perspectiva, a identidade atribuída ao negro é uma construção social que embora não corresponda à realidade, produz efeitos sobre ela, ou seja, embora tenha um caráter fictício quando presente no imaginário coletivo, orienta as relações entre negros e brancos na sociedade brasileira (FERNANDES; SOUZA, 2016, p.109).

A partir daí é possível compreender como o conceito de identidade se correlaciona de forma muito direta com as representações, o que torna muito pertinente o estudo de como ocorre essa representação do ser.

2.2.2 Representação

Os modos como as pessoas se veem e/ou se identificam são processos que perpassam por vários âmbitos, tais como a cultura, contexto, geografia, política e entre outros, considerados importantes e que podem interferir nesse processo de identificação e construção do seu “eu”, como é o caso da representação. O termo representação é oriundo da palavra de origem latina *repraesentare*, e que expressa a ideia de “fazer presente ou apresentar de novo”. Entretanto, para muitos autores, assim como acontece com o conceito de identidade, conceituar o termo *representação*, é considerado uma tarefa complicada.

Stuart Hall (2016) em seu livro *Cultura e Representação* sugere que o leitor embarque em sua linha de raciocínio e compreenda a representação como algo constitutivo.

Membros da mesma cultura compartilham conjuntos de conceitos, imagens e ideias que lhes permitem sentir, refletir e, portanto, interpretar o mundo de forma semelhante. Eles devem compartilhar, em um sentido mais geral, os mesmos ‘códigos culturais’. Deste modo, pensar e sentir são em si mesmos ‘sistemas de representação’, nos quais nossos conceitos, imagens e emoções ‘dão sentido a’ ou

representam – em nossa vida mental – objetos que estão, ou podem estar, 'lá fora' no mundo (HALL, 2016, p.23).

Para o campo da psicologia os estudos das representações estão ligados aos processos cognitivos e à atividade simbólica no ser humano.

A psicologia social busca uma aproximação maior entre as perspectivas sociais e individuais (sociológica e psicológica), e entende as representações sociais como fenômeno que diz respeito à atividade representacional dos indivíduos (capacidade de simbolização, ligada aos processos de socialização e construção da noção de sujeitos), mas inclui e ultrapassa o trabalho do psiquismo individual, consistindo em construções particulares que expressam a subjetividade do campo social (FRANÇA, 2004, p.14).

Tendo em vista que a noção de identidade tem como base a relação entre indivíduos e grupos que compartilham “códigos culturais” vemos o quanto o fator cultural influencia na construção da identidade do sujeito. É o que afirmam Fernandes e Souza (2016) ao dizer que a construção, reconstrução do “ser negro”, passa pela forma como o grupo étnico-racial negro foi e é representado socialmente,

[...] pois as representações são fundamentais para a construção, reconstrução ou ressignificações das identidades individuais ou de grupo. Como já salientamos, as representações sociais podem ser transformadas, modificando a forma como os indivíduos se percebem ou se conceituam (FERNANDES; SOUZA, 2016, p.112).

Retornando às discussões sobre os estudos da recepção cinematográfica em conjunto com os Estudos Culturais, observamos como o cinema, assim como outros meios de comunicação, podem ser grandes aliados para o aprofundamento de discussões sobre a afirmação da identidade, estando relacionado à questões sociais em geral.

Com base nos estudos de Marcos Alexandre (2001) sobre o papel da mídia na difusão das representações sociais, podemos considerar que os meios de comunicação têm um papel importante nesse processo de construção identitária do indivíduo.

No percurso da transformação do fenômeno social neste final de século, **os meios de comunicação de massa se tornam instrumentos fundamentais na produção da nova coesão social, exatamente porque lidam com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais que fundamentam a**

própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a auto-imagem (ALEXANDRE, 2001, p. 116, grifo nosso)

Para Francesco Casetti (1991), o filme é como um objeto de linguagem, como o lugar da representação.

[...] Do filme como objeto da linguagem, como lugar de representação, como momento de narração e como unidade comunicativa: em uma palavra, do filme como texto (CASSETTI, p. 11, tradução nossa).

Dentro dessa perspectiva podemos refletir conforme perspectiva do autor Rahier (2001), que:

Não há mundo que exista independentemente dos discursos de representações. Estas constituem, em parte, o mundo no qual vivemos. Como explicou Michel Foucault já faz algum tempo, as formações discursivas – ou modos de pensar, ou modos de representações – são utilizadas pelas pessoas para pensar o mundo, para pensar suas próprias existências, assim como para pensar a existência de Outros. Os grupos dominantes produzem e reproduzem representações de si mesmos e representações dos Outros, que justificam sua posição no cume das ordens raciais e espaciais, e a exploração dos Outros, que aparecem como seres fundamentalmente negativos (RAHIER, 2001, p.7).

Por isso que hoje, e a cada dia, se torna pertinente a avaliação de como é posta a representação do negro nos meios de comunicação, principalmente os de massa, visto que o conceito de representatividade está atrelado ao entendimento do conceito de identidade como um processo construtivo.

Para que se transforme essa visão que se tem do negro, como “figurante” de uma história que também é dele, pode-se aproveitar o período em que estamos vivendo em decorrência da supervalorização da informação. Tanto a televisão quanto o cinema têm grande poder discursivo sobre a sociedade. É necessário que haja uma mudança radical no tipo de imagem que está sendo veiculada a respeito dos personagens negros, assim como a quebra de paradigmas que se apresentam como obstáculos para a ativa participação das mulheres e homens negros na economia, cultura e sociedade como um todo (OLIVEIRA, 2014, p. 23).

Diante do que foi abordado até aqui é possível perceber o elo forte entre meios de comunicação e os *Cultural Studies*, principalmente quando a investigação está ligada aos estudos de recepção — e em especial a questão da

recepção cinematográfica — para refletir sobre o papel dos meios de comunicação na constituição de identidades. Essa aproximação entre cultura e comunicação tem o intuito de pensar a relação dinâmica, existente entre o autor, a obra, e o leitor/espectador a partir da visão dos meios de comunicação de massa, como produtos simbólicos junto ao público contemporâneo.

3.0 ASPECTOS CONTEXTUAIS

O filme *Pantera Negra* é uma produção da Marvel Studios e foi lançado no Brasil em fevereiro de 2018. Desde seu lançamento tem tido bastante repercussão. Com a direção de Ryan Coogler (também conhecido por produzir o drama *Fruitvale Station — A última parada* (2013) e *Creed: Nascido para Lutar* (2015), o *blockbuster* é considerado um sucesso de vendas, chegando a receber o título² de filme de super-herói de maior bilheteria na história nos EUA. Mesmo após um ano de sua estreia, a película não deixa de estar em destaque, pois além do grande sucesso nas bilheterias, conquistou alguns prêmios³ como: o AAFCA (African-American Film Critics Association) de melhor filme, melhor diretor e melhor canção, e venceu o prêmio de melhor filme do SAG (Screen Actors Guild Awards). O filme também despertou o olhar da academia de Artes e Ciências Cinematográficas, sendo o primeiro filme de super-herói a ser indicado ao Oscar de melhor filme, recebendo no total sete indicações: Oscar de Melhor Filme, Melhor Trilha Sonora, Melhor Canção Original, Melhor Direção de Arte, Melhor Edição de Som, Melhor Mixagem de Som e Melhor Figurino, recebendo o prêmio em três categorias – o de Melhor Trilha Sonora, Melhor Direção de Arte (Hanna Beachler) e Melhor Figurino (Ruth E. Carter).

Adaptação das HQ's para o cinema, o filme conta a história do príncipe T'challa — interpretado por Chadwick Boseman, que com a morte de seu pai vê seu reino Wakanda em perigo. Além de tratar sobre a questão do heroísmo o filme traz à discussão questões importantes a serem abordadas, tais como: o

² Cine Pop 2018. Disponível em: <<https://cinepop.com.br/pantera-negra-se-torna-a-maior-bilheteria-de-um-filme-de-super-heroi-nos-eua-170645>>. Acesso em 23 de maio 2018.

³ Sucesso, prêmios e Oscar: 13 curiosidades sobre o filme “Pantera Negra”. Disponível em:<<https://www.bol.uol.com.br/listas/sucesso-premios-e-oscar-curiosidades-sobre-o-filme-pantera-negra.htm>>. Acesso em 09 de março de 2019.

preconceito, o pan-africanismo, o processo de colonização, e ainda coloca em pauta a questão da representatividade em diversos aspectos, tendo em vista que o elenco é composto majoritariamente por atores negros, e que seu protagonista é um herói também negro. Considerando uma sociedade em que o preconceito racial é presente, nada mais oportuno do que poder chamar a atenção para um tema bastante discutido na atualidade.

Em entrevista dada ao jornal da USP a pesquisadora de estereótipos raciais e mestrandia em sociologia, Thais Santos, considera o filme importante para abertura de debates de questões sobre representatividade racial⁴: “Quando a gente chega em 2018 com a Marvel fazendo o primeiro filme de um super-herói negro, é fundamental e muito importante quando pensamos em representatividade”.

Vale ressaltar o fato do herói em questão, Pantera Negra, ser considerado o primeiro super-herói negro dos quadrinhos. Conforme Junior (2010) afirma:

O protagonista foi criado na década de 60, tendo papel fundamental no mercado dos quadrinhos. O Pantera Negra (Black Panther) é considerado o primeiro personagem negro dentro das características do gênero super herói (JUNIOR, 2010, p.40).

Logo, sendo o primeiro filme de super-herói a ser indicado à categoria de melhor filme do Oscar (2019), o sucesso do *Pantera Negra* deve-se à grandes temas abordados e aspectos considerados importantes pela crítica e digno de destaque. Pode-se pontuar a questão da representação do negro no filme, tendo em vista que a construção do personagem do rei T’challa foge da representação estereotipada dos negros em relação às primeiras aparições deste no cinema durante as décadas de 1930 e 1940. As representações do negro nos meios de comunicação estão constantemente associadas às imagens negativas, mas uma tomada de consciência surgiu e o povo negro começa a questionar a forma que os negros são representados, reivindicando novas formas de representação.

O negro visto como preguiçoso, insolente, beberrão, malandro, as “boas mulatas”, as amas de leite entre tantas outras denominações fazem parte de um conjunto de estereótipos que influenciam e ao

⁴ Entrevista cedida à Rádio da USP, com a presença da pesquisadora de estereótipos raciais e mestrandia em sociologia, professora Thais Santos e a documentarista e professora Lilian Santiago, onde você pode encontrar o áudio completo no site do Jornal da USP, na matéria A questão da representatividade e o sucesso de “Pantera Negra” (2018). Disponível em: < <https://jornal.usp.br/atualidades/a-questao-da-representatividade-e-o-sucesso-de-pantera-negra/>>. Acesso em: 13 jul. 2018

mesmo tempo que reforçam a condição do negro na sociedade brasileira, o combate ao racismo sem dúvidas perpassa a desconstrução de tais representações (ASSIS, 2017, p.124).

Diante do exposto, torna-se fundamental a análise de tais materiais midiáticos, considerando que estes possuem poderosas ferramentas capazes de inserir signos como também de legitimar padrões.

Assim, propomos nesta pesquisa discorrer acerca da representação do negro no filme *Pantera Negra* considerando os textos valorativos sobre o filme como instância de recepção, contudo, primeiramente, será preciso contextualizar alguns pontos considerados fundamentais para o entendimento da análise.

3.1 O movimento negro e a busca pela garantia de direitos

Os movimentos sociais são ações que surgem com o objetivo de promover mudanças políticas e nos setores sociais. Movimentos relacionados às causas de gênero, raça, classe, meio ambiente, etnia, entre outros, ganharam visibilidade e, com o surgimento das redes sociais, se amplificaram, como é o caso dos movimentos de mobilização racial negra, que no Brasil, há relatos, de que teria iniciado após a abolição da escravatura⁵.

Petrônio Domingues (2007), em seu artigo sobre alguns apontamentos históricos sobre o movimento negro no Brasil, definiu o movimento como:

Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural (DOMINGUES, 2007, p.101).

Inspirados em grandes líderes como Martin Luther King, Malcolm X e organizações negras marxistas, como os ***Panteras Negras***, o movimento milita acerca da reflexão sobre as novas percepções sobre ser negro e em busca da garantia de direitos.

O Movimento pelos Direitos Civis é um período histórico compreendido entre 1954 e 1980, marcado por rebeliões populares e convulsões na sociedade civil de diversos países. Estes movimentos pediam a igualdade perante a lei, direitos iguais para toda camada da população

⁵ DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23, pp.100-122. ISSN 1413-7704. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>. Acesso em: 06 de janeiro de 2019

independente de cor, raça ou religião. Nos EUA, o mais conhecido foi o Movimento dos direitos Civis dos Negros, que ocorreu entre 1955 e 1968, que consistia em adquirir reformas na constituição norte-americana, visando os direitos iguais, a abolição da discriminação e da segregação racial no país (WESCHENFELDER, 2013, p.68-69).

Como dito anteriormente, os avanços tecnológicos atuaram de forma crucial para evidência desses movimentos.

Com a implementação de políticas afirmativas no Brasil e em outros países da América Latina, bem como a utilização da internet por movimentos sociais, observa-se uma polifonia de vozes negras. Sites, portais, mídias sociais e outras ferramentas de comunicação são utilizados para dar visibilidade às pautas desses movimentos, trazendo, à superfície, identidades de quilombolas, de mulheres negras, de griôs da cultura afro, de afro-latinos, de mulheres afro-latino-americanas e caribenhas e tantos outros que não encontravam espaço para fazer as suas vozes ecoarem para além da militância (SILVA, 2016, p.13).

No Brasil é entre os anos de 1980, com a origem do Movimento Negro Unificado (MNU)⁶, que a mobilização racial negra ganha uma repaginada e novos direcionamentos:

O nascimento do MNU significou um marco na história do protesto negro do país, porque, entre outros motivos, desenvolveu-se a proposta de unificar a luta de todos os grupos e organizações anti-racistas em escala nacional. O objetivo era fortalecer o poder político do movimento negro. Nesta nova fase, a estratégia que prevaleceu no movimento foi a de combinar a luta do negro com a de todos os oprimidos da sociedade. A tônica era contestar a ordem social vigente e, simultaneamente, desferir a denúncia pública do problema do racismo. Pela primeira vez na história, o movimento negro apregoava como uma de suas palavras de ordem a consigna: “negro no poder!” (DOMINGUES, 2007, p.114-115).

Assim como o movimento negro outras mobilizações sociais também ganharão destaque. O movimento feminista é um exemplo, com importantes avanços nas conquistas das pautas sobre os direitos das mulheres.

⁶ O **Movimento Negro Unificado (MNU)** é uma organização pioneira na luta do Povo Negro no Brasil. Fundada no dia 18 de junho de 1978, e lançada publicamente no dia 7 de julho, deste mesmo ano, em evento nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em pleno regime militar. O ato representou um marco referencial histórico na luta contra a discriminação racial no país. Disponível em: < <https://mnu.org.br/quem-somos/>> Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

3.2 Protagonismo Feminino: os avanços do movimento feminista e a representação do feminino no filme

Como já sabemos, causas sociais com foco em minorias são pautas extremamente importantes e vêm ganhando relevância atualmente. O feminismo é um movimento de luta pela igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres e que ganhou força mundial na metade do século XX.

O movimento feminista organizado teve origem nos Estados Unidos na década de 60 (sessenta), e logo depois, alastrou-se pelos países do Ocidente. Sua principal proposição era a libertação da mulher e não apenas a sua emancipação (ALVES; ALVES, 2013, p.114).

Sendo considerado um movimento social plural, o feminismo possui diversas vertentes, pois busca abraçar as demandas e lutas de todas as mulheres e de todas as minorias. A autora bell hooks⁷ (1984), em seu texto sobre a teoria feminista, dirá que “o movimento feminista continua a ser uma das lutas mais poderosas pela justiça social ainda a decorrer no mundo nos dias de hoje”. Ela ainda pontua que:

A luta feminista acontece sempre que alguém, mulher ou homem, resiste ao sexismo, à exploração sexista e à opressão. O movimento feminista acontece quando grupos de pessoas se juntam com uma estratégia organizada, com vista a adotar medidas para a eliminação do patriarcado (hooks, 1984, p.7).

Porém, o movimento se constitui de certas particularidades, sendo um dos pontos questionados a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista. O feminismo negro é uma das principais correntes do movimento, que ganha notoriedade entre os anos de 1980, a partir do fortalecimento do Movimento Negro no Brasil e no Mundo.

A ativista americana bell hooks (2000), em seu livro *Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, afirma que a diferença de classe foi uma das questões discutidas pelas mulheres no movimento feminista. Ela aponta esse fator para dizer que a inserção da questão de classes nas agendas feministas abriu espaço para as interseções entre classe e raça:

⁷ bell hooks, é o pseudônimo da escritora, teórica e ativista feminista norte-americana Glória Jean Watkins. Entre as diversas obras da autora que reflete sobre a interseccionalidade entre as discriminações raciais, de classe e de gênero, destaca-se *O Feminismo é para todo mundo* (2000).

Dentro do sistema institucionalizado de raça, sexo e classe social na nossa sociedade, mulheres negras estavam claramente no fundo do totem econômico. Inicialmente, mulheres brancas bem instruídas vindas da classe trabalhadora eram mais visíveis que as mulheres negras de todas as outras classes no movimento feminista. Elas eram uma minoria dentro do movimento, mas suas vozes eram a voz da experiência. Elas sabiam melhor do que qualquer uma de suas companheiras privilegiadas de qualquer raça o sacrifício de resistir à dominação de raça, classe e gênero (HOOKS, 2000, p.2).

A necessidade de repensar o lugar da mulher negra dentro do movimento veio muito atrelado com a perspectiva da visão de indivíduo constituinte da sociedade, a partir de suas particularidades, ou seja, do reconhecimento de que muitas de suas batalhas se diferem das mulheres brancas, muito por conta do seu tom de pele. Uma posição que a coloca como inferior às outras mulheres, principalmente em uma sociedade que possui um histórico escravista e que ainda convive com as suas marcas.

O feminismo negro no Brasil luta para inserir a mulher negra na sociedade e tem em sua militância a luta contra a intolerância religiosa e a valorização das religiões de matrizes africanas, além de ser contra a ditadura da beleza inserido no imaginário da sociedade. Conforme Jarid Arraes (2014)⁸, o feminismo negro é um dos segmentos do movimento, protagonizado por mulheres negras, e que tem o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos.

A socióloga Djamila Ribeiro (2017, p.14), defende que o feminismo negro é o rompimento com a cisão criada numa sociedade desigual: “logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade”.

Retornando à temática da importância da representatividade dos negros nos meios de comunicação, sobretudo no cinema, se entendemos que a forma estereotipada as quais os negros são representados e que a sua total invisibilidade nas instâncias sociais afeta a construção de sua identidade, precisamos também compreender que esses mesmos fatores têm um peso muito maior quando nos referimos à mulher negra. Após o movimento feminista

⁸ ARRAES, Jarid. FEMINISMO NEGRO: SOBRE MINORIAS DENTRO DA MINORIA. Disponível em: < <https://www.revistaforum.com.br/digital/135/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/> >. Acesso em: 27 de fev.2019.

essa nova posição também afeta a reflexão sobre como as mulheres negras são representadas nos meios de comunicação e como se dá essa representação no imaginário social.

Desta forma, após discorrer sobre a representação do negro no cinema, trazemos para discussão um aspecto que a autora bell hooks (1992) propõe: **existe um olhar da espectadora negra?** Esse questionamento se faz necessário uma vez que da mesma forma que por muito tempo a representação do negro no cinema foi bastante carregada de estereótipos, a representação da mulher negra no cinema era feita de forma mais intensa negativamente. Em seu texto *O olhar opositivo – a espectadora negra*, hooks (1992) revisita a discussão sobre a existência do olhar da mulher negra como espectadora. É interessante notar que sua perspectiva ocorre no mesmo período em que Staiger (1992) irá considerar os aspectos histórico-culturais para a análise da recepção cinematográfica. Consideramos, assim, a importância de refletir acerca das particularidades do processo receptivo, até porque, conforme já afirmado anteriormente, o processo de decodificação da mensagem não ocorre de maneira singular e única, mas a partir de diversos horizontes interpretativos. Percebe-se assim que os comentários sobre o filme a respeito da forma como a mulher é vista na narrativa é um dos pontos mais destacados.

Fazendo o mesmo exercício de reflexão sobre os estudos sobre a recepção cinematográfica pelo prisma dos estudos de gêneros e estudos culturais, Mahomed Bamba (2013) pontua:

A figura de um “espectador feminino” acabou se impondo como o oposto de um suposto modo masculino de ver os filmes. De um lado, esta noção supõe uma modalidade de espetatorialidade feminina determinada pela condição de ser mulher numa sociedade patriarcal. Por outro, o postulado de uma leitura feminista ou feminina do filme supõe também modos particulares de apropriação das narrativas e um conflito entre os horizontes de expectativas no espaço da recepção fílmica. Ao mesmo tempo em que uma parte do feminist reader-response criticism dirigia suas críticas desconstrutivistas contra os efeitos opressivos do apparatus no cinema dominante, outra parte se dedicava a um trabalho de reconstrução teórica da espetatorialidade feminina no cinema clássico com base na redefinição da noção de dispositivo e de outras práticas cinematográficas. Em alguns casos, são os discursos sociais, as formas de comunicação estéticas, as conversações pós-filmes que são examinados, descortçados pelos pesquisadores com a finalidade de ler neles tipos de públicos e espectadores culturalmente predeterminados por fatores como o gênero, o sexo (espectador

masculino vs. espectador feminino) ou o sentimento de pertencimento étnico-racial etc (BAMBA, 2013, p.46-47).

Cada vez mais estudos apontam que a forma como a mulher é retratada na mídia reflete e muito na sua própria visão e condição de mulher na sociedade, e essa visão é sempre carregada de estereótipos. Quando falamos ou estudamos sobre a questão da mulher na mídia vemos que por muito tempo o feminino é representado de forma estereotipada, e que na maioria das vezes, há objetificação dos corpos. Entretanto, o modo como a mulher negra é representada nos meios de comunicação carrega, além de caricaturas, um marcador racial bastante emblemático.

Quando um filme como *Pantera Negra* traz em sua trama novas formas de ver e de representar o feminino, ele põe em destaque a importância de se questionar a representação feminina no cinema hollywoodiano:

O entendimento de que parte do combate às representações estereotipadas perpassa o fortalecimento das identidades negras e o não reconhecimento nesses tipos de representação, tem sido pauta dos movimentos de mulheres negras em suas diversas correntes e mostra uma eficácia sobretudo através da interação via redes sociais (ASSIS, 2017, p.132).

3.3 Questão Cultural: A relação dos conceitos de Identidade e de Representação em *Pantera Negra*

Segundo dados do IBGE⁹, mais de 50% da população brasileira é negra. Entretanto a participação de negros no audiovisual ainda é muito pequena. Este é um problema histórico e está diretamente ligado ao processo de colonização do país. Mesmo após a abolição da escravatura os negros viveram uma segregação que traz consequências até os dias atuais.

Conforme Pacheco (2005, p.10), “embora o mercado esteja se tornado [sic] receptivo com a representatividade da imagem do negro em todos os seus segmentos, ele ainda é indiferente, cúmplice, quando não crítico”.

⁹ IZEL, Adriana. Estudo mostra que negros são minoria no audiovisual brasileiro. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/21/interna_diversao_arte,661107/pesquisa-ancine.shtml> Acesso em: 15 jul. 2018.

Não é recente o interesse por estudos sobre a questão racial, entretanto, por mais que sejam considerados poucos os estudos sobre essa temática, as questões sobre etnias, gêneros e classe se intensificaram como prioritárias e vêm dando espaço para o debate desses assuntos.

A questão da representatividade do negro na mídia, por exemplo, ainda é uma problemática que resulta em uma série de debates. Aproximando-se da realidade brasileira, essa questão consegue ganhar novas entonações, já que no Brasil a população negra representa mais da metade da população brasileira:

O negro, que é a maior população do Brasil, comparando aos outros povos que compõem o país (brancos, amarelos e indígenas) convive, todos os dias, com o discurso racista, tendo a sua identidade e cidadania negada e reprimida em todas as áreas da vida, permanecendo sub representados ou invisíveis nas estruturas de poder, nos meios de comunicação e no setor privado (SOUZA; BRAGA, 2016, p.127).

De fato a invisibilidade é um fator marcante neste processo, pois a falta de “reconhecimento” ou de “identificação” afeta as dinâmicas da construção do individual. Nas poucas vezes em que são representados, ainda assim o negro é carregado de estereótipos:

Os velhos papéis se repetem. Do lado negativo, o escravo, a “mulata” lasciva, a empregada doméstica, o preto bobo ou ignorante que faz a gente rir e o bandido. Do lado positivo, o jogador de futebol, o sambista ou aquele personagem que interpreta a exceção: o moço de família humilde que lutou muito e “venceu na vida”. Figuras que não são exclusividade dos produtos de ficção, visto que são assim também apresentados em programas de auditório e em quadros do jornalismo¹⁰ (MIELKE,2017).

Esse cenário nos parece relevante para a compreensão dos textos analisados. O filme *Pantera Negra* emerge uma configuração muito específica social e culturalmente, no Brasil, em que o lugar que a população negra ocupa, tanto na mídia como nos demais espaços sociais, tem sido questionado.

Para Paulo Rogério Nunes, *Pantera Negra* é especial por tocar em temas importantes, como a luta contra o racismo, e pela visibilidade dada ao povo negro, pauta de extrema importância nos dias atuais.

¹⁰ Negros e Mídia: Invisibilidades. Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=29539>> Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

Vale lembrar que Pantera Negra, que tem atores como Chadwick Boseman, Lupita Nyong'o e Michael B. Jordan, torna-se ainda mais relevante dado o momento político nos Estados Unidos (e também no Brasil), onde o tema racial ganhou força no debate público com movimentos como Black Lives Matter e a eleição do presidente Donald Trump. Segundo a instituição YouGov, 74% dos afroamericanos dizem ter interesse em assistir o filme (normalmente apenas 15% dizem ir a filmes da Marvel). Vi essa mesma empolgação em Salvador, numa sessão especial organizada pela Marvel/Disney para artistas e a comunidade local. Vi gente emocionada, muitas eufóricas e a maioria dizendo que era o primeiro filme do tipo que gostavam (NUNES, 2018).

A seguir apresentamos um estudo sobre os discursos avaliativos do filme Pantera Negra, a partir da análise de textos críticos publicados em sites e blogs, no período anterior e após estreia.

4.0 ANÁLISE DO FILME PANTERA NEGRA

Com lançamento no Brasil em 15 de fevereiro de 2018 e orçamento de cerca de US\$ 200.000.000 (duzentos milhões de dólares), a obra cinematográfica se firmou na história da bilheteria dos Estados Unidos e arrecadou uma quantia de US\$ 700.059,566 milhões (setecentos mil e cinquenta e nove reais e cinquenta e sete centavos)¹¹. No Brasil o filme obteve uma recepção interessante. Críticos de jornais, revistas e sítios web/*blogs* de cinema, como também artistas em geral, apontaram vários aspectos positivos do filme. Essa ação foi “determinante” na recepção da obra, pois os discursos avaliativos acerca do filme acabaram por legitimá-lo e consagrá-lo junto ao público, tanto que o filme teve um lançamento acompanhado de uma série de manifestações nas mídias, como por exemplo o caso da estudante que levou mais de 200 crianças de uma comunidade carente para assistir ao filme em Porto Alegre¹².

É válido destacar que temos como objetivo analisar críticas e textos/comentários sobre o filme, tendo-os como instância da recepção,

¹¹ Pantera Negra finaliza sua passagem nos Estados Unidos com bilheteria superior a US\$ 700 milhões. Disponível em: <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2018/08/pantera-negra-finaliza-sua-passage-nos-estados-unidos-com-bilheteria-superior-a-us-700-milhoes>> Acesso em: 20 de março de 2019

¹² Jovem leva mais de 200 crianças para assistir ‘Pantera Negra’. Disponível em <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,jovem-leva-mais-de-200-criancas-para-assistirem-pantera-negra,70002201601>> Acesso em: 23 de março de 2019

conforme abordado no capítulo 2. Assim, aqui consideramos como vestígios de recepção, matérias publicadas em jornais e/ou revistas, sites de críticas especializadas, blogs sobre cinema, e demais sites eletrônicos, em conjunto com comentários sobre o filme em geral.

Muitos consideram o filme um marco da representatividade racial, não apenas pelo fato de ter um negro como protagonista no papel de herói, mas também pelo elenco ser composto majoritariamente por atores negros. O diretor e os demais responsáveis pela produção também são negros e a obra surge em momento em que as questões raciais e de gênero têm sido debatidas de forma recorrente. Porém, como estamos em um campo de disputa, um grupo nos EUA, ainda na pré-estreia, se organizou para rebaixar a nota do filme no site Rotten Tomatoes¹³. Eles levantaram a campanha: “*Give Black Panther a Rotten Audience Score on Rotten Tomatoes*” (algo como “Dê a 'Pantera Negra' uma avaliação podre no Rotten Tomatoes”, fazendo referência ao nome do site). Enfim, após um ano de sua exibição *Pantera Negra* ainda tem muito o que discutir.

Para mapeamento de nosso estudo fizemos a pesquisa de textos escritos por brasileiros publicados em sites online. Do total de textos identificados, selecionamos quinze, os quais utilizaremos para análise e que serão disponibilizados na íntegra no final da pesquisa no campo Anexos. Para a realização desta pesquisa utilizamos o buscador do *Google*. Como palavras-chave aplicamos os termos: “*Pantera Negra*” e “*Crítica Pantera Negra*” e, a partir de uma leitura minuciosa de cada texto, verificamos quais as temáticas mais recorrentes encontradas, as quais definimos como o “recorte” para a pesquisa. As recorrências foram separadas por temáticas gerais e agrupadas, conforme correlação, criando assim as categorias apresentadas a seguir.

Com exceção de um dos textos, que não consta a data de publicação, a maioria das publicações ocorreu em um período logo após o lançamento do filme no Brasil. Ou seja: dos quinze escritos selecionados, apenas quatro deles foram publicados em período anterior à data oficial do lançamento. Durante o período

¹³ 'Pantera Negra' enfrenta ameaça de ataques de grupos racistas na internet. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/pantera-negra-enfrenta-ameaca-de-ataques-de-grupos-racistas-na-internet-22366148>> 14 de janeiro de 2019

de exibição, textos, matérias e críticas eram publicados, aumentando assim a repercussão da obra. A maioria dos textos destaca que a atuação do diretor Ryan Coogler foi importante para o enredo a que se destina. O filme também se destaca pelas representações feminina, da cultura negra e pelo seu teor político. Entretanto, conforme veremos, em se tratando dos aspectos mais técnicos da obra (trilha sonora, figurino, estética e etc), as teorias foram diversas, principalmente na questão do uso do recurso de computação gráfica. Mais adiante estudaremos esses aspectos de forma aprofundada.

4.1 Amadurecimento da Marvel

Antes de tratarmos propriamente da análise, consideramos pontuar outro aspecto ao qual o filme está inserido: a questão do Universo da Marvel. Detentora de um grande poderio de produções, a Marvel — também conhecida como a “Casa das ideias”, foi criada em 1939 por Martin Goodman e naquela época se chamava Timely Comics — editora responsável pelas produções de revistas em quadrinhos, que só nos anos 60 se tornaria Marvel Comics. Atualmente, a produtora pertence a Disney Company, que a comprou em 2009¹⁴.

Após um bom período vendendo suas produções para outros estúdios (a Fox e a Sony, por exemplo), a Marvel decide produzir seus próprios filmes, nascendo assim o *Universo Cinematográfico da Marvel*. Arrecadando cerca de bilhões por ano e emplacando grandes sucessos um atrás do outro, o estúdio tem como seu carro-chefe produções que retratam as histórias de super-heróis, muitas delas com base em sua própria produção de HQ's.

Por meio da nova companhia, Marvel Studios, a empresa saiu do modelo da venda de direitos autorais para um modelo no qual ela mesma – sendo posteriormente adquirida pelo grupo Walt Disney – possui controle criativo e de desenvolvimento de suas obras. Essa mudança, aparentemente comercial, acarretou uma nova forma de gestão do conteúdo exibido nas telas. A Marvel começou a por em prática o projeto de literalmente transpor para o cinema todo o universo

¹⁴ Walt Disney compra a Marvel em operação de US\$ 4 bilhões. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/economia/walt-disney-compra-marvel-em-operacao-de-us-4-bilhoes-325880.html> t>. Acesso em: 20 de março de 2019.

narrativo contido nas histórias em quadrinhos, o que culminou no filme “Os Vingadores”, de 2012 (MAIA; MESSIAS, 2014, p.2).

O universo ficcional da Marvel, iniciado em 2008, acontece com o lançamento do filme *Homem de Ferro* (Iron Man) que arrecadou cerca de US\$ 585 milhões (quinhentos e oitenta e cinco milhões de dólares). Buscando uma maior aproximação com o público, a editora investiu nas produções que representassem um herói mais “moderno”, estabelecendo uma relação de reconhecimento do telespectador com a história, retratando um semideus mais humano e menos virtuoso.

Foi com a publicação das histórias de heróis como o Quarteto Fantástico, O Incrível Hulk, Homem-Aranha, Homem de Ferro, Thor, Os Vingadores, entre outros – em sua maioria criados por Stan Lee nesse período inicial –, que a Marvel Comics se estabeleceu como a editora que lançou o ‘super-herói moderno’, alguns dos primeiros heróis a apresentar falhas e problemas ‘mais humanos’ (MAIA; MESSIAS, 2014, p.3).

Com a sua nova configuração, o Universo Cinematográfico da Marvel dividiu-se em diferentes fases, as quais possuem um conjunto de histórias interconectadas de heróis individuais, criando assim um universo compartilhado, o que posteriormente dará espaço para o lançamento da obra *Vingadores* (*The Avengers*) em 2012.

[...] a chamada Fase 1 terminou com o lançamento de Os Vingadores (Marvel’s Avengers, Joss Whedon, 2012) e inclui todos os filmes anteriores até Homem de Ferro (Iron Man, Jon Favreau, 2008), já a denominada Fase 2, ainda em progresso, tem início com Homem de Ferro 3 (Iron Man 3, Shane Black, 2013) e se concluirá com Os Vingadores 2: A Era de Ultron (Avengers: Age of Ultron, Joss Whedon, 2015). A dita Fase 3 deverá marcar a presença de um novo herói, o Homem-Formiga, um dos vingadores originais dos quadrinhos que estava faltando. [...] Pode se dizer que cada uma dessas fases constitui um arco-dramático, como se diz em teoria literária, elas são uma espécie de ciclo narrativo (fragmentado ou não) no qual se desenvolve uma história central, nas quais outras estão ligadas (e nesse caso, suas possíveis subtramas ou enredos) (MAIA; MESSIAS, 2014, p.9-10).

Fazendo parte da 3ª fase¹⁵, o filme *Pantera Negra* desponta em um cenário marcado por profundas transformações. Conforme já mencionado anteriormente, a indústria cinematográfica desde o seu surgimento veio se modificando e, assim, alterando o seu modo de fazer e distribuir filmes. O avanço tecnológico proporcionou à indústria cinematográfica diversas mudanças, que serviu para simplificar e inovar os processos de produção dos filmes, proporcionando alcance de novos mercados. Entretanto, devido a esse período de transição, o mercado tornou-se mais concorrente, o que resultou na necessidade da criação de estratégias para atrair a atenção do público. Conquistar (leia-se: “dar atenção ao público”) é um dos fatores que explica as mudanças de posicionamento da indústria cinematográfica. Com o crescimento da discussão acerca das questões étnico-raciais e de gênero, o mercado cinematográfico vem se atentando para a abertura de espaço para o debate de problemáticas que envolvem diversidade e representatividade. Esses temas ganham mais entonação no universo cinematográfico entre os anos de 2016 e 2017, após algumas polêmicas referentes à ausência de atores negros entre as indicações ao Oscar¹⁶ e início de uma série de escândalos, envolvendo denúncias de assédios e abusos em Hollywood¹⁷.

A mudança de posição que vem sendo vista na indústria cinematográfica foi importante para a introdução das temáticas sobre diversidade, conforme podemos perceber com o filme *Pantera Negra* na visão de Tomaz Amorim Izabel, em seu texto publicado no site da *Revista Fórum*:

Por outro, é evidente que esta ascensão é fruto de pressão e lutas populares dos mais variados tipos e que, ainda que não fosse sendo o mundo ainda o mundo da mercadoria, o impacto psicológico e moral que a criação de produtos materiais e imateriais voltados para estes grupos até então invisibilizados é gigantesco com implicações políticas ainda a serem compreendidas – em uma palavra: representatividade. De produtos para cabelos crespos, passando por bonecas negras, Miss Brasil negras, chegando no filme do Pantera

¹⁵ Entenda as fases do Universo Marvel. Disponível em: <<https://falauniversidades.com.br/entenda-as-fases-do-universo-marvel/>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

¹⁶ A polêmica sobre a ausência de negros entre as indicações ao Oscar. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/caderno2/oscar-polemica-racial/>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

¹⁷ Escândalos sexuais derrubam projetos em Hollywood. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/escandalos-sexuais-derrubam-projetos-em-hollywood/>> Acesso em: 15 de abril de 2019.

Negra – finalmente heróis e heroínas com rostos parecidos aos da maior parte das crianças brasileiras (IZABEL, *Revista Fórum*, 07 fev. 2018).

Allan Costa (2018) também pontua sua visão em relação às constantes mudanças no universo cinematográfico:

O filme vende a promessa de ser um manifesto pela diversidade e pelo povo negro, tentando dar vazão a um sentimento de representação de jovens e adultos negros que passaram décadas vendo as telas de cinema e TV dominados por heróis e heroínas brancos, com problemas e padrões de beleza brancos e em que aos negros eram reservados apenas um ou outro papel coadjuvante, muitas vezes de criminosos ou de alívio cômico, deixando evidente o modo estereotipado com o qual Hollywood trata a presença de negros em suas produções (COSTA, *Esquerda Diário*, 25 fev. 2018)

Diante das constantes reclamações acerca da ausência de diversidade em Hollywood, surgem obras que buscam “reparar” essa invisibilidade do negro que tanto a indústria cinematográfica buscou-se nutrir. As críticas em 2016 sobre a ausência de indicações de atores e diretores negros na cerimônia mais importante do cinema mundial possibilitou aumentar as pressões sociais sobre a tomada de consciência em relação à questão de representatividade e diversidade no cenário cinematográfico.

Acompanhando o cenário, um ano antes a Marvel Studios já anuncia em 2015 a produção de um filme solo do primeiro personagem de super-herói negro do seu universo Comics e convida o diretor Ryan Coogler para comandar o projeto do filme *Pantera Negra*. Esse convite representa um reflexo do reconhecimento da validade das reivindicações sociais.

4.2. Um olhar sobre os personagens e os modos de representação

Os textos selecionados deram ênfase aos personagens que compõe a obra, e aqui eles destacam a interpretação dos dois personagens principais, como também a questão do protagonismo feminino presente no filme. A temática da identidade cultural na obra e sua importância para a valorização da cultura negra foi outro ponto abordado na maioria dos textos. Não obstante, o teor

político também se destaca como ponto indicativo para o sucesso do filme. Os aspectos inerentes à produção do filme, como a equipe técnica e os elementos técnicos e estéticos do filme, também se configuraram como categoria recorrente nos textos analisados.

4.2.1 O Pantera Negra

T'Challa é o personagem principal do filme. Interpretado pelo ator Chadwick Boseman (*Get On Up: A História de James Brown, 2014*), onde o jovem príncipe do reino de Wakanda se vê na difícil tarefa de governar sua nação após a morte de seu pai, o rei T'Chaka (interpretado por John Kani). Em resumo a película relata a história do príncipe africano que busca proteger a nação de Wakanda das garras de inimigos que estão interessados em seu minério precioso o *vibranium*, que é o elemento responsável em conceder ao príncipe o poder do então Pantera Negra¹⁸ (Black Panther). Assim, com a morte de seu pai, o sucessor do reino encontra-se diante da missão de proteger a sua nação das garras de Ulisses Klaue, antigo vilão de Wakanda.

T'Challa é o Pantera Negra – um rei justo, Vingador nobre e temível guerreiro. Sob sua liderança, a nação africana de Wakanda floresceu como um dos países tecnologicamente mais avançados do mundo. Embora ele seja um membro de carteirinha dos Vingadores, sua primeira lealdade é com seu povo, e ele irá defendê-lo até seu último suspiro¹⁹ (MARVEL, 2018).

Baseado no super-herói da Marvel Comics, a primeira aparição do personagem – e sua história como um todo – ocorreu em 1966, na *The Fantastic Four #52*. Stan Lee e Jack Kirby²⁰ são os responsáveis pela criação do herói,

¹⁸ [...] guerreiro mítico da cultura wakandiana, que usa de uma erva local para aumentar sua força e destreza. (JUNIOR, 2010, p.43)

¹⁹ Disponível em: < <https://www.marvel.com/comics/discover/460/black-panther>> Acesso em: 23 de março de 2019

²⁰ Stan Lee e Jack Kirby – ambos editor, roteirista e desenhista, são os responsáveis pela criação de grandes personagens de super-herói do universo HQ, presente no imaginário de diversas pessoas e nas telonas. Além do *Black Panther*, Lee e Kirby também criaram outros famosos personagens como: Capitão América, Homem-Aranha, Hulk, Homem de Ferro e entre outros.

que pode ser considerado como o primeiro super-herói negro da história dos *Comics* (JUNIOR, 2010, p.34).

Na história contada nas HQs, o herói já incorporava em sua trajetória o debate acerca das questões raciais, tanto que a criação do personagem por muitos é associada ao início dos movimentos civis nos EUA. Natália Bridi escrevendo para o site *Omelete*, ao iniciar seu texto já pontua sobre a capacidade do *Pantera Negra* em abordar questões sobre diversidade e representatividade.

Com sua estreia na *Fantastic Four #52*, em julho de 1966, *Pantera Negra* comprovava mais uma vez a capacidade dos quadrinhos de captar a situação social ao traduzir em cores e ação o Movimento pelos Direitos Civis nos EUA. Mais de 50 anos depois, o herói ganha seu filme solo não apenas para atender a necessidade por diversidade e representatividade no cinema. *Pantera Negra* é um manifesto cultural, sem medo de falar sobre as questões raciais nos EUA, passadas e atuais, ao mesmo tempo em que faz um filme de super-herói empolgante e universal (BRIDI, *Omelete*, 06 fev. 2018).

Por mais que seus criadores – Stan Lee e Jack Kirby – afirmassem que a origem do herói não teria relação com a fundação do partido *Panteras Negras* (1966), a criação do personagem tem uma relação muito intrínseca com o movimento:

No mesmo período da criação do personagem pela Marvel, ocorre o surgimento do Black Panther Party for Self-Defense (Partido dos Panteras Negras para AutoDefesa) uma organização concebida como frente de proteção aos bairros afroamericanos contra a violência policial que crescia mais e mais em todo o país. Mais tarde, os seus criadores Bobby Seale e Huey P. Newton expandiram sua filosofia, evoluindo rapidamente o grupo, que passou a se chamar somente The Black Panther Party (O Partido dos Panteras Negras) (JUNIOR, 2010, p. 34)

A relação com o movimento também foi determinante para o processo de mudança do nome do personagem, que após recorrente reclamação do público voltou ao título original, conforme conta Costa (2018):

[...] O *Pantera Negra* foi o primeiro herói negro com superpoderes e também o primeiro a ter uma revista própria. Os criadores chegaram a tentar evitar a coincidência entre o nome do herói e do partido temendo algum tipo de impopularidade e alteraram o nome dele para “Leopardo Negro”, mas no auge da expansão e popularização do Partido dos Panteras Negras, a desaprovação dos leitores fez com

que voltassem atrás e mantivessem o nome original (COSTA, *Esquerda Diário*, 25 fev. 2018).

No cinema, a primeira aparição do personagem foi no filme *Capitão América: Guerra Civil* (2016), entretanto só em 2018 é lançado o filme solo do herói. A trama recentemente lançada traz no seu enredo marcas de representatividade, por tem um herói negro como protagonista da história. A atuação do personagem também foi destaques nos textos selecionados.

Chadwick Boseman é um ator norte-americano, que além do sucesso com o personagem T'Challa/Black Panther (2016 e 2018), interpretou outros personagens principais, como: ²¹*Jackie Robinson in 42: A História de uma Lenda* (2013), *James Brown in Get on Up: A História de James Brown* (2014), and *Thurgood Marshall in Marshall: Igualdade e Justiça* (2017).

Figura 1 - Pantera Negra (Chadwick Boseman)



Fonte: Walt Disney / Marvel (2018)

No evento de premiação SAG Awards, o ator em seu discurso fez algumas declarações acerca do sucesso do filme ²²: “[...] Sabemos como é ser

²¹ Chadwick Boseman - Biografia. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm1569276/bio?ref_=nm_ov_bio_sm> Acesso em: 20 de abril de 2019

²² O discurso completo e na íntegra pode ser encontrado na matéria: 'Pantera Negra': O discurso poderoso de Chadwick Boseman no SAG Awards. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/pantera-negra-sag_br_5c4eed43e4b0287e5b8ca613> Acesso em: 20 de março 2019.

informado de que não há uma tela para você aparecer, um palco para você brilhar. Nós sabemos o que é estar embaixo, nunca em cima. [...] Que poderíamos ser seres humanos completos nos papéis que estávamos desempenhando, que poderíamos criar um mundo que exemplificasse um mundo que queríamos ver [...].

Essa fala do ator vai em direção à o que o movimento de defesa dos direitos dos negros tem questionado. Ao fazer uma reflexão crítica sobre as representações raciais, o movimento parte da perspectiva de que os meios de comunicação exercem a função de produtores de significações, logo eles interferem no modo pelo qual o negro é visto, a partir da geração de signos que são compartilhados em sociedade, conforme afirma o crítico Ivanildo Pereira no site *Cineset*:

[...] As HQs influenciaram a realidade? Ninguém parece ter uma resposta definitiva para isso, mas esse fato demonstra como os criadores dos quadrinhos Marvel estavam atentos ao que estava acontecendo no país e no mundo, e usavam isso como combustível para a fantasia (PEREIRA, I. *Cineset*, 19 fev. 2018).

Antes de *Pantera Negra* outros heróis negros já faziam parte do cenário das HQ's e do universo cinematográfico. Logo, vale pontuar que *Pantera Negra* não é o primeiro filme que trata — mesmo que de forma indireta — sobre a representatividade racial. Há uma série de filmes com protagonistas negros, que buscam também tratar dessa temática²³. Ele também não será o primeiro herói negro no universo da HQ representado nas telonas. Entretanto, conforme já comentado anteriormente, *Pantera Negra* é o primeiro personagem negro que pode ser considerado um herói, o qual é protagonista de um filme de um estúdio de grande sucesso. Conforme aponta o também crítico Pablo Villaça (2018) em seu texto no site *Cinema em Cena*:

²³ Confira lista de filmes que trouxeram representatividade negra aos cinemas, publicado pelo site Cineclick. Algumas obras são protagonizada ou possuem em seu elenco atores que estão presentes em *Pantera Negra*. Disponível em: <<https://www.cineclick.com.br/galerias/negros-nas-telonas#30>>. Acesso em: 20 de março de 2019.

É difícil, portanto, mensurar a importância de uma obra como *Pantera Negra*, que, mesmo não sendo o primeiro longa do gênero protagonizado por um super-herói negro (*Balde*, *Homem Meteoro*, *Spawn* e *Mulher-Gato* vieram antes, por exemplo), é definitivamente o primeiro a ter tratamento de superprodução, elenco e equipe negros, contar com uma verba de marketing multimilionária e ter, como resultado, a oportunidade de atingir um público colossal ao redor de todo o planeta. Que ainda seja um filme tão bom é um bônus mais do que bem-vindo. (VILLAÇA, *Cinema em Cena*, 08 mar. 2018)

Além do personagem principal, outros personagens merecem nossa atenção, como é o caso do vilão da história Killmonger, inimigo do *Pantera Negra*. Esse personagem exercerá um papel importante na trama, pois além de representar o rival, sua relação como o príncipe T'Challa ocorre de forma particular.

4.2.2 O Antagonista

A princípio, o príncipe T'Challa possui como inimigo dois personagens, que são os vilões da trama: Ulisses Klaue (Andy Serkis) – conforme será apresentado posteriormente – e N'Jadaka/Erik Killmonger (Michael B. Jordan). Entretanto, o último será o vilão a exercer papel crucial no filme, dando profundidade à trama, chegando a despertar a simpatia do público. Conforme pontua Ivanildo Pereira (2018):

Quem também traz profundidade ao filme é o vilão, o mais interessante que o Marvel Studios já conseguiu criar em suas produções. Jordan é imponente e muito carismático no papel, e é curioso ver como ele é mais emocional que o herói. Erik faz o que todo grande antagonista faz, nos faz questionar o herói e seus métodos – não fosse a presença de T'Challa e a força de *Boseman*, seria o primeiro caso de filme Marvel no qual o vilão rouba definitivamente a cena (PEREIRA, I. *Cineset*, 19 fev. 2018).

O ator Michael B. Jordan é o responsável por dar vida ao Killmonger, primo do rei T'Challa, que após a morte de seu pai busca vingança. A maioria dos textos analisados aponta a figura de Killmonger como o personagem mais complexo da história:

Erik Killmonger (Michael B. Jordan) é o reflexo de T'Challa (Chadwick Boseman), mas Coogler subverte positivamente o clichê do herói contra si mesmo para estabelecer um paralelo rico e oportuno. Killmonger não é apenas um obstáculo a ser superado para que o Pantera acredite na própria força. Ele é o outro lado da moeda, uma oportunidade de reflexão sobre o legado de Wakanda e o alcance da sua responsabilidade. (BRIDI, *Omelete*, 06 fev. 2018)

Em paralelo ao elogiado desempenho do ator, o vilão traz na construção de seu personagem um histórico de lutas e vivências, carrega marcas de violência simbólica sofrida quando criança, o que talvez seja um dos pontos que explique a simpatia que o personagem despertou no público.

[...] o vilão Killmonger, de Michael B. Jordan, em uma interpretação que realmente nos convence de seus propósitos e nos leva às principais reflexões do filme, chegando a despertar o carisma dos espectadores, afinal, seu personagem vem das violentas ruas de Oakland e vivencia todas as mazelas aos quais negros americanos estão expostos, principalmente os mais pobres. É um vilão em busca não apenas de vingança, mas de transformar a realidade dos negros através da força (COSTA, *Esquerda Diário*, 25 fev. 2018).

Killmonger é construído como um personagem que nutre um sentimento de vingança por acontecimentos no passado que trouxe consequências para sua vida e interferiu no modo como o personagem vê a nação Wakanda. Na perspectiva de mudar a realidade de vários povos ele busca o revide a qualquer custo. Segundo Marina Val (2018), o desenvolvimento do personagem se torna “mais natural” devido ao fato de sua história estar sustentada por esses acontecimentos.

Como as discussões sobre o papel de Wakanda no mundo são bem ponderadas, o desenvolvimento do grande vilão se torna mais natural. As motivações de Killmonger (**Michael B. Jordan**) são totalmente compreensíveis, embora não seja possível concordar com os métodos extremos que ele usa para executar seu plano. Quando ele entra em cena, não há espaço para humor ou piadinhas. A causa dele é séria, assim como suas críticas ao colonialismo e a determinação para alcançar seus objetivos (VAL, *Jovem Nerd*, 06 fev. 2018)

Michael B. Jordan, assim como Boseman, também é um ator norte-americano, conhecido por interpretar Tocha Humana em *Quarteto Fantástico* (*Fantastic Four*, 2015) — também da Marvel Comics, tendo um histórico em produções desde 2002. Jordan tem se destacado por outras produções, como

no caso do longa *Fruitvale Station: A Última Parada* (2013), que conquistou vários prêmios e *Creed: Nascido para Lutar* (2015), dois projetos assinados por Ryan Coogler, o que demonstra a relação de parceria do ator com o diretor. É o que sinaliza o estudante de cinema Ettore R. Migliorança em seu texto ao site *Mnemocine*:

E por fim, talvez o maior mérito do filme, se deve ao vilão Killmonger, interpretado pelo parceiro de sucesso de Ryan Coogler, Micheal B. Jordan. Juntos, a dupla quebrou a sina que assombra os filmes da Marvel, que é recorrer a vilões fracos com motivações genéricas, criados apenas para engrandecer o herói protagonista. Aqui, as motivações de Killmonger estão atreladas às questões debatidas pelo filme, e mesmo sendo controversas, são totalmente compreensíveis por parte do grande público, fornecendo um bom embate de ideias entre o protagonista e o vilão sobre a preservação de Wakanda [...] (MIGLIORANÇA, *Mnemocine*, 19 fev. 2018)

Figura 2 - Killmonger (Michael B. Jordan)



Fonte: Walt Disney / Marvel (2018)

Assim, o filme aborda a moralidade dos personagens principais, por meio das questões retratadas por eles, apresentando um vilão com motivações reais que chega a questionar os princípios e atitudes do herói. O que destaca a inspiração shakespeariana para trama, apontada pelo crítico Francisco Russo no site *Adoro Cinema*:

Outro aspecto que merece destaque são os dois vilões do filme, bem superiores à média existente na Marvel. Se Andy Serkis encarna um personagem exagerado, daqueles que tiram sarro de todos e curtem a maldade intrínseca, Michael B. Jordan apresenta um viés oposto,

raivoso e muito bem fundamentado com base em uma tragédia familiar tipicamente shakespeariana [...] (RUSSO, *Adoro Cinema*, 2018).

Na obra, a morte do vilão é utilizada para representar o período da escravidão e suas consequências, principalmente em sua fala final, quando o personagem diz preferir morrer à servidão²⁴: “[...] *só me joga no oceano, como os meus ancestrais que se jogaram do navio, já que sabiam que a escravidão era pior que a morte*”. Analisando o enunciado, podemos correlacionar ao que LIMA (2009, p.11) observa sobre as revoltas dos negros contra a escravidão, em que o suicídio por afogamento era sinônimo de saída para tal condição, “*que além de os livrarem da vida amarga e dos castigos que lhe eram impostos, acreditavam que morrendo nas águas dos rios, libertariam a alma para fazer a travessia de volta à sua terra*”. Em sua fala final, o vilão explana ao herói sua motivação:

Motivado não por ambições megalomaniacas ou (apenas) por vingança, o sujeito ressentido a omissão de Wakanda diante do sofrimento das populações negras em todo o mundo, mostrando-se determinado a empregar o vibranium para patrocinar uma verdadeira insurreição racial em larga escala – e é particularmente relevante que ele demonstre admiração irrestrita por seus antepassados que saltaram dos barcos que os levavam da África rumo à escravidão, preferindo o afogamento à servidão (VILLAÇA, *Cinema em Cena*, 08 mar. 2018).

Entretanto, Felipe Pereira escrevendo para o site *Vortex Cultural*, discorda da maioria dos textos que enfatiza a atuação de Jordan. Ele considera que em relação aos outros atores e o plano de fundo do personagem, Michael B. Jordan não foi capaz de expressar toda raiva que carrega o vilão Killmonger.

[...] o destaque negativo é **Michael B. Jordan**, que apesar de ter um plano de fundo com problemas reais e ser um personagem implacável, sua interpretação por vezes soa bidimensional, e incapaz de expressar toda a raiva que carrega por ter sido rejeitado por aqueles que deveriam tê-lo acolhido. Ao final, ele ainda tem uma possibilidade de melhorar isso, mas o texto não colabora, se tornando mais um vilão bobo e sem sentido no universo cinematográfico da Marvel (PEREIRA, F. *Vortex Cultural*, 15 fev. 2018)

²⁴ Killmonger em *Pantera Negra* (2018).

É a mesma sensação apontada pelo autor Alepitekus no site *Combo Infinito*, que pondera que a Marvel poderia ter explorado mais o enredo em torno dos vilões, principalmente no caso de Killmonger:

Killmonger tem uma relação especial com o príncipe de Wakanda e o início dessa abordagem funciona bem. Acontece que a história gira em torno da fórmula muito batida da vingança. Sabemos que ela funciona, porém a Marvel pode muito bem buscar novas alternativas para motivar os inimigos. Lembrando que temos muito disso no UCM. Não quero cometer nenhuma injustiça, pois a história não é ruim, mas eu vejo a Marvel em uma zona de conforto perigosa. (ALEPITEKUS, *Combo Infinito*, 06 fev. 2018).

Além das questões já mencionadas, referente às diferentes perspectivas dos personagens principais e o conflito familiar, alguns críticos associaram a relação entre T'Challa e Killmonger com a trajetória de Malcolm X e Martin Luther King²⁵. Em seu texto, Francisco Russo considera que:

[...] o conflito existente entre T'Challa (Chadwick Boseman) e Killmonger (Michael B. Jordan) pode facilmente ser apontado como reflexo dos ideais de Martin Luther King e Malcolm X sobre a posição dos negros na sociedade norte-americana, lá nos anos 1960 (RUSSO, *Adoro Cinema*, 2018).

Um vilão com motivações reais que traz profundidade para a trama. É o caso de Killmonger, que diferentemente de T'Challa, se sustenta no contexto da população negra nos EUA. As questões por detrás das narrativas presentes em cada um dos personagens principais concorrem para o entendimento e o destaque da narrativa do filme.

²⁵ Líderes de movimentos de defesa dos negros nos Estados Unidos, Malcolm-X e Martin Luther King, são ícones da luta contra o racismo nas décadas de 50 e 60. Malcolm-X com um discurso mais enfático, defendia o conceito de superioridade negra, ele recusava a igualdade racial e a integração à sociedade branca defendendo o separatismo dos negros e afirmando que a violência era um recurso aceitável para a autoproteção, se apunhava aos princípios defendidos por Luther King, que com um discurso pacifista defendia os direitos civis dos negros e pela não violência. Veja mais na matéria do Jornal da USP: **Malcolm-X e Martin Luther King, ícones da luta contra o racismo**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/malcom-x-e-martin-luther-king-icone-da-luta-contra-o-racismo/?amp> . Acesso em: 23 de abril de 2019

4.2.3 Outros personagens masculinos: *Ulisses Klaue, Everett Kenneth Ross, W'Kabi e M'Baku*

Além dos personagens principais, outros personagens exercem funções importantes para a trama. *Garra Sônica*, como também é conhecido o personagem Ulisses Klaue ou Klaw, interpretado por Andy Serkis — *King Kong (2005)*, a *franquia Planet of the Apes* e *Star War: The Force Awakens (2015)*. O ator britânico foi incumbido de representar o vilão nas telonas. O arquirrival do Pantera Negra foi o responsável por atividades terroristas desde os eventos de *Vingadores: Guerra Infinita (2018)*, e após ser responsável pela morte do Rei T'Chaka, o vilão retorna a ameaçar a nação Wakanda em busca do *Vibranium*. A atuação de Serkis é bastante elogiada, como indica Sihan Felix ao *Canaltech*:

Klaue, no que lhe diz respeito, é um vilão loucamente crível. Se suas atitudes são anárquicas e organizadas ao mesmo tempo e seu pretexto põe em cheque a bondade do trono de Wakanda – dimensionando ainda mais aquele macrocosmo –, é Andy Serkis que se prova um coringa, um ator que pode definitivamente ir muito além de personagens baseados na captura de movimentos. Seu ar insano remete instintivamente ao vilão mais icônico do universo paralelo da concorrência imediata, a mesma que ecoa entre os fãs mais partidários. É insana, portanto, a sua despedida precoce e curioso o sentimento de triste reprovação quando da sua morte (FELIX, *Canaltech*, 16 fev. 2018)

Figura 3 - Ulisses Klaue (Andy Serkis)



Fonte: Walt Disney / Marvel (2018)

O ator Martin Freeman – *Sherlock* (2016), *The Hobbit* (2012) e *The Office* (2001 – 2003), tem uma participação mais tímida na obra. Interpretando o agente da CIA Everett Kenneth Ross, ele participa de um dos acontecimentos mais importantes da trama, que foi ajudar Pantera Negra a derrotar Killmonger.

Figura 4 - Everett Kenneth Ross (Martin Freeman)



Fonte: Walt Disney / Marvel

Diferente do crítico Thiago Sampaio, que escreve para o site da *Associação Cearense de Críticos de Cinema - ACECCINE* e que considera que o personagem de Freeman foi importante para o desdobrar da trama, o crítico Pablo Villaça (2018), não vê o personagem como um aliado do príncipe T'Challa, pelo contrário, ele considera o personagem descartável para a história:

[...] é justamente por revelar uma empatia tão grande pela causa de Killmonger que não deixa de ser decepcionante que o roteiro sinta a necessidade de incluir não apenas um personagem branco entre os heróis, mas um que pertence à mesma CIA que tanto interferiu (e interfere) nas democracias africanas para beneficiar os interesses norte-americanos – e não é à toa que o agente interpretado por Martin Freeman parece sempre deslocado e descartável na narrativa (VILLAÇA, 2018).

Já o personagem W'Kabi – interpretado por Daniel Kaluuya, ator britânico conhecido pelos trabalhos em *Corra!* (2017) e *Black Mirror* (2011), comandante da Tribo Borda – é o melhor amigo de T'Challa. Entretanto ele se revoltará com o então príncipe de Wakanda, indignado pela não captura do antigo vilão da nação, e quando Killmonger aparece para cobrar dívidas do passado:

[...] se a um momento torce apaixonadamente pelo rei, rebela-se motivado de forma rala pela não captura de Ulysses Klaue (Andy Serkis) pelo Pantera Negra e, em seguida, por ver Erik trazendo o vilão embrulhado (FELIX, *Canaltech*, 16 fev. 2018).

Figura 5 - W'Kabi (Daniel Kaluuya)



Fonte: Marvel / Divulgação (2018)

O líder da tribo das montanhas, a Tribo Jabari — o personagem M'Baku, interpretado por Winston Duke (*Person Of Interest*) —, se no primeiro momento poderia ser considerado um poderoso rival do Pantera Negra ao trono e por discordar da forma como a nação é governada, após a sucedida investida de Killmonger, com amor à nação abandonará a rivalidade inicial e exercerá papel crucial para a vitória do T'Challa e proteção de Wakanda sucessivamente.

Mesmo não tendo o mesmo destaque dos personagens principais, percebe-se, conforme análise dos textos, que cada um desses personagens exerce seus papéis de forma específica que contribuem para proposta do filme.

Figura 6 - M'Baku (Winston Duke)



Fonte: Walt Disney / Divulgação (2018)

4.2.4 As Protagonistas: Personagens Femininas

Por fim, mas não menos importante, as personagens femininas desempenham papéis de destaque no filme. No tocante à participação feminina, os textos ressaltam o papel das mulheres, e elas são consideradas as reais protagonistas da trama.

Apesar de o filme buscar contar a história da trajetória do herói Pantera Negra, Ryan Coogler em conjunto com Joe Robert Cole, dá luz a algumas personagens femininas que desponta na questão do protagonismo feminino, como Nakia, Okoye, Shuri e Ramonda. A autora Ieda Marcondes, em seu texto no site *Teleguiado*, considera a presença feminina crucial para a história. Para ela, por mais que o centro do filme esteja na relação conflituosa de T'Challa e Killmonger, são as mulheres que vão ter destaque:

[...] são as mulheres de “Pantera Negra” que fazem o filme: Lupita Nyong’o como a agente Nakia, Danai Gurira como a General Okoye e Letitia Wright como a genial Shuri, sem falar de Angela Basset como a Rainha Ramonda. São quatro personagens femininas fortes, bem concebidas, com personalidades distintas e que mudam o curso da história (MARCONDES, *Teleguiado*, 19 fev.2018).

Lupita Nyong’o, Danai Gurira e Letitia Wright interpretam Nakia, Okoye e Shuri respectivamente, personagens que completam o “time” de guerreiras do

filme, cumprem mais o papel de dar sentido à obra e também às cenas que garantiram audiência — às cenas dos combates. Os momentos em que aparecem são episódios importantes para a narrativa pela repercussão que causaram e, principalmente, para questão do protagonismo feminino. Desta forma entendemos que o diretor Ryan Coogler não as deixará de fora do filme *Pantera Negra 2*, onde sua participação já foi confirmada. O filme tem previsão de lançamento em 2020²⁶.

Pantera Negra é também um ícone na representação feminina. Tanto com Lupita Nyong'o quanto com Danai Gurira e a ótima Letitia Wright, o filme traz mulheres fortes e decididas, com posição de destaque na estrutura de poder de Wakanda. Além disto, o trio surge muito bem na composição de suas personagens, especialmente na divertida dinâmica entre irmãos envolvendo Shuri e T'Challa (RUSSO, *Adoro Cinema*, 2018)

As mulheres no filme ocupam um papel central, convocando o debate sobre a igualdade de gênero no cinema *blockbuster* contemporâneo. A criação das quatro personagens femininas concorre com as disputas discursivas acerca da forma a qual a mulher é representada na mídia. São essas quatro personagens que evidencia a importância da representatividade da mulher no cenário midiático como guerreiras, inteligentes e sábias. Cada uma delas atua de forma marcante na obra. É o que Artur Francischi no blog *Prosa Livre* afirma:

As mulheres do filme também chamam – e muito – a atenção. É importante falar sobre as Dora Milaje, a guarda que serve a família real, a qual é toda composta por um time feminino. Inspiradas nas guerreiras Ahsò, um exército somente de mulheres africanas, as Dora Milaje trazem mulheres negras de diferentes cores e poderosas, lideradas por Okoye (Danai Gurira). Nakia (Lupita Nyong'o) é ex-namorada de T'Challa, mas nem por isso é mais uma donzela em perigo. Pelo contrário, ela não espera para ser salva e também luta e tem suas motivações pessoais. E como esquecer de Shuri (Letitia Wright)? Princesa de Wakanda, ela é cientista e é também a mulher mais inteligente da Marvel, responsável pela tecnologia de seu país. (FRANCISCHI, *Prosa Livre*, 18 fev. 2018).

²⁶ Disponível em:<<https://cinepop.com.br/pantera-negra-2-e-confirmado-pela-marvel-studios-168817>>. Acesso em: 23 de abril de 2019.

Figura 7 - As Dora Milaje (Danai Gurira, Florence Kasumba)



Fonte: Marvel (2018)

Okoye interpretada pela atriz Danai Gurira — embaixadora da ONU mulheres²⁷, famosa pela série “The Walking Dead”, é a líder das *Dora Milaje* (grupo de guerreiras da nação africana Wakanda). Extremamente orgulhosa por defender sua nação e lutar pelas tradições, a guerreira apesar de mostrar um lado sério, possui também um senso de humor inesperado. Casada com W’kabi, se mostra fiel à sua nação e, pensando no bem de Wakanda e na segurança dos líderes, chega a ponto de se vê em conflito com o seu próprio marido.

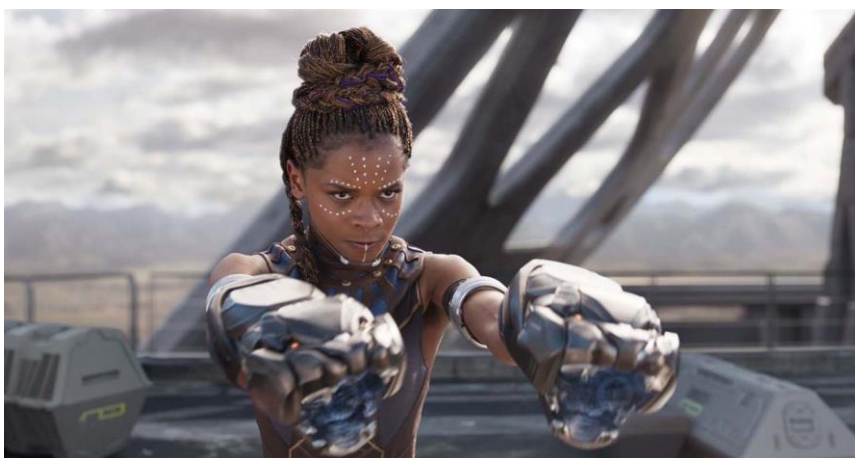
Nakia é a agente secreta das Dora Milaje. Representada por Lupita Nyong’o — Oscar de melhor atriz por sua atuação em “12 Anos de escravidão” —, a personagem é apontada como tendo interesse romântico no príncipe T’Challa. Todavia a espiã não se deixa apenas definir como tal e nem se enquadra como uma donzela em perigo. Atuando como guerreira ao lado de suas companheiras da Dora Milaje, de Shuri e do herói Pantera Negra, embarca num grande confronto para proteger a nação.

Shuri tem um papel importante desde o início do filme. A princesa, irmã caçula de T’Challa, é interpretada pela atriz Letitia Wright, também presente na série *Black Mirror*. É ela o cérebro da nação, responsável pela sofisticada tecnologia avançada do país, e pela criação dos apetrechos tecnológicos e

²⁷ Danai Gurira, estrela de ‘Pantera Negra’ é nomeada embaixadora da ONU Mulheres. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/danai-gurira-estrela-de-pantera-negra-e-nomeada-embaixadora-da-onu-mulheres/>>. Acesso em: 14 de jan. 2019.

adequações na armadura do Pantera Negra. Sua inteligência é o que a faz ser comparada e até considerada melhor que o personagem Tony Stark (Iron-man), como Sihan Felix (2018), afirma: “*Shuri (Letitia Wright) — irmã de T’Challa — faz perceber o quanto um Jarvis está superado lá em outro continente e o quanto um Tony Stark, coitado, pode aprender com sua genialidade tecnológica*” (FELIX, *Canaltech*, 16 fev. 2018).

Figura 8 –Shuri (Letitia Wright)



Fonte: Walt Disney / Marvel (2018)

Angela Bassett é a atriz por detrás da personagem da Rainha Ramonda, considerada como a “voz da sabedoria” para os críticos, por ser uma das conselheiras do reino: “[...] Soma-se a essas mulheres fantásticas o poder da rainha-mãe Ramonda (Angela Bassett) predecessora da coragem do Pantera Negra, além de veterana sacerdotisa” (FELIX, *Canaltech*, 16 fev. 2018)

Figura 9 - Ramonda - Angela Bassett



Fonte: Walt Disney /Divulgação (2018)

Assim como acontece com o filme *Mulher-Maravilha* (DC Comics) em 2017 e recentemente *Capitã Marvel* (2019), as discussões acerca dos papéis assumidos pelas mulheres no filme é um ponto de reflexão. Ao criar uma super-heroína, como no caso da Mulher-Maravilha, a personagem torna-se um símbolo do poder feminino. Claro que existe toda uma discussão em torno de alguns aspectos da personagem, mas que não cabe aqui se aprofundar — e sua representatividade. Em *Pantera Negra* as mulheres são sinônimo de guerreiras, rainhas, inteligentes e sábias. Ao contrário de outras produções, em que os papéis destinados às mulheres em sua maioria são reduzidos à papéis comuns, retratadas em sua larga maioria pelo viés da objetificação do corpo, assumindo um papel subalterno na narrativa, à nenhuma mulher é permitida a participação das discussões ou a possibilidade de possuir algum desempenho de liderança dentro do grupo. Os críticos Allan Costa e Tomaz Izabel conseguem resumir bem o que a maioria dos textos pontuam sobre as personagens femininas e o que representam na trama:

A quantidade de mulheres no eixo principal do filme e com destaque em todas as cenas de ação também é um exemplo do “espírito de época” e do anseio por representatividade, as “Dora Milaje”, guarda pessoal do Rei de Wakanda que é formada apenas por mulheres chama atenção pelo visual e atitude de disciplina e força; Shuri, irmã de T’Challa, tem o domínio tecnológico mais avançado do planeta, sem falar nas líderes do conselho real que se colocam ativamente em todas as discussões. Aqui se explora largamente a imagem de mulheres fortes, em cargos de inteligência e estratégia, assim como é uma forma

de fazer referência às tradições matriarcais de tantas civilizações africanas antigas (COSTA, *Esquerda Diário*, 25 fev. 2018).

[...] Guerreiras, espiãs, rainhas e cientistas, as mulheres de Wakanda são tão ou mais fundamentais para a manutenção do reino e por suas políticas quanto o jovem rei. Elas não estão reduzidas ao papel comum de conselheiras, carpideiras ou sacerdotisas. (O sacerdócio, aliás, é feito brilhantemente por Forest Whitaker que traz algo de placidez mística de seu Ghost Dog). O enredo não deixa dúvida de que sem seu suporte e orientação, T'Challa não poderia cumprir a tarefa de manter Wakanda em segurança. [...]. Wakanda cativa tanto porque cada personagem ajuda a apresentar um dos seus aspectos – a vida rural na fronteira, as tribos isoladas nas montanhas, o laboratório tecnológico, a vida de corte, as missões no exterior e o exército. Sobretudo as três atrizes principais ajudam a estruturar esses espaços. (IZABEL, *Revista Fórum*, 07 fev. 2018)

Esse reconhecimento acerca da importância de como o feminino é representado, corrobora com os recentes debates sobre a representação da mulher na mídia. É importante ressaltar que antes disso, as mulheres já reivindicavam um “lugar na sociedade”. Se olharmos em especial a questão da mulher negra, veremos que dentro dos movimentos de defesa dos negros, elas já atuavam de forma determinante.

O que é mostrado é uma terra em que as tradições são honradas e as mulheres são fortes, tão guerreiras como os homens que ali estão. No momento em que o vilão impõe ameaça, elas se juntam fazendo um cerco para o combate. (SAMPAIO, *Aceccine*, 24 fev. 2018)

Em entrevista dada ao Observatório do Direito à Comunicação em 2010, Ana Paula Maravalho — uma das organizadoras do Seminário Mulheres Negras Nordestinas e Conselheira Gestora do Observatório Negro, questionada sobre o que significa promover a democratização racial da comunicação, já levantava registros sobre a invisibilidade negra na mídia:

É justamente a gente ter a presença da população negra na mídia sob uma perspectiva diferenciada, porque atualmente, com os exemplos que a gente vem levantando, a televisão não representa a população negra com igualdade. A mídia ainda está cheia de estereótipos. Nem na Suécia a gente vê tão pouco negro na televisão. Eu já tive a oportunidade de morar na França e pude ver que, lá, apesar de toda perseguição atual do governo, você encontra repórter negro, árabe na TV. Eu posso dizer até que vi mais Miss França negra do que no Brasil, que até hoje eu só vi a Deise Nunes de Souza²⁸.

²⁸ “A mídia está cheia de estereótipos da mulher negra”. Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=24112>>. Acesso em: 13 de maio de 2019

A invisibilidade da mulher negra também é perceptível nas produções audiovisuais, que ainda segue com pouca representatividade²⁹. Assim, considerando que a situação da mulher negra na sociedade e em especial na sociedade brasileira, vale dizer que essas mulheres sofrem duplamente, a opressão do machismo e do racismo e, muitas vezes são ignoradas por homens negros, conforme destaca bell hooks (2000). Veremos que o filme ao abordar essas questões torna-se um produto cultural muito mais interessante pelo resgate de temáticas que aciona.

4.3 Identidade Cultural

Desde que foi anunciado que o herói negro ganharia uma produção exclusiva, o filme vem sendo foco das atenções do público. Entre as questões que concorrem para o esclarecimento desse sucesso, está o fator representativo. Diferente de muitas outras produções tanto do cinema como no meio televisivo, o negro em *Pantera Negra* pode então se reconhecer no filme, pois, além da obra trazer aspectos que afirmem sua identidade, a forma ao qual o negro é representado não é carregada de estereótipos e estigmas que a sociedade possui desse grupo.

Desde o processo de colonização que os negros estão marginalizados e invisibilizados na sociedade. Nas produções midiáticas a invisibilidade é evidente, haja vista que por muito tempo as representações — em especial no cinema, objeto de estudo —, vem reforçando estereótipos racistas. Diante disso, os indivíduos que fazem parte desse grupo vêm cobrando seu protagonismo e buscando uma mudança neste cenário, em que os meios de comunicação e seus produtos constituam e fortaleçam elementos étnicos que ressaltem a beleza, a capacidade de organização e a consciência política dos sujeitos negros. Com isso, assistir a nação de Wakanda representada de tal forma, foi um dos pontos

²⁹ Diretores negros fazem história em lista de filmes mais lucrativos de 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/diretores-negros-fazem-historia-em-lista-de-filmes-mais-lucrativos-de-2018/>>. Acesso em: 20 de março de 2019

de mais destaque nos textos aqui analisados. Em seu texto para o site Adoro Cinema, Francisco Russo referiu-se ao filme como:

Não é exagero dizer que o país-natal de T'Challa seja um dos principais personagens de **Pantera Negra**. Isolado do resto do mundo de forma a esconder uma potência tecnológica inigualável à base do valioso vibranium, Wakanda é uma conjugação entre as raízes ancestrais do povo africano com tamanha modernidade - não por acaso, a trilha sonora traz muito da força dos tambores. Mais do que a beleza paisagística, chama a atenção a cultura construída em torno de tal lugar: dos figurinos vistosos às máscaras exuberantes, das crenças relacionadas à dança - ou ao movimento dos corpos, como preferir - ao sotaque imaginário e coeso: tudo é muito peculiar a esta localidade, trazendo de imediato uma nova camada ao já imenso UCM, tanto em relação à pluralidade quanto à representatividade. (RUSSO, *Adoro Cinema*, 2018)

Figura 10 - Wakanda



Fonte: Walt Disney / Marvel

Russo (2018) destaca, ainda, como Ryan Coogler constrói Wakanda como espaço de valorização da cultura africana. “O país fictício ressalta a cultura do povo africano a partir da criação de um ambiente cheio de imagens, posturas, cores e roupas” (RUSSO, *Adoro Cinema*, 2018).

O país do príncipe T'Challa carrega a ideia de uma nação secreta que não sofreu os efeitos da era colonial. A construção da nação africana apresentada pelo diretor provocou um exercício de desvio de olhar do público para o contexto afro, pois com uma nova proposta e novo cenário, o diretor adjunto com a equipe artística da obra, trouxe um país cheio de novas perspectivas, valorizando, assim

a cultura negra por meio da apresentação de um país rico em diversidade. Isto posto, o filme é considerado importante para discutir questões sobre representatividade negra, como também para o processo de criação da identidade negra. De acordo com Izabel:

[...] Wakanda se mostra por dentro, a partir de sua história e de seus povos. Suas línguas, suas danças, roupas e rituais, tudo parece pertencer a um todo coeso e cheio de sentido [...] A arquitetura, a cenografia, os figurinos, tudo foi pensado a partir de tradições africanas existentes, até mesmo na luta, tão importante para um filme de ação, em que são usadas armas e estilos de matriz africana. O Pantera também usa golpes de capoeira!” (IZABEL, *Revista Fórum*, 07 fev. 2018)

Composta por cinco tribos a potência tecnológica do Universo da Marvel é construída com base em elementos culturais do povo africano, e por referências presentes no movimento do Afrofuturismo, conforme Izabel (2018) pontua:

O afrofuturismo de Wakanda mostra o quão enganada está a crença europeia vigente de que tecnologia e natureza são opostas. Se a epistemologia ocidental levou à transformação da tecnologia em uma segunda natureza – ainda mais assustadora e imprevisível do que a primeira -, se as utopias fundadas nessa epistemologias e descritas por Thomas Morus e François Fourier terminaram em Black Mirror e Cyberpunk, talvez as outras epistemologias – todas as outras que seguem resistindo – possam oferecer algo que se tem chamado na internet recentemente de Solarpunk e que os diversos movimentos libertários do globo seguem tentando pensar e realizar em nível global, mas a partir da própria terra (IZABEL, *Revista Fórum*, 07 fev. 2018).

Cabe aqui então, fazer uma breve explanação sobre o termo “Afrofuturismo”. O movimento afrofuturismo surgiu na década de 1980 – e neste primeiro momento era conhecido pelo termo *Afrocentralidade* – no mesmo período dos avanços dos movimentos civis. O movimento nasce como uma proposta de valorização da cultura africana e em resposta à supremacia eurocêntrica.(SILVA; QUADRADO, 2016). Entretanto, o termo “Afrofuturismo” surge em 1994, quando o cineasta e teórico Mark Dery, questiona os padrões de estereótipos sobre os negros, comumente usados nas produções de Hollywood. É um movimento que abrange propostas de diversos artistas que trabalham questões afro-americanas a partir da ficção e da tecnologia.

O Afrofuturismo nasceu em paralelo à efervescência da cultura beatnik nos Estados Unidos. A linguagem do movimento é construída pela junção do imaginário sobre artefatos tecnológicos futuristas e

artefatos tradicionais de matriz africana, criando um estilo de ficção científica que trata dos problemas relacionados a questões de raça, classe e gênero no século XX e que também fala da ancestralidade africana (SANTOS; SANTOS, 2018).

As autoras Kellen Carolina Vieira Silva e Jaqueline Carvalho Quadrado (2016) observam que a cultura negra vive em diáspora em continentes fora do africano e em realidades distintas. Segundo as autoras, o *afrofuturismo* vem com o intuito de afirmar a cultura e identidade do povo negro.

Os negros sempre tiveram suas próprias histórias, simbolismos e identidades do continente africano passadas pelas gerações, e que foram silenciadas pela aculturação e silenciamento desse povo que excluiu seu poder cultural. Portanto, mesmo sendo considerado apenas um gênero cultural, o afrofuturismo projeta as possibilidades futurísticas de um povo, ultrapassando o gênero cultural e influenciando da vida real (SILVA; QUADRADO, 2016, p.8).

O escritor Fábio Kabral, autor do livro *Ritos de Passagem* (2014) – em contrapartida a ideia comum de que a maioria conceitua e relaciona o termo a uma estética cultural combinada a elementos da ficção científica, da ficção histórica, da ficção especulativa, do afrocentrismo, considera a ideia do movimento na seguinte ótica:

Já em uma outra ótica, considerando esta realidade atual de supremacia cultural, econômica e filosófica imposta pelo mundo branco, cujos movimentos ficcionais em livros, gibis, filmes e videogames são dominados majoritariamente pela ótica europeia; o esforço em romper com esse imaginário e de encontrar a própria história por meio do próprio ponto de vista; a dedicação aos estudos da afrocentricidade; o foco na difusão do imaginário de inspiração africana; o desejo de ter como referência seus ancestrais africanos; o estudo das concepções filosóficas e culturais elaboradas pelos nossos e não pelo outro; todo esse movimento de transformar o presente, recriar o passado e projetar o futuro através da nossa própria ótica é, para mim, a própria definição de Afrofuturismo (KABRAL, 2018, p.31).

Logo, de acordo com Edson Rangel (2016) o movimento afrofuturista surge na perspectiva de um resgate cultural, com o objetivo de desconstruir determinismos sociais, que impedem a efetiva integração entre diferentes grupos étnicos.

Afrofuturismo é um movimento estético que surge do encontro da tecnologia e da ficção científica com as questões da diáspora, da escravidão e dos determinismos raciais vividos pelo negro em meio a modernidade (RANGEL, 2016, p. 129).

Retomando a questão de Wakanda, é interessante perceber como a construção da nação, apontado pela maioria dos críticos, vai em direção aos temas discutidos no capítulo anterior, quando falamos sobre identidade e representatividade. A representação de uma nação africana que preserva sua diversidade e cultura é o ponto chave encontrado nos textos analisados. Costa (2018) em seu texto, ao falar sobre a importância da obra para a representatividade negra e a necessidade da indústria cinematográfica de se repaginar, tendo em vista o papel dos negros no cinema, considera que:

Por isso é completamente compreensível a grande expectativa e o entusiasmo que o filme *Pantera Negra* tem gerado em milhões de negros não apenas no Brasil, mas internacionalmente, ao assistir um filme de herói não apenas com um protagonista negro, mas com toda uma trama construída em grande maioria por personagens também negros sob uma mitologia e aspectos de diversas culturas negras (COSTA, *Esquerda Diário*, 25 fev. 2018).

Podemos afirmar que a relação que o diretor Ryan Coogler estabelece com o país africano é de diálogo. Costa (2018), também pontua essa questão:

Se no final dos anos 60 os criadores do personagem de certa forma tentaram desviar qualquer ligação explícita do personagem com o cenário político, em seu ressurgimento nos cinemas, ele percorre o caminho oposto. Ryan Coogler fez um filme consciente de seu peso, e deixa isso claro nos diálogos com as questões da representatividade e politização ou mesmo em pequenas referências, como o fato de o começo do filme se dar em Oakland, cidade onde começa também o Partido dos Panteras Negras [...] (COSTA, *Esquerda Diário*, 25 fev. 2018).

Isso remete à quebra de paradigma que Coogler proporciona. Torna-se evidente nos aspectos da cultura africana, apresentada na nação Wakanda, sobretudo quando verificamos a relação do país e das referências ao movimento político afrofuturístico existente no filme. A identidade cultural do filme *Pantera Negra*, portanto, encontra-se construída numa proposta de redefinição da cultura e resgate da identidade, assim como autora Ytasha Womack (2013), enfatiza sobre o movimento do afrofuturismo:

Seja por meio da literatura, das artes visuais, da música ou da organização de base, os afrofuturistas redefinem a cultura e as noções de negritude hoje e amanhã. Tanto uma estética artística quanto uma estrutura para a teoria crítica, o Afrofuturismo combina elementos da ficção científica, da ficção histórica, da ficção

especulativa, da fantasia, do afrocentrismo e do realismo mágico com crenças não ocidentais. Em alguns casos, é uma reelaboração total do passado e uma especulação do futuro repleta de críticas culturais³⁰.

Existe uma série de outras leituras e interpretações que são ativadas com o filme, como por exemplo na releitura de Isabel (2018), de que a narrativa presente em torno de Wakanda é a de um agente:

A potência do afrofuturismo de *Pantera Negra* está em tirar a África e a questão negra de seu lugar costumeiro de mera vítima. A catástrofe histórica que foi o colonialismo, o tráfico negreiro e que continua sendo o racismo institucionalizado, que reina em países com grandes populações da diáspora negra como o Brasil e os Estados Unidos, não é relativizada, pelo contrário, é focalizada, mas a posição negra de onde o filme olha a questão é de agência. O conflito do enredo está no potencial de Wakanda, no que Wakanda pode oferecer ao resto do mundo e não apenas no que foi tomado dela. Killmonger exige que Wakanda ofereça mais, Nakia quer que Wakanda ofereça mais. A pergunta irônica que o embaixador francês faz no fim do filme ecoa a ousadia desta representação, deste sonho otimista: “O que pode um reino africano oferecer ao resto do mundo?” O que os povos e grupos que não foram ainda completamente apropriados pela expansão europeia e capitalista têm a oferecer como solução ao mundo à beira de tantas crises: climáticas, econômicas, políticas e bélicas?” (IZABEL, *Revista Fórum*, 07 fev. 2018)

4.4 Um filme Político e Autoral

Outro ponto muito em comum na argumentação da maior parte dos textos analisados foi o “teor” político presente na trama. Costa (2018) compreende que a obra se refere a um filme de herói, mas já antecipa ao leitor a questão de que *Pantera Negra* não se enquadra em mais um longa de super-herói da Marvel que muitos já estão acostumados a assistir, mas que mesmo ele fazendo parte do UCM, a obra retrata uma história de conflito familiar e possui um teor político muito importante:

Mais do que apenas mais um filme de Super-Heróis, *Pantera Negra* é um filme que expressa de forma distorcida vários aspectos políticos do “mundo real”, sendo considerado um dos mais politizados do gênero em muitos anos por relacionar coisas como escravidão, colonização, crise migratória, encarceramento em massa e as lideranças e

³⁰ Esse texto faz parte da coleção de textos sobre Afrofuturismo, presente no catálogo da Mostra “*Afrofuturismo: Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica*” da Caixa Cultural (2015). Publicado na obra: WOMACK, Ytasha. *Afrofuturism: The world of black sci-fi and fantasy culture*. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.

movimentos históricos dos negros nos EUA. Toda a comoção em torno do filme se explica pelos anseios frustrados de milhões de negros que vivem nos marcos dessa sociedade racista. Do ponto de vista de Hollywood, é uma clara resposta da indústria cultural aos problemas raciais que tocam os EUA, sobretudo sob o governo racista e xenófobo de Donald Trump e que não podem mais ser simplesmente ignorados, precisam ser canalizados para dentro da esfera da representatividade negra nas telas de cinema. Certamente é uma estreia que merece nossa atenção (COSTA, *Esquerda Diário*, 25 fev. 2018)

Atentando-se para as questões relacionadas à importância da representatividade negra e sua relação com o processo de construção da identidade do ser negro, os autores Ettore R. Migliorança e Marina Val apontam para as questões político-sociais presentes na obra:

Outra decisão importante que Ryan Coogler teve que tomar em *Pantera Negra* foi transmitir, por meio da narrativa, uma série de debates e questionamentos sérios e políticos que abordam realidade negra de boa parte do mundo, fazendo desse o filme mais sério e mais político que a Marvel Studios realizou até então [...]. (MIGLIORANÇA, *Mnemocine*, 19 fev. 2018)

Filmes de heróis podem ser voltados apenas para um entretenimento casual, sem nenhuma grande mensagem. A maioria deles vai continuar sendo assim e não há nada de errado com isso. Entretanto, é bom que estejamos vivendo em uma época na qual que seja possível usar um filme como *Pantera Negra* para dizer algo mais, mostrar questões políticas e culturais que afetam o nosso mundo e também para levar a milhares de crianças ao redor do mundo mais um super-herói nas telonas que se parece com cada uma delas (VAL, *Jovem Nerd*, 06 fev. 2018)

O crítico Sampaio (2018) orienta o leitor em seu texto para uma reflexão sobre como as questões políticas vão muito além do drama familiar presente na relação de T'Challa e Killmonger. O autor aponta para a ideia de que:

Usando essa África poderosa e omissa do resto do mundo, é inevitável a analogia com a atual situação dos Estados Unidos e a implicância do presidente Donald Trump com a questão dos refugiados. Afinal, Wakanda detém de uma tecnologia capaz de promover diversos tipos de avanços ao mundo, mas, prefere se fechar para “os de fora”. Tudo bem implícito, encaixado de maneira estratégica para quem quiser enxergar, sem estragar a diversão de quem está pagando ingresso para ver lutas e explosões. O preconceito com a terra vista apenas como ponto de exploração pelos “países de primeiro mundo” fica escancarado na primeira cena pós-créditos (SAMPAIO, *Aceccine*, 24 fev. 2018).

Costa (2018) considera que a obra seja “a resposta da indústria cultural aos novos levantes de luta racial nos EUA”, devido à sua importância cultural, enquadrando o filme como projeto político, em que as lutas por

representatividade estão em pauta. Izabel (2018) vai um pouco além e começa a questionar a quem necessariamente se destina o filme:

A quem se dirige metaforicamente então o Pantera Negra? Quem seriam esses privilegiados do terceiro mundo que poderiam salvar seus iguais? Celebidades? Atletas? Burguesias nacionais? Heróis do povo? Parece que todos e nenhum. O filme parece, mais do que oferecer equivalências exatas, fazer um convite para abandonar a dualidade pobre das posições de “mártir-vítima” e “pecador-opressor” (tão típicas do pensamento cristão-ocidental) e buscar o que cada um, cada grupo, pode fazer dentro do seu espectro de ação. Vence assim, de alguma forma, o reformismo que Nakia defendia, a partir da ação de Killmonger que, acertados ou não seus meios, tiraram Wakanda de seu isolamento privilegiado e chamaram o reino para sua responsabilidade comum diante do mundo (IZABEL, Revista Fórum, 07 fev. 2018).

Diante dos textos analisados é compreensível perceber o porquê de boa parte dos críticos focalizarem nesta questão, e isso se deve ao próprio contexto ao qual o filme está inserido. A trama trata de temas sobre exclusão e pertencimento num período em que, tanto o governo do EUA quanto o brasileiro, encontram-se em destaque por uma série de debates sobre os problemas raciais e de gênero. Deve-se considerar que temáticas políticas não são tão comumente vistas em filmes de super-herói, e *Pantera Negra* consegue realizar algumas alfinetadas, abordando uma série de debates e temas, em momentos sérios e políticos com total sutileza. Não deixa de ser um entretenimento, mas consegue abordar questões pontuais.

4.5 Direção, Roteiro e Produção

O filme recebeu muitas críticas positivas em seu lançamento devido ao direcionamento adotado pelo diretor. Ryan Kyle Coogler — também conhecido por dirigir os longas *Creed* (2015) e *Fruitvale Station* (2013) — foi o escolhido para assumir a responsabilidade da produção do tão esperado filme do herói *Pantera Negra*. O jovem diretor e roteirista afro-americano esteve na direção de sua primeira produção em 2009, com o curta-metragem *Locks*. Em 2018, Coogler, é o responsável por dirigir a produção do Universo da Marvel (MCU), que arrecadou a marca de US\$ 1.3 bilhão na bilheteria mundial, segundo o site Observatório de Cinema.

Ao lado do co-produtor, o escritor Joe Robert Cole (*American Crime Story*, 2016) carregou o fardo das pesadas expectativas sobre como seria a repercussão do filme, e conforme conta em entrevistas, encontrou muita gente que duvidava do sucesso do projeto. O diretor confessou que chegou a ter receio sobre de como seria a repercussão do filme, tendo em vista o orçamento investido com cerca de 200 milhões de dólares³¹, e pensou também que a Marvel não compraria suas ideias³².

Pantera Negra é um marco da história cinematográfica, por ser o primeiro filme a representar a história de um herói negro: "Estava cansado dos *comics* sobre super-heróis brancos onde os negros só estavam lá de complemento"³³, disse Ryan Coogler, em entrevista durante a 71ª edição do festival de Cannes. Apesar das pressões sofridas, *Pantera Negra* teve um *boom* de sucesso, pois retratou os negros como agentes de mudanças sociais em circunstâncias particulares.

Além de se tornar o filme de maior bilheteria em 2018 nos Estados Unidos³⁴, *Pantera Negra* quebrou vários recordes e também conquistou os críticos e o público.

³¹ Quem é Ryan Coogler? De onde veio? O quê come?.Disponível em:< <http://laspretas.com.br/quem-e-ryan-coogler-da-onde-veio-o-que-come> >. Acesso em: 20 de abril de 2019

³² "Não achei que a Marvel compraria as minhas ideias, diz Ryan Coogler. Matéria do site Gazeta Online. Disponível em: <<https://www.gazetaonline.com.br/amp/entretenimento/cultura/2018/02/nao-achei-que-marvel-compraria-minhas-ideias--diz-ryan-coogler-1014118116.html>>. Acesso em: 20 de abril de 2019

³³ Essa e outras declarações podem serem lidas na matéria do site G1: *Ryan Coogler, diretor de 'Pantera Negra', diz que não imaginava que estaria vivo aos 30 anos*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/google/amp/pop-arte/cinema/noticia/ryan-coogler-diretor-de-pantera-negra-diz-que-nao-imaginava-que-estaria-vivo-aos-30-anos.ghtml>>. Acesso em: 23 de abril de 2019.

³⁴ THE SHORT LIST Nº 06. PERSON OF THE YEAR 2018 - RYAN COOGLER. Disponível em:< <http://time.com/person-of-the-year-2018-ryan-coogler-runner-up/>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

Figura 11 - Ryan Coogler em set de gravação



Fonte: Marvel/divulgação (2018)

O fato de Coogler ter assinado o roteiro do filme foi um dos aspectos presentes na maioria dos textos analisados. Destacam-se a trajetória do diretor e sua experiência em outros longas, como fatores cruciais para o então sucesso do filme. Conforme, Ettore R. Migliorança (2018):

A escolha do diretor Ryan Coogler não foi aleatória, pois ele já foi aclamado pela crítica ao retratar a realidade negra americana no cinema de forma particular e com uma forte assinatura na filmagem. Seus longas mais notórios, que já abordavam essa temática, são o drama independente *Fruitvale Station* (2013), e o seu primeiro filme mais comercial até então, *Creed – Nascido para lutar* (2015). O diretor opta por focar mais a trajetória do personagem em questão, criando assim uma figura de autoridade e respeito dentro da história, de forma muito positiva. Além disso, consegue imprimir sua assinatura na direção, que são os seus planos-sequências em cenas de ação, algo muito presente em *Creed* e que se faz aqui de forma ainda mais notável (MIGLIORANÇA, *Mnemocine*, 19 fev. 2018)

Já Artur Francischi (2018), também aponta a atuação de Ryan, como aspecto crucial para o sucesso do filme:

Em termos de estética e narrativa, “Pantera Negra” oferece muito mais do que qualquer outro filme de super-herói. E isso se deve muito à direção de Ryan Coogler, que soube aproveitar as nuances da história e do personagem que tinha em mãos, para criar um material novo, com personagens negros múltiplos e sem recair em estereótipos. (FRANCISCHI, *Prosa Livre*, 18 fev. 2018).

Ernesto Barros em seu blog *Cine HQ*, destaca também a participação do roteirista Joe Robert Cole, para o sucesso de tal façanha e entrega de um filme grandioso:

Trazer para o mundo um super-herói com tais propósitos era tudo o que o jovem diretor Ryan Coogler, 32 anos, que chega agora ao terceiro longa-metragem, precisava. De certa maneira, Pantera Negra é um filme que propõe uma revisão em nossas atitudes políticas e sociais. Embora tenha o revestimento das grandes ideias, o que Coogler e Joe Robert Cole, roteirista, oferecem ao público é também um excitante filme de aventuras, ficção científica e misticismo, marcado por inúmeras reviravoltas, mulheres e homens admiráveis, atos de heroísmo e de grandeza, além de vilões perspicazes e de coração duro, vítimas do abandono e do desespero. (BARROS, *Cine HQ*, 16 fev.2018).

Joe Robert Cole, roteirista, cineasta e produtor americano, atua como roteirista no filme do herói Pantera Negra. Cole também é conhecido por seu trabalho em *American Horror Story*, e traz para a trama características de sua atuação como roteirista em outras produções. Em 2016, na entrevista cedida ao *Mother Jones*³⁵, Cole já pontuava a importância que o super-herói Pantera Negra representaria para o cinema:

Pantera Negra é uma oportunidade histórica de ser parte de algo importante e especial, particularmente em um momento onde os afro-americanos estão firmando suas identidades enquanto lidam com difamações e desumanizações. A imagem de um herói negro nessa escala é realmente empolgante. Quando eu era criança, eu mudava os nomes de super-heróis: ao invés de James Bond, eu era o James Black; ao invés do Batman, eu era o Blackman. E eu tenho um filho com três anos de idade, que terá cinco quando o Pantera Negra chegar aos cinemas. Isso coloca tudo em perspectiva para mim. (COLE, *Mother Jones*, 2016).

Além dos profissionais apresentados, a obra também obteve contribuições do produtor cinematográfico, Kevin Feige e de Louis D'Esposito,

³⁵ “A imagem de um herói negro nessa escala é realmente empolgante”, diz roteirista < <https://www.geledes.org.br/a-imagem-de-um-heroi-negro-nessa-escala-e-realmente-empolgante-diz-roteirista/>>. Acesso em: 10 de abril de 2019

Victoria Alonso, Nate Moore, Jeffrey Chernov e Stan Lee como produtores executivos.

Vê o trabalho de Ryan Coogler com uma abordagem sensível às questões sobre raça e gênero, é algo recorrente na maioria dos textos analisados. Como observamos, a recepção crítica foi positiva, pois a trama apresenta um viés melodramático, mas aborda questões pertinentes ao universo racial na narrativa. A nosso ver, isso se deve ao fato de Ryan Coogler ter uma marca registrada, por já ter um histórico de outras produções que destacam as temáticas raciais e por ele conseguir transgredir, em seus filmes, e trazer personagens de peso – sendo aclamado pela crítica ao retratar a realidade negra americana no cinema de forma particular no filme em *Fruitvale Station* (2013). Pereira (2018) pontua a importância Ryan Coogler para a trama:

Trata-se de um filme feito por negros para ressaltar o fato de, finalmente, termos uma produção de grande orçamento estrelada por um super-herói negro – o diretor Ryan Coogler, um negro, tocou no tema racial com inteligência e força em *Fruitvale Station: A Última Parada* (2013) e revitalizou uma franquia “branca” graças a uma visão arguta e repleta de negritude no emocionante *Creed* (2015), ambos com Michael B. Jordan. O elenco de *Pantera Negra* também é quase todo negro, com a presença de intérpretes de destaque como Lupita Nyong’o, Danai Gurira, Daniel Kaluuya, Forest Whitaker e Angela Bassett, e os principais membros da equipe do filme também são negros (PEREIRA, I. *Cineset*, 19 fev. 2018).

Outra questão apontada como positiva resulta na importância da presença de representatividade também por detrás das câmeras:

[...] Trata-se de um feito histórico: um jovem e talentoso diretor negro, dirigiu uma equipe de produtores e atores majoritariamente negra em um filme futurista de alto custo sobre um local ficcional na África. O sucesso do filme certamente abrirá inúmeras portas para profissionais e projetos que até então estavam segregados a tipos específicos de filme. Para além disso, o filme em si aceita e leva esta pesada responsabilidade com leveza impressionante. (IZABEL, *Revista Fórum*, 07 fev. 2018).

Para finalizar a análise proposta, no próximo ponto, apresentamos os elementos estéticos, visuais e sonoros que compreendem o conjunto da obra. Eles foram muito importantes, pois, inseriu no imaginário do espectador a ideia do afrofuturismo com a apresentação da nação Wakanda, e se enquadraram com um dos pontos recorrentes nos textos.

4.6 Elementos Estéticos do filme

De modo geral os críticos também pontuaram comentários acerca da estética da obra. Definido como o gênero *blockbuster*³⁶, *Pantera Negra* é um filme comercial que apresenta ao seu público um grande espetáculo visual.

Coogler e seu co-roteirista Joe Robert Cole também colocam uma boa dose de profundidade no filme. Há momentos praticamente operáticos dentro da história, reforçados pelo escopo grandioso do filme no qual se destaca especialmente o *design* de produção de Hannah Beachler. Os cenários e as vistas aéreas de Wakanda captadas pela câmera do filme impressionam, assim como a mescla de paisagens reais com elementos criados por computador. O figurino do filme também é inteligente, diferenciando as várias tribos que compõem a nação de Wakanda com cores e estilos diversos. Percebe-se que todo esse trabalho visual é no fundo uma extrapolação fantasiosa de elementos das culturas africanas que existem no mundo real. O resultado é uma obra tal e qual as HQs, com um pé na realidade e o outro na fantasia (PEREIRA, I. *Cineset*, 19 fev. 2018).

Semelhantemente, Felix (2018) destaca que o conjunto da obra compete para a entrega de um belo trabalho:

Parecendo sair de um universo paralelo ao qual pretende se encaixar, o filme tem vida própria. Muito se deve ao roteiro; muito se deve à trilha sonora de Ludwig Göransson e às músicas de Kendrick Lamar, que acompanham cena a cena como se tivessem nascido ali – destaque para a utilização de uma instrumentação típica tribal nas cenas de duelos; muito se deve à criação de um figurino típico e futurista ao mesmo tempo; muito se deve às atuações e, conseqüentemente, à direção de atores de Ryan Coogler. A verdade é que a equipe parece afinada, imersa e disposta a lançar um filme de herói diferente do que já fora produzido (FELIX, *Canaltech*, 16 fev. 2018).

Para Felipe Pereira (2018) o ponto chave da obra está na apresentação de uma África diferente do imaginário presente da sociedade e apresentado pela mídia:

Apesar dele ser um produto enlatado, e que não consegue fugir muito dos seus clichês, ele serve muito bem na função de desconstruir mitos e paradigmas hollywoodianos sobre qual é a identidade das pessoas que habitam a África. Os rituais de passagem da realeza são mostrados em detalhes bonitos, com o elenco principal e de apoio dançando com roupas coloridas e típicas, fazendo lembrar até boa parte das vestimentas dos rituais de religiões afro-brasileiras, como Candomblé e a Umbanda” (PEREIRA, F. *Vortex Cultural*, 15 fev. 2018)

³⁶ Termo utilizado para se referir a um filme que teve uma grande repercussão midiática, de alcance de um grande público.

O figurino deslumbrante do filme é assinado por Ruth Carter, figurinista americana que foi vencedora do Oscar 2019 na categoria de melhor figurino na referida obra. Conforme Alisson Prando (2018) relata em sua matéria sobre a estética afrofuturística no site *Whatelse*, a visão reducionista que grande parte do Ocidente tem sobre a África foi um dos pontos determinantes para que a estilista trabalhasse horas a fio com seus ilustradores para garantir figurinos de qualidade para o filme: “A maioria das pessoas pensa que a África é um lugar de pobreza, que é um lugar onde seria praticamente impossível encontrar a extravagância de *Maria Antonieta e sua Corte Francesa*”³⁷.

Carter se inspirou no afrofuturismo para a construção dos figurinos das personagens.

Eu não posso dizer o suficiente sobre como esse filme se conectou com as pessoas de uma maneira tão bonita. As pessoas querem honrar a si mesmas, querem honrar a própria cultura, querem honrar a África”, continuou Ruth. “Elas só querem ser felizes por serem quem são”, completou.³⁸

Também responsável por conquistar mais um prêmio para a obra no Oscar 2019, foi a diretora de arte do filme Hannah Beachler, sendo a 1ª negra indicada na categoria Direção de Arte e que levou para casa a premiação da noite.

Eu dou essa força para todas aquelas que virão depois de mim. Para continuar e nunca desistir, e quando você achar que é impossível, lembre-se de dizer este conselho que recebi de uma mulher muito sábia: ‘eu fiz o meu melhor e o meu melhor é o suficiente’³⁹ (BEACHLER, 2019).

Pantera Negra conta com Rachel Morrison, que é a primeira diretora indicada ao Oscar por seu trabalho no filme *Mudbound – Lágrimas do Mississipi*, na direção de fotografia, e que traz à obra um “show” de belas imagens.

A trilha sonora é assinada por Kendrick Lamar — rapper que acaba de ganhar prêmios Grammy por seu mais recente trabalho proporcionar ao

³⁷ Ver mais em: Por dentro da estética afrofuturista de *Pantera Negra*. Disponível em: <<http://whatelsemag.com/afrofuturista-pantera-negra/>>. Acesso em: 27 de abril de 2019.

³⁸ Ruth E. Carter: conheça a primeira negra a ganhar o Oscar de figurino. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas-blogs/ilca-maria-estevao/ruth-e-carter-conheca-a-primeira-negra-a-ganhar-o-oscar-de-figurino>>. Acesso em: 27 de abril de 2019.

³⁹ Ruth E. Carter e Hannah Beachler da produção de ‘*Pantera Negra*’ fazem história no Oscar 2019. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/ruth-e-carter-e-hannah-beachler-da-producao-de-pantera-negra-fazem-historia-no-oscar-2019/>>. Acesso em: 27 de abril de 2019.

telespectador uma mistura de sons convencionais e músicas africanas. A trilha sonora original ainda tem a colaboração das produções de outros artistas como Weeknd, SZA, James Blake e Khalid.

A trilha sonora mistura orquestração romântica e desinteressante dos filmes de aventura com uma surpreendente música africana contemporânea – momentos de percussão pura, outros apenas com vozes, outros com inconfundível música do Mali. Nas cenas de perseguição fora de África, RAP americano conduzido por ninguém menos que Kendrick Lamar (IZABEL, *Revista Fórum*, 07 fev. 2018).

Entretanto, referente aos aspectos técnicos, especialmente sobre o uso dos elementos computacionais, as opiniões foram diversas. A crítica Marcondes (2018) é objetiva ao destacar que a ação foi o ponto que menos a agradou:

A ação é o único departamento que o filme deixa a desejar. Com direção de fotografia assinada por Rachel Morrison, primeira mulher indicada ao Oscar de Melhor Fotografia (“Mudbound”), a câmera parece muito frontal e muito próxima durante as cenas de luta, dificultando a compreensão do que está acontecendo. As cenas do pôr-do-sol de Wakanda e do reencontro de T’Challa com seu pai, porém, são mesmo lindíssimas, e justificam o ingresso em Imax 3D. A direção de arte e o figurino também enchem os olhos. A trilha de Kendrick Lamar dá vontade de mexer os pés (MARCONDES, Teleguiado, 19 fev.2018).

Dentre os principais elementos adotados pelo diretor ocasionando diferentes opiniões, podemos destacar a utilização de elementos computacionais para os efeitos visuais, principalmente nas cenas de ação. Algumas críticas condenaram o filme de Ryan Coogler pelo uso “exagerado” dos efeitos computacionais, conforme Pereira (2018) afirma:

Há, porém, algumas conveniências narrativas e clichês de roteiro, notadamente perto do fim, e algumas cenas de ação – como a do comboio no início – são prejudicadas pela praga da shaky cam, aquela câmera tremida que, aliada aos cortes muito rápidos na montagem, atrapalham a visualização das cenas. Coogler se sai melhor criando – com o auxílio do computador – o belo plano-sequência da luta do cassino. E a computação gráfica perto do fim também é meio irregular – é triste ver o herói e o vilão se transformarem em bonecos de videogame num cenário ligeiramente falso e sem peso na luta climática (PEREIRA, I. 2018).

Thiago Sampaio (2018), também comentou acerca dessa questão do filme: “As cenas de ação até funcionam, mas exageram na artificialidade (o uso

de computação gráfica contínua gritante). *A primeira aparição do herói e a perseguição de carro posterior, apenas não empolgam*". Entretanto, apesar de considerar que o filme se excede na computação gráfica, ele não poupa elogios.

Como dito anteriormente, os textos analisados em geral indicam o filme como o ponto central para as discussões acerca da representatividade e identidade. Percebe-se que de forma consensual que os críticos não se centraram na perspectiva de discorrer sobre as características gerais do filme, e sim buscaram abordar sobre como o filme é uma quebra de paradigma e de sua representação para o cenário presente. Percebemos, assim, que os críticos não deram ênfase a uma análise do filme mais centrada ao tecido da obra, priorizando mais a percepção da narrativa cinematográfica. A não explanação de forma corrente dos elementos da obra, tais como, fotografia, os cenários, as cores, a trilha sonora, etc. não quer dizer que não são importantes para o filme ou relevantes para serem aprofundadas, entretanto, compreendemos que tal decisão deve-se ao fato de toda uma lógica de significado presente na obra. Os elogios ao filme foram unânimes, sendo que essa repercussão está presente nas categorias de análise aqui apresentadas, tanto como também podemos ver seu sucesso no resultado da bilheteria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos como objetivo neste trabalho discutir a recepção do filme *Pantera Negra* considerando que o cinema, assim como outros produtos culturais, exercem influência no cotidiano das pessoas e produzem significações para o público. Entretanto este trabalho também teve como norte a perspectiva de que o público não é um mero agente passivo da mensagem, mas o protagonista do processo comunicativo, um produtor de diversas leituras interpretativas com base em orientações sociais e políticas diferentes. Realizamos uma análise dos textos avaliativos sobre o filme com a finalidade de compreender como ocorreu a receptividade da obra, e comprovar a hipótese de que a aparente celebração e repercussão de *Pantera Negra* é decorrente da abordagem cultural que a obra propõe, principalmente nas questões de representações sociais e raciais na mídia e sua contribuição para o processo de identificação do espectador(a) negro(a).

Ao abordar ações culturais do povo africano, o filme se destaca pelo contexto em que está inserido, tendo em vista as recorrentes reivindicações e a necessidade do povo negro de ir na contramão de “modelos” de vida que a sociedade eurocêntrica impõe desde o processo de escravidão. Falar sobre identidade negra é compreender, conforme Stuart Hall (2003), que o negro vive em uma diáspora identitária, ou seja, em constante processo de redefinição identitário, onde ocorre a busca pela aproximação com a África e sua luta pela libertação colonial.

A introdução de temáticas sobre identidade racial, representatividade, protagonismo feminino e diversidade, são questões que contribuem de forma precisa nos debates expostos na esfera pública. A má representatividade afeta de forma determinante no modo que o ser se vê e se coloca no mundo. Essa busca de representatividade chega no momento em que o movimento negro exige igualdade de tratamento e de representação no âmbito cultural e midiático, reforçando a hipótese de que o contexto atuou sobremaneira na recepção do filme. Compreendendo que as representações fomentam e robustecem estereótipos, vimos o quanto a questão sobre a representatividade da população negra no cinema é uma temática que precisa estar em constante debate.

A análise receptiva de *Pantera Negra* foi possível dentro dos pressupostos definidos pela teórica Janet Staiger (1992), que defende que as configurações sociais, políticas, econômicas e culturais de uma dada época estão diretamente relacionadas às condições de recepção da obra fílmica. Avesa às análises meramente imanentistas, Staiger (1992) compreende a recepção como um processo em que as variáveis contextuais têm um valor determinante para as respostas do público.

Neste trabalho nos apropriamos também da abordagem dos Estudos Culturais para compreender a mídia como um elemento cultural de representação social. Para o corpus da análise, selecionamos alguns textos avaliativos sobre o filme *Pantera Negra*, textos em que identificamos algumas recorrências organizadas em quatro grandes categorias: os personagens e os modos de representação; identidade cultural presente no filme; o teor político; informações sobre direção e roteiro e os elementos estéticos.

Verificamos que, ao produzir o filme do herói *Pantera Negra*, a Marvel fugiu das representações estereotipadas ao qual o negro sempre sofreu, entretanto, entendemos que essa ação é proveniente de um acordo entre seus interesses financeiros e as pressões sociais atravessadas por marcadores raciais e de gênero. As mudanças estruturais que vem ocorrendo na indústria cinematográfica, parte da descoberta de que a diversidade pode ser lucrativa, o que intensifica no investimento de grandes produções, gerando assim mais lucro. Desta forma, a decisão de abarcar tais discussões, está em torno dos interesses do capital.

O referido produto cultural não é o primeiro – e espera-se que não seja o último – que busca valorizar a questão do negro no cinema. A partir das informações apresentadas neste trabalho, podemos perceber que embora por muito tempo a negritude tenha ocupado espaços marginalizados, temos acompanhado ultimamente as mudanças deste cenário. A representação do negro e do continente africano no filme de forma a valorizar a diversidade da cultura africana é vista como uma tentativa de ruptura do imaginário distorcido que cerca os filmes comerciais americanos.

Isto posto, pontuar que a Marvel gera uma quebra de paradigma ao trazer o diretor Ryan Coogler para o projeto, e pelo fato de a obra se caracterizar por sua representatividade dentro e fora das telas, entretanto, não é o mesmo que

não reconhecer que *Pantera Negra* se trata de um filme comercial. Sabemos que o cinema *mainstream* se caracteriza por um grande investimento e alcance de público. Aqui não temos como objetivo condenar o fato da obra ser um *blockbuster*. Pelo contrário, consideramos esse aspecto, tendo em vista que o sucesso e a repercussão do mesmo se deu por esse quesito.

Constatamos também que as representações das mulheres na obra foi um dos outros pontos mais destacados nos textos, sinalizando dessa forma não apenas um marcador de raça, mas também de gênero, tendo em vista que na trama as mulheres obtiveram grande proeminência e suas personagens atuaram de forma crucial para o enredo da história apresentada, consideradas ali como as reais protagonistas do filme. Mesmo não se enquadrando como filme feminista, *Pantera Negra* foi capaz de levantar questionamentos acerca do feminismo e da representatividade da mulher na sociedade. O protagonismo feminino presente no filme foi importante e contribui de forma significativa para os debates sobre feminismo negro. Coogler cria uma atmosfera com referências atuais e personagens femininos impactantes, e com isso consegue iniciar um processo de identificação, sobretudo, entre espectadoras e as personagens, conforme avalia bell hooks (1992).

Como vimos, o campo dos Estudos Culturais traz grandes contribuições aos estudos dos processos comunicativos, principalmente ao entendimento dos fenômenos que constituem o sujeito. Nas pesquisas analisadas, o estudo do tema se justifica por acreditar que a obra cinematográfica é importante para a abertura de discussões acerca do processo de identificação do sujeito, a partir da compreensão de que as representações sociais do indivíduo negro contribuem para a formação da identidade e que, quando ocorre de forma positiva, resulta na melhoria no processo de constituição identitária e na qualidade de vida dessa população.

Contudo, diante dos conceitos e análises aqui apresentadas, principalmente em relação à recepção calorosa do filme, reconhecemos que ainda há muito o que se alcançar em relação as questões de visibilidade do negro na mídia, sobretudo no cinema. A partir da análise realizada é possível afirmar que permanece como desafio o desenvolvimento da representação social no cinema, tendo em vista que o controle do segmento cinematográfico ainda não concebe a diversidade racial e de gênero como possibilidade de

demanda histórica e social. Entretanto, *Pantera Negra* já se destacou por considerar (de forma pioneira nos filmes de ação), a importância da representatividade e diversidade no cinema hollywoodiano. Espera-se que os avanços nos debates destas temáticas não parem por aí, e que novos projetos ganhem mais espaço para atender as demandas sociais que, além de importantes, são urgentes e necessárias.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. In: **Comum**. v.6, nº 17, p. 111 a 125. Rio de Janeiro: Facha, jul./dez. 2001. Disponível

em:<<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17352/material/opapel%20da%20m%C3%ADdia%20na%20difusao%20de%20representacoes%20sociais.pdf>> Acesso em: 13 jul. 2018.

ALVES, Ana Carla Farias Alves; ALVES, Ana Karina da Silva. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres**.2013. Disponível em:

<http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2019

ARRAES, Jarid. **FEMINISMO NEGRO: SOBRE MINORIAS DENTRO DA MINORIA**. Disponível em:

<<https://www.revistaforum.com.br/digital/135/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/>>. Acesso em: 27 de fev.2019

ASSIS, Dayane Nayara Conceição de. CORPOS NEGROS E REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO DE GÊNERO E RAÇA. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 9, n. 21, p. 123-134, fev. 2017. ISSN 2177-2770. Disponível em:

<<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/231>>. Acesso em: 01 maio 2019.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas: Papirus, 2003

BACCEGA, Maria Aparecida; GUIMARÃES, Margaret de Oliveira. Da comunicação à educação: a importância dos estudos de recepção. **Revista Comunicação & Educação**, ano XI, n.3, p.409-414, set/dez. 2006.

BAMBA, M. Teorias da recepção cinematográfica ou teorias da espectralidade fílmica? In: BAMBA, M. (org.) **A recepção cinematográfica: teoria e estudo de casos**, pp. 19-64. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em:

<<http://mahomedbamba.com/site/wp-content/uploads/2017/12/002.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019

BERNARDET, J. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BLACK Panther. Direção: Ryan Coogler. Produção: Kevin Feige; David J. Grant, Roteiro Ryan Coogler, Joe Robert Cole. Baseado nas histórias em quadrinhos de Stan Lee e Jack Kirby.Elenco: Chadwick Boseman, Michael B. Jordan, Lupita Nyong'o, Letitia Wright, Martin Freeman, Daniel Kaluuya, Angela Bassett. Marvel Studios, Walt Disney Pictures,2018. 2h 14min

BRAGA, Claudomilson Fernandes. **Mídia, Jornalismo e Cidadania: A representação do negro na mídia televisiva no Brasil**. Disponível em:<<https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/2214>>.Acesso em: 18 de fev.2019

CALENTI, C.; WOMACK, Y.; ESHUN, K.; CLARK, A.; FREITAS, Kênia Cardoso Vilaça de (Orgs.). **Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica**. Disponível em: <http://www.mostraafrofuturismo.com.br/Afrofuturismo_catalogo.pdf>. Acesso em: 05 maio. 2019.

CASTRO, Katarina Kelly Brito. **Espectatorialidade e as representações LGBT: uma análise das críticas online dos filmes *O Segredo de Brokeback Mountain* (2003) e *Azul é a Cor Mais Quente* (2013)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

CARNEIRO, Sueli. Gênero Raça e Ascensão Social. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 544, 1995. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/8b7fd45fe00d3f39ed22a830e4ebeb07/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2036510>>. Acesso: 18 de mar. 2019

_____. Mulheres em movimento. In: **Estudos Avançados**, v.17, n. 49, 2003, pp. 117-133. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008>. Acesso em: 13 mar.2019

CARVALHO, Rafael Oliveira. A crítica como recepção histórica: interfaces entre o pensamento de Walter da Silveira e o cinema brasileiro. **Revista Novos Olhares** - Vol.3 N.2. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/90214>>. Acesso em: 20 abr.2019

CARVALHO, Noel dos Santos; DOMINGUES, Petrônio . A representação do negro em dois manifestos do cinema brasileiro. **Estudos Avançados**. 31 (89), 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/132437>>. Acesso em: 10 fev. 2019

CASSETTI, Francesco; DI CHIO, Federico. **Cómo analizar um film**. Barcelona: Paidós,1991.

_____, **Teorias del cine**, Madrid, Ediciones Cátedra, 1994.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Soc. estado. [online]. 2016, vol.31, n.1, pp.99-127. ISSN 0102-6992. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>>. Acesso em: 18 fev.2019

COSTA, Fábio Soares da. RODRIGUES, Janete de Páscoa. contribuições dos Cultural Studies para o estudo da mídia e da produção de subjetividades nas pesquisas em recepção. **Revista FSA**, Teresina, v. 11, n. 2, art. 7, p. 126-147, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12819/2014.11.2.7>>. Acesso em: 05 abr. 2019

CRUZ, Sabrina Uzêda da. A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja. **Educação, Cultura, Linguagem e Arte**. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2997/2346>>. Acesso em: 20 de mar.2019

DAL, Jorge Luiz Garcia Van. Convergência de Mídias: O receptor como protagonista do processo comunicacional. 9^o Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Disponível em: <<http://www.casperlibero.edu.br>. > Acesso em: 18 fev.2019

DOMINGUES, Petrônio. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. Espaço Aberto. Programa de História. Universidade do oeste do Paraná-Universidade de São Paulo. Maio /Jun /Jul /Ago 2005[online]. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a13>>. Acesso em 20 de março de 2019.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo[online]. 2007, vol.12, n.23, pp.100-122. ISSN 1413-7704. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>>. Acesso em: 20 de março de 2019

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. Comunicação e Recepção. São Paulo: Hacker Editores, 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1995/199520710003.pdf>>. Acesso em: 28 abr.2019.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana. (Coleção Estudos Culturais, 8) Belo Horizonte: Autêntica, 2001, 240p. Disponível em:<https://www.academia.edu/1086746/ESCOSTEGUY_Ana_Carolina_D._Cartografias_dos_estudos_culturais_Uma_vers%C3%A3o_latino-americana._Cole%C3%A7%C3%A3o_Estudos_Culturais_8_Belo_Horizonte_Aut%C3%AAntica_2001_240p>. Acesso em: 10 dez.2018

_____. (2012). **Os estudos culturais**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf>. Acesso em: 16.fev.2019

FERNANDES, Viviane Barboza ; SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto dos Estudos Brasileiros** n. 63.abr. 2016 (p. 103-120). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0103.pdf>>. Acesso em: 28 abr.2019

FIGUEIREDO, Angela .CARTA DE UMA EX-MULATA À JUDITH BUTLER. Periódicus, Salvador, n. 3, v. 1, mai.-out. 2015 – **Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**. Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA ISSN: 2358-0844 – Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>>. Acesso em: 25 nov.2018

FIGURELLI, Roberto. HANS ROBERT JAUSS E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO. **Revista Letras**, [S.l.], v. 37, dez. 1988. ISSN 2236-0999. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19243>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

GOLLO, André Luiz. **Como as representações do feminino na publicidade contemporânea podem influenciar na formação das identidades de gênero**. Ijuí: UNIJUI, 2017.

GOMES, I. Efeito e Recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. In: GOMES, I. M. M & SOUZA, M. C. J (Org). **Media e Cultura**. Salvador, PósCom, 2003, p.29-53.

GOMES, R. A recepção histórica: textos sobre o Cinema Novo brasileiro em Portugal DOI. V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014.São Paulo p. 191-202. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p191-202>>. Acesso em: 10 mar.2019

_____. **Teorias da recepção, história e interpretação de filmes: um breve panorama**. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/gomesregina-teorias-recepcao-historia-interpretacao-filmes.pdf>>. Acesso em: 10. nov.2018.

_____. A Crítica como Vestígio de Recepção: The West Wing e o Real Histórico. **Revista Novos Olhares** - Vol.2 N.1.Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/57037>>. Acesso em: 10 nov.2018

GONZALEZ, Lelia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Ciências Sociais Hoje, 2, ANPOCS, Brasília, 1983, p.223-244

GRIJÓ, Wesley Pereira; KRIEGER, Bárbara Ferreira; PRESTES, Natacha Helena Lemos. A memória como mediação da recepção cinematográfica: as leituras do filme getúlio pelos idosos de São Borja-RS. **Revista Tropos**, ISSN: 2358-212X, volume 5, número 1, edição de Julho de 2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/369>>. Acesso em: 15 de mar. 2019

HALL, Stuart; SILVA Tadeu T. S; LOURO, Guacira L. (Trad.); A identidade Cultural na pós-modernidade. 11º ed. D P e A editora, Rio de Janeiro, 2011.

_____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. Representation: Cultural Representations and Signifying Practices, 1997

hooks, bell. Feminist theory: from margin to center. Boston: South end Press,1984.

_____. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras (2000).Tradução: Ana Luiza Libânio.-1 ed. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos: 2018.

_____. O olhar opositivo – a espectadora negra. In: ALMEIDA, Carol Fora de quadro: sobre que imagens precisamos falar? Disponível em:<<https://foraquadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>>. Acesso em: 21 mai.2019

IZEL, Adriana. Estudo mostra que negros são minoria no audiovisual brasileiro. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/21/interna_diversao_arte,661107/pesquisa-ancine.shtml> Acesso em: 15 jul. 2018

JAUSS, Hans Robert. Estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JUNIOR, Edimário Bastos Duplat. Poderosa Wakanda: A representação do super herói negro nos quadrinhos da Marvel Comics. Salvador: Faculdade de Comunicação da UFBA, 2010.

KABRAL, Fabio. [Afrofuturismo] O futuro é negro o passado e o presente também Geledés, 2016. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/afrofuturismoofuturoem%20.%20negro%20passadoeopresentetambem/>>. Acesso em: 05 maio. 2019

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. Estudos Históricos. **Revistas Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.237-250. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1940>>. Acesso em: 15 jul.2018

LIMA, Maria Batista. Identidade étnico/racial no Brasil: uma reflexão teórico metodológica. **Revista Fórum Identidade**, ano 2, v. 3, p. 33-46, Itabaiana/ SE-2008. Disponível em: <<http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/LIMA-MariaBatista>>. Acesso em 08 de março de 2019.

LIMA, Miguel. A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro(2013). Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/monografia/3lima_miguel_monografia.pdf> Acesso em: 05 maio 2019

LIMA, Sávio Queiroz. História Cultural dos Quadrinhos: O Gênero Super-Herói (1938-2008), Salvador: UCSAL, 2008.

LUCENA, Vinícius. A questão da representatividade e o sucesso de “Pantera Negra” (2018). Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atuais/a-questao-da-representatividade-e-o-sucesso-de-pantera-negra/>>. Acesso em: 13 jul 2018

MACHADO, Mariângela. A formação do espectador de cinema e a indústria cinematográfica norte-americana. Porto Alegre no 22 dezembro 2009 **Famecos/PUCRS**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/6475>>. Acesso em: 25 abr.2019

MAIA, Alessandra; MESSIAS, Jose. Dos quadrinhos ao cinema: o universo Marvel no cinema como ponto de partida para a iniciativa transmidiática. 2014

MALFAIA, Evelyn Dias Siqueira. **A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infantil negra**.(2018). Disponível em: <https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531151049_ARQUIVO_COPENE2.pdf>. Acesso em: 15 abr.2019

MASCARELLO, Fernando(Org). História do Cinema Mundial. Campinas, SP:2006. (Coleção campo imagético). Disponível em: <

https://www.academia.edu/36311582/Fernando_Mascarello_Historia_Do_Cinema_Mundial>. Acesso em: 18 fev.2019

_____. Os estudos culturais e a recepção cinematográfica: um mapeamento crítico. In: **Mídia e recepção :televisão, cinema e publicidade** / Nilda Jacks, Maria Carmem Jacob de Souza, organizadoras. - Salvador : Edufba, 2006. p.74-99

MIELKE, Ana Claudia. Racismo na mídia: invisibilidades dos negros. Disponível em:< <https://jornalggn.com.br/direitos-humanos/racismo-na-midia-invisibilidades-dos-negros-por-ana-claudia-mielke/>> Acesso em: 03 mar 2019

NUNES, Paulo Rogério. Pantera Negra aposta na diversidade e entra para a história. Disponível em:<<https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniaio/2018/02/20/pantera-negra-aposta-na-diversidade-e-entra-para-a-historia.html>> Acesso em: 07 mar 2019

OLIVEIRA, Fatima. **Ser negro no Brasil: alcances e limites**. Estud. av. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100006>. Acesso em: 20 abr.2019

OLIVEIRA, Maíra Zenun de. O papel e o mar: sobre estórias que não nos contam dos personagens negros da nossa história. In: **Revista EIXO**, v.3, n.2. Brasília: DF, jul./dez.2014. Disponível em:<<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/download/133/112>>. Acesso em: 12 jan.2019

PACHECO, Hellen de Paula. Representatividade da imagem do negro nos meios de comunicação: **Revista Raça Brasil e a imprensa brasileira**. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4968/1/NP13_PACHECO.pdf> Acesso em: 08 abril 2019.

PATAQUINE, Fábio; FOLLIS, Rodrigo. **Uma Análise da Narrativa Transmidiática no Universo Cinematográfico Marvel**. Trabalho apresentado no IJ 05 – Rádio, TV e Internet do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016. Disponível em: < <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0429-1.pdf>>. Acesso em: 20 fev.2019

PENAFRIA, M. Análise de filmes: conceitos e metodologias. In: Livro de Actas – 6º SOPCOM, 2009. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

RAHIER, Jean. **"Mãe, o Que Será que o Negro Quer?" Representações Racistas na Revista Vistazo,1957-1991**. In: Estudos Afro-Asiáticos. [online] Ano 23, nº 1, 2001, pp. 5-28. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2001000100001>. Acesso em: 15 fev.2019.

RANGEL, Edson. **Afrofuturismo e questões políticas do negro na ficção científica**. Revista do Audiovisual Sala 206, Vitória, n. 5, jan./jul. 2016.

Disponível em:< <http://periodicos.ufes.br/sala206/article/view/13798>>. Acesso em: 05 maio.2019

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017. (Coleção Feminismos Plurais)

REGO, Carla Luedy. **Mídias sociais e etnografia da recepção : o filme Jogos Vorazes e algumas interpretações possíveis a partir do Facebook.** 2016. 108 f. Dissertação (Pós-Graduação em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: < http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS-2_94f46c7209f0af0e0304b442f9c1724c>. Acesso: 18 abr.2019

RODRIGUES, J. C. (2001). **O negro brasileiro e o cinema.** (3a ed.). Rio de Janeiro: Pallas.

SABÓIA, Evandro Finardi. **Identidade e cultura: reflexões sobre auto identificação no Brasil.** Disponível em:<<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2013/03/EvandroFSaboia.pdf> >. Acesso em 27 jun 2018.

SANTANA, Paulo Henrique Basilio; RODRIGUES, Rodrigo Siqueira. **O Negro no Oscar 2017: uma análise sobre representatividade nos filmes Fences e Moonlight.** Comunicação Audiovisual do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste (2017). Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0599-1.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2019

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos; SANTOS, Marinês Ribeiro dos. **Geração Tombamento; tranças; turbantes; moda afro-brasileira.** Afrofuturismo.dObra[s] | VOLUME 11 | NÚMERO 23 | MAIO 2018. Disponível em: <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras>.> Acesso em: 05 maio. 2019

SANTOS, Thais Helen do Nascimento. **Mídia, representação e raça: o negro na telenovela Avenida Brasil. Mediação.** Belo Horizonte, v. 17, n. 20, jan./jun. de 2015. Disponível em: < <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/2515>>. Acesso em: 25 abr.2019

SCHMITZ, D. et al. **Estudos de recepção: estado da questão e os desafios pela frente.** – Intercom RBCC São Paulo, v.38, n.1, p.p. 109-128, jan./jun. 2015. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/interc/v38n1/1809-5844-interc-38-01-0109.pdf>.>. Acesso em 12 de janeiro de 2019.

SCHRAMM, Luanda . Comunidades interpretativas e estudos de recepção: das utilidades e inconveniências de um conceito.In: **Mídia e recepção : televisão, cinema e publicidade** / Nilda Jacks, Maria Carmem Jacob de Souza, organizadoras. - Salvador : Edufba, 2006. p.13-31

Self (psicologia). Disponível em:<[https://www.infopedia.pt/\\$self-\(psicologia\)](https://www.infopedia.pt/$self-(psicologia))> Acesso em 14 jul 2018.

SILVA, Andréa Rosendo. A representação da mulher afro-latino americana no audiovisual: cultura e identidade no festival latinidades. Curitiba: 2016. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/54713>>. Acesso em 25 fev.2019

SILVA, Wagner Machado da. Cidadania e Equidade: A importância e os Reflexos do Filme Pantera Negra na Representatividade do Negro. DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania – no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, maio/junho 2018, Cascavel: Paraná. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-0807-1.pdf>>. Acesso em: 23 abr.2019

SILVA, K. C. V. ; Quadrado, Jaqueline C. . O afrofuturismo como forma de representação cultural. 2016. Disponível em: < <http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2016/11/O-AFROFUTURISMO-COMO-FORMA-DE-REPRESENTA%C3%87%C3%83O-CULTURAL-2.pdf>>. Acesso em: 05 maio.2019

SOUSA, Aryclennys Silva; BRAGA, Claudomilson Fernandes. Mídia, Jornalismo e Cidadania: A representação do negro na mídia televisiva no Brasil. **Revista Comunicação Cultura e Sociedade**, n.06, vol. 6, ed.Goiana:2016.

STAIGER, Janet. *Perverse spectators: the practices of film reception*. N.Y: New York University.Press, 2000.

_____. *Interpreting Films: studies in the historical reception of American cinema*. Princeton Press. New Jersey. 1992.

Sucesso, prêmios e Oscar: 13 curiosidades sobre o filme "Pantera Negra". Disponível em:<<https://www.bol.uol.com.br/listas/sucesso-premios-e-oscar-curiosidades-sobre-o-filme-pantera-negra.htm>>Acesso em 09 de março de 2019

TEIXEIRA NETO, W. de M. A estética e a comunicabilidade do cinema brasileiro contemporâneo: uma análise das interações valorativas entre críticos e diretores. 179 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

VANOYE, Francis; GOLLOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílice fílice fílica. Campinas: Papirus, 1994.

WESCHENFELDER, G. V. Os Negros nas Histórias em Quadrinhos de Super-heróis. v.18, n. 1, p. 67-89. São Leopoldo: 2013. Disponível em:<<http://periodicos.est.edu.br/identidade>>. Acesso em: 20 dez 2019

WHITE, Robert. Recepção: A abordagem dos Estudos Culturais. Comunicação & Muçango, São Paulo, I T 21: 57 a 76, maio/jago. 1998. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36359>>.Acesso em: 25 abr.2019

ANEXO A

Autor (a): Ivanildo Pereira

Data de Publicação: 19 fevereiro 2018

Disponível em: <<http://www.cineset.com.br/pantera-negra-representatividade-negra-brilha-em-grande-filme/>>

‘PANTERA NEGRA’: REPRESENTATIVIDADE NEGRA BRILHA EM GRANDE FILME⁴⁰

O Pantera Negra é um super-herói muito legal. Possui um nome chamativo, um traje bacana, um universo interessante ao seu redor... Ora, na sua primeira aparição nos quadrinhos, ele derrota sozinho o Quarteto Fantástico! O Pantera é T’Challa, príncipe do reino africano fictício de Wakanda, um lugar de cultura e desenvolvimento tecnológico sem paralelos na Terra do Universo Marvel. Um lugar que deveria existir de verdade – viveríamos num mundo melhor se Wakanda fosse real.

Isso ressalta o maior diferencial a respeito do personagem: ele foi, de fato, o primeiro super-herói negro da grande indústria de quadrinhos norte-americana, criado por Stan Lee e Jack “O Rei” Kirby em 1966, justo quando a luta pelos direitos civis mobilizava a população negra do país e as tensões raciais estavam atingindo o seu ápice naquela década. O Pantera não era o parceiro de nenhum herói branco nem dependia de ninguém para agir. Os leitores, claro, ficaram impressionados. Ora, pouco depois da primeira aparição dele nos quadrinhos surgiu o Partido dos Panteras Negras, a organização negra que combatia a opressão branca e a truculência policial, muitas vezes com mais violência. As HQs influenciaram a realidade? Ninguém parece ter uma resposta definitiva para isso, mas esse fato demonstra como os criadores dos quadrinhos Marvel estavam atentos ao que estava acontecendo no país e no mundo, e usavam isso como combustível para a fantasia.

Os responsáveis pelo Marvel Studios são inteligentes o suficiente para fazer a mesma coisa que as HQs fizeram. Afinal, o público de cinema também ficou impressionado com o personagem em *Capitão América: Guerra Civil* (2016), sua estreia nas telas. *Pantera Negra*, o filme, é sequência direta dos eventos daquele divisor de águas do Universo Marvel cinematográfico: T’Challa (vivido por Chadwick Boseman) vira rei de Wakanda depois da morte do pai e começa a enfrentar desafios para governar. Mas o mundo está mudando, e as atividades dos vilões Klaue (Andy Serkis) e Erik Killmonger (Michael B. Jordan) começam a ameaçar o isolacionismo de Wakanda e o próprio reinado, e a vida, de T’Challa.

Trata-se de um filme feito por negros para ressaltar o fato de, finalmente, termos uma produção de grande orçamento estrelada por um super-herói negro – o diretor Ryan Coogler, um negro, tocou no tema racial com inteligência e força em *Fruitvale Station: A Última Parada* (2013) e revitalizou uma franquia “branca” graças a uma visão arguta e repleta de negritude no emocionante *Creed* (2015), ambos com Michael B. Jordan. O elenco de *Pantera Negra* também é quase todo

⁴⁰ Apresentamos a transcrição dos textos utilizados na análise, retiramos apenas as imagens.

negro, com a presença de intérpretes de destaque como Lupita Nyong'o, Danai Gurira, Daniel Kaluuya, Forest Whitaker e Angela Bassett, e os principais membros da equipe do filme também são negros.

A história concebida por Coogler aborda temas relevantes para o nosso tempo. Um dos personagens se opõe à revelação de Wakanda para o mundo por se dizer contra a enxurrada de refugiados que o país enfrentaria – “*Seremos igual a qualquer outro lugar*”, ele diz. O racismo do mundo ocidental, e o ressentimento que ele cria na alma de quem o sofre, são as forças motrizes do comportamento do antagonista Killmonger. Outra frase, dita por T'Challa, também possui força insuspeita e adquire ainda mais poder por ser dita no contexto do que é, no fim das contas, um *blockbuster* comercial: “*Em tempos difíceis, os sábios constroem pontes e os tolos, muros*”.

Coogler e seu co-roteirista Joe Robert Cole também colocam uma boa dose de profundidade no filme. Há momentos praticamente operáticos dentro da história, reforçados pelo escopo grandioso do filme no qual se destaca especialmente o *design* de produção de Hannah Beachler. Os cenários e as vistas aéreas de Wakanda captadas pela câmera do filme impressionam, assim como a mescla de paisagens reais com elementos criados por computador. O figurino do filme também é inteligente, diferenciando as várias tribos que compõem a nação de Wakanda com cores e estilos diversos. Percebe-se que todo esse trabalho visual é no fundo uma extrapolação fantasiosa de elementos das culturas africanas que existem no mundo real. O resultado é uma obra tal e qual as HQs, com um pé na realidade e o outro na fantasia.

Quem também traz profundidade ao filme é o vilão, o mais interessante que o Marvel Studios já conseguiu criar em suas produções. Jordan é imponente e muito carismático no papel, e é curioso ver como ele é mais emocional que o herói. Erik faz o que todo grande antagonista faz, nos faz questionar o herói e seus métodos – não fosse a presença de cena e a força de Boseman, seria o primeiro caso de filme Marvel no qual o vilão rouba definitivamente a cena.

Mas os realizadores de *Pantera Negra* também são inteligentes o bastante para deixar os temas discutidos no filme e a trama meio “shakespeariana” como pano de fundo, pois o mais importante é o espetáculo. A visão de Coogler é épica, grandiosa, e o filme alcança o propósito de divertir com facilidade, mesmo que aqui e ali derrape um pouco. O clima de “James Bond negro” é claro, pois o Pantera possui até a sua “Q” para lhe fornecer engenhocas úteis – a atriz Letitia Wright faz a irmã de T'Challa e rouba todas as cenas em que aparece. Há, porém, algumas conveniências narrativas e clichês de roteiro, notadamente perto do fim, e algumas cenas de ação – como a do comboio no início – são prejudicadas pela praga da *shaky cam*, aquela câmera tremida que, aliada aos cortes muito rápidos na montagem, atrapalham a visualização das cenas. Coogler se sai melhor criando – com o auxílio de computador – o belo plano-sequência da luta do cassino. E a computação gráfica perto do fim também é meio irregular – é triste ver o herói e o vilão se transformarem em bonecos de videogame num cenário ligeiramente falso e sem peso na luta climática.

Essas coisas atrapalham, mas não tiram os muitos méritos do filme. *Pantera Negra* consegue divertir com uma história forte e dramática – há momentos de típico humor Marvel, mas o tom está mais próximo de *Capitão América: Soldado Invernal* (2014) do que de *Thor: Ragnarok* (2017). Acima de tudo, o filme compreende a importância de se contar histórias e dos heróis, especialmente quando somos crianças. Ver garotinhos (e adultos) negros ficando embasbacados com o seu herói e seus apetrechos não tem preço. Graças a mais esta história contada direito, de modo geral, agora o mundo vai perceber de vez o quão legal é esse super-herói e o quão importante ele foi. E continua sendo...

ANEXO B

Autor (a): Pablo Villaça

Data de Publicação: 08 de março 2018

Disponível em: <<http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/critica/filme/8442/pantera-negra>>

Pantera Negra

Black Panther

Dirigido por Ryan Coogler. Roteiro de Ryan Coogler e Joe Robert Cole. Com: Chadwick Boseman, Michael B. Jordan, Lupita Nyong'o, Danai Gurira, Martin Freeman, Daniel Kaluuya, Letitia Wright, Winston Duke, Sterling K. Brown, Florence Kasumba, Isaach De Bankolé, Denzel Whitaker, Andy Serkis, Forest Whitaker e Angela Bassett.

Quando eu tinha cerca de 17 ou 18 anos de idade, lembro-me de assistir à comédia romântica *O Príncipe das Mulheres*, protagonizada por um Eddie Murphy que acabara de encerrar uma década de sucesso absoluto, e sentir um estranhamento que só depois de algum tempo percebi vir do fato de que, ambientado em um universo povoado por indivíduos ricos e bem-sucedidos, trazia essencialmente atores negros em todos os papéis importantes. Foi, confesso, um choque que me despertou ainda mais para o racismo histórico e institucional de nossa sociedade – e que me fez refletir, também, sobre como os espectadores negros deviam se sentir diante de basicamente *todo o restante da produção cinematográfica*, já que a norma era (e, infelizmente, ainda é) contar histórias centradas em personagens brancos mesmo quando a cor de suas peles não desempenha qualquer função na narrativa.

É difícil, portanto, mensurar a importância de uma obra como *Pantera Negra*, que, mesmo não sendo o primeiro longa do gênero protagonizado por um super-herói negro (*Blade*, *Homem Meteoro*, *Spawn* e *Mulher-Gato* vieram antes, por exemplo), é definitivamente o primeiro a ter tratamento de superprodução, elenco e equipe negros, contar com uma verba de *marketing* multimilionária e ter, como resultado, a oportunidade de atingir um público colossal ao redor de todo o planeta. Que ainda seja um filme tão bom é um bônus mais do que bem-vindo.

Escrito por Joe Robert Cole ao lado do diretor Ryan Coogler, o roteiro acompanha T'Challa (Boseman), que, depois da morte do pai, assume o trono de Wakanda e o posto de Pantera Negra, tornando-se responsável pela nação composta por cinco tribos e que conta com uma tecnologia avançadíssima graças à presença do metal *vibranium* –

tecnologia que é mantida em segredo do restante do planeta para evitar tentativas de invasão movidas por interesse pelo raro material. Quando o mercenário Ulysses Klaue (Serkis) tenta vender certa quantidade de *vibranium* roubada há tempos, T'Challa parte numa missão para detê-lo, sendo auxiliado por Okoye (Gurira), comandante de sua guarda pessoal, pela espiã Nakia (Nyong'o) e por Shuri (Wright), que, além de ser responsável pela sofisticada tecnologia de Wakanda, é também sua irmã. É então que surge em cena Erik "Killmonger" (Jordan), um ex-militar norte-americano que, possuindo ligações particulares com Wakanda, mostra-se decidido a derrotar T'Challa em um combate ritualístico e tomar o trono da nação.

Assumindo um caráter político simplesmente ao imaginar Wakanda como um território africano que jamais foi vítima de colonização, *Pantera Negra* permite que a *designer* de produção Hannah Beachler e a figurinista Ruth Carter concebam o reino como um lugar que combina uma cultura intocada pelos brancos europeus e a alta tecnologia propiciada pelo *vibranium* – e, assim, temos naves futurísticas cujos formatos remetem a máscaras tribais e mantos que se tornam escudos poderosos, além de figurinos multicoloridos que criam um contraste plasticamente belíssimo com as rochas por trás de seus donos durante sequências como a da coroação do protagonista. Além disso, Beachler e Carter se empenham em distinguir visualmente as cinco tribos, que vão de cidades dominadas por arranha-céus a cabanas rústicas que se projetam de rochedos tomados por neve, ao passo que a trilha composta por Ludwig Göransson é inteligente ao incluir percussões e ritmos tipicamente associados ao continente sem reduzi-la a uma coleção de clichês melódicos ofensivos.

Há, claro, os problemas habituais que percorrem basicamente todos os capítulos do Universo Estendido Marvel: a necessidade de enfiar sequências de ação na narrativa a cada 20/25 minutos, mesmo que estas surjam de maneira inorgânica, e o fato de estas serem obrigatoriamente absurdas a ponto de forçar a substituição dos atores por bonecos digitais que jamais soam convincentes, transformando o filme pontualmente em *cut scenes* de videogames (o mesmo se aplicando aos rinocerontes *wakandianos*). Por outro lado, a direção de Ryan Coogler é hábil ao conferir peso às cenas dramáticas e ao pontuá-las com humor sem que este se torne forçado, trazendo também energia às lutas e perseguições por mais que estas soem como imposição contratual – e é notável como o jovem cineasta vem exibindo versatilidade como realizador, já que, em tom, temas e estilo, seus três longas não poderiam ser mais diferentes uns dos outros (os anteriores foram *Fruitvale Station* e *Creed*).

Ancorado pelo carismático e imponente Chadwick Boseman, que encarna bem a determinação e os conflitos internos do personagem-título, *Pantera Negra* tem em seu elenco feminino, contudo, sua maior força: se Danai Gurira estabelece Okoye como uma guerreira cuja superioridade física e moral é sempre evidente, Letitia Wright converte Shuri em uma cientista cujo intelecto é rivalizado apenas por seu bom humor, enquanto Lupita Nyong'o deixa claro desde o princípio que sua Nakia pode ser o interesse romântico do herói, mas jamais se deixa definir por isto, apresentando-se como uma mulher forte e independente que tem suas missões como prioridade absoluta. Para completar, o filme ainda traz Angela Bassett como Ramonda, que, longe de ser apenas mãe do protagonista, é também o centro moral e emocional que guia suas atitudes.

Já os homens da trama são retratados com um pouco menos de complexidade, já que Forest Whitaker pouco pode fazer como um personagem cuja principal função é a exposição e Andy Serkis vive uma caricatura de insanidade (o que, devo apontar, é obviamente a proposta por trás de Klaue, não sendo culpa do ator o fato de encarná-lo tão bem). Isto é mais do que compensado, em contrapartida, pelo vilão interpretado por

Michael B. Jordan, parceiro habitual do diretor, que eleva Killmonger quase à posição de anti-herói. Motivado não por ambições megalomaniacas ou (apenas) por vingança, o sujeito ressentido a omissão de Wakanda diante do sofrimento das populações negras em todo o mundo, mostrando-se determinado a empregar o *vibranium* para patrocinar uma verdadeira insurreição racial em larga escala – e é particularmente relevante que ele demonstre admiração irrestrita por seus antepassados que saltaram dos barcos que os levavam da África rumo à escravidão, preferindo o afogamento à servidão. Aliás, é justamente por revelar uma empatia tão grande pela causa de Killmonger que não deixa de ser decepcionante que o roteiro sinta a necessidade de incluir não apenas um personagem branco entre os heróis, mas um que pertence à mesma CIA que tanto interferiu (e interfere) nas democracias africanas para beneficiar os interesses norte-americanos – e não é à toa que o agente interpretado por Martin Freeman parece sempre deslocado e descartável na narrativa.

Encontrando espaço para uma alfinetada nada sutil nas políticas nacionalistas de Donald Trump na cena que surge durante os créditos finais, *Pantera Negra* é um filme importante por sua representação, mas que não se define apenas por isso – e sua coragem me leva a admirar ainda mais, em retrospecto, a exibida por Eddie Murphy no auge de sua carreira, já que usou sua influência não apenas para viabilizar *O Príncipe das Mulheres*, mas também outras produções com elencos predominantemente negros, como *Um Príncipe em Nova York*, *Os Donos da Noite*, *Um Distinto Cavalheiro* e *Um Vampiro no Brooklyn*. Um esforço que, independentemente da qualidade de cada um destes projetos, provavelmente prejudicou sua carreira.

E é motivo de otimismo que o sucesso de *Pantera Negra* indique que os tempos finalmente parecem estar mudando. Que continuem nessa direção.

Observação: como de costume, há cenas adicionais não apenas durante os créditos finais, mas depois destes.

ANEXO C

Autor (a): Francisco Russo

Data de Publicação: não consta

Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-130336/criticas-adorocinema/>>

PANTERA NEGRA

Volta às Raízes

Quando o Universo Cinematográfico Marvel foi estabelecido, a ideia básica era que cada herói tivesse sua aventura solo para que, posteriormente, todos se reunissem no clímax Os Vingadores. O tempo passou, mais seres superpoderosos chegaram e a teia existente entre eles fez com que, cada vez mais, participações ocasionais surgissem aqui e ali. Natural, era este o conceito de uma imensa história contínua narrada a cada novo capítulo. *Pantera Negra* não foge à esta tendência temporal, mas ao mesmo tempo retoma a ideia original de ambientar a realidade de um herói específico. No caso em questão, Wakanda.

Não é exagero dizer que o país-natal de T'Challa seja um dos principais personagens de **Pantera Negra**. Isolado do resto do mundo de forma a esconder uma potência tecnológica inigualável à base do valioso vibranium, Wakanda é uma conjugação entre as raízes ancestrais do povo africano com tamanha modernidade - não por acaso, a trilha sonora traz muito da força dos tambores. Mais do que a beleza paisagística, chama a atenção a cultura construída em torno de tal lugar: dos figurinos vistosos às máscaras exuberantes, das crenças relacionadas à dança - ou ao movimento dos corpos, como preferir - ao sotaque imaginário e coeso: tudo é muito peculiar a esta localidade, trazendo de imediato uma nova camada ao já imenso UCM, tanto em relação à pluralidade quanto à representatividade.

Em ambos os aspectos, **Pantera Negra** é essencial. Não apenas por possibilitar um ícone negro como exemplo, para que jovens mundo afora se reconheçam também no universo dos super-heróis, mas também por trazer sua realidade e anseios ao fantasioso mundo da Marvel. Sim, pois o conflito existente entre T'Challa (Chadwick Boseman) e Killmonger (Michael B. Jordan) pode facilmente ser apontado como reflexo dos ideais de Martin Luther King e Malcolm X sobre a posição dos negros na sociedade norte-americana, lá nos anos 1960. Da mesma forma, o filme aborda (de leve) questões urgentes sobre os refugiados e até mesmo dá uma sutil cutucada na ojeriza do atual presidente norte-americano, Donald Trump, às "nações de merda" - atenção ao simbolismo da primeira cena pós-créditos. Mais ainda: há no filme uma textura da cultura negra que vem muito do meticuloso trabalho do diretor e roteirista Ryan Coogler, em tão bem retratar particularidades típicas.

Neste sentido, **Pantera Negra** é também um ícone na representação feminina. Tanto com Lupita Nyong'o quanto com Danai Gurira e a ótima Letitia Wright, o filme traz mulheres fortes e decididas, com posição de destaque na estrutura de poder de Wakanda. Além disto, o trio surge muito bem na composição de suas personagens, especialmente na divertida dinâmica entre irmãos envolvendo Shuri e T'Challa. No lado masculino, além da boa participação do protagonista há também Martin Freeman, que reprisa seu naturalismo habitual ao compor um personagem bem parecido com seus últimos trabalhos - e, mais uma vez, de forma competente.

Outro aspecto que merece destaque são os dois vilões do filme, bem superiores à média existente na Marvel. Se Andy Serkis encarna um personagem exagerado, daqueles que tiram sarro de todos e curtem a maldade intrínseca, Michael B. Jordan apresenta um viés oposto, raivoso e muito bem fundamentado com base em uma tragédia familiar tipicamente shakespeariana. Pela contextualização do embate com T'Challa, seu Killmonger desponta não só pela força física mas também pelo peso de seu passado de forma que o roteiro, habilmente, insira tal situação dentro do clima de preconceito e abandono típicos de boa parte da população negra nos Estados Unidos. Vale destacar ainda o interessante contraste de sotaques e vocabulário entre o povo de Wakanda e Killmonger, oriundo do submundo da Califórnia, quase um *easter egg* plantado por Ryan Coogler.

Bastante político ao apresentar o ambiente em torno de Wakanda, **Pantera Negra** oferece ao espectador a suntuosidade de uma nova cultura manifestada a partir de imagens, posturas, cores e roupas. Em meio ao fascinante equilíbrio entre tradição e modernidade, o filme avança mais alguns passos dentro da novela do Universo Cinematográfico Marvel, situando-se entre os eventos de Capitão América: Guerra Civil sem, no entanto, ser uma sequência direta do que lá acontece - ao menos não em relação aos demais super-heróis retratados. Por outro lado, em meio à tamanha apuro na ambientação o filme entrega poucas cenas de ação. Se os dois duelos envolvendo T'Challa são bem resolvidos e funcionam pela tensão intrínseca, as duas sequências mais grandiosas exageram no CGI e na repetição de movimentos do Pantera Negra, especialmente no trecho situado na Coreia do Sul, ou mesmo na multidão que de repente surge em meio à batalha campal. Até divertem, mas estão longe de ser o prato principal neste que é o melhor e mais ambicioso filme da Marvel desde Capitão América 2 - O Soldado Invernal.

ANEXO D

Autor (a): Natália Bridi

Data de publicação: 06 de fevereiro de 2018 (atualizada em 07 de fevereiro 2018)

Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/pantera-negra-critica>>

Pantera Negra | Crítica **Ryan Coogler cria filme de super-herói empolgante, destemido e universal**

Com sua estreia na *Fantastic Four #52*, em julho de 1966, Pantera Negra comprovava mais uma vez a capacidade dos quadrinhos de captar a situação social ao traduzir em cores e ação o Movimento pelos Direitos Civis nos EUA. Mais de 50 anos depois, o herói ganha seu filme solo não apenas para atender a necessidade por diversidade e representatividade no cinema. *Pantera Negra* é um manifesto cultural, sem medo de falar sobre as questões raciais nos EUA, passadas e atuais, ao mesmo tempo em que faz um filme de super-herói empolgante e universal.

Ryan Coogler, o diretor (também responsável por *Creed: Nascido para Lutar* e *Fruitvale Station: A Última Parada*), diz que, apesar da estrutura de blockbuster, esse é seu filme mais pessoal. “*Para mim, lida com a pergunta que tenho me feito desde que era jovem: o que significa ser africano?*”, explica. O aprendizado do cineasta, que escreve o roteiro ao lado de Joe Robert Cole, é traduzido no encantamento por Pantera Negra e seu universo. A “fórmula da Marvel” se torna uma oportunidade de gritar mais alto, permeando a linguagem preestabelecida por um poderoso subtexto.

Até mesmo o vilão, uma questão problemática no universo cinematográfico da Casa das Ideias desde *Homem de Ferro* (2008), é usado a favor da trama. Erik Killmonger (Michael B. Jordan) é o reflexo de T'Challa (Chadwick Boseman), mas Coogler subverte positivamente o clichê do herói contra si mesmo para estabelecer um paralelo rico e oportuno. Killmonger não é apenas um obstáculo a ser superado para que o Pantera acredite na própria força. Ele é o outro lado da moeda, uma oportunidade de reflexão sobre o legado de Wakanda e o alcance da sua responsabilidade. As ações do passado, tomadas por T'Chaka (John Kani) e N'Jobu (Sterling K. Brown), o pai de Killmonger,

reverberam no presente, mas cabe a nova geração levar a nação adiante. Da sua imagem espelhada, T'Challa confronta erros para ser não apenas um herói, mas um líder melhor.

Esse peso social que Pantera Negra carrega em cada cena, desde o prólogo que explica em minutos todos os conceitos necessários para o entendimento da história, não interfere na sua capacidade de entreter. Com um roteiro redondo, Coogler e Cole posicionam personagens e situações para encontrar leveza. Shuri (Letitia Wright), a irmã mais nova de T'Challa, Garra Sônica (Andy Serkis), o vilão apresentado em *Vingadores: Era de Ultron*, e o agente Everett K. Ross (Martin Freeman) são responsáveis pelo humor mais descarado, mas a boa construção dos personagens evita que as piadas sejam gratuitas. É o que também explica a ausência de coadjuvantes descartáveis no filme. Um micro universo é criado em torno da espiã Nakia (Lupita Nyong'o), da líder das Dora Milaje Okoye (Danai Gurira), dos guerreiros M'Baku (Winston Duke) e W'Kabi (Daniel Kaluuya), e da rainha-mãe Ramonda (Angela Bassett), de forma que suas existências não se limitam às necessidades do protagonista. Mais do que criar Wakanda, é preciso povoá-la.

A consistência dada aos personagens pelo roteiro e as atuações contorna a insegurança de Coogler ao trabalhar com efeitos visuais. Fica claro no contraste entre as cenas externas em Wakanda e nas ruas da Coreia do Sul que o diretor fica mais à vontade em espaços práticos e urbanos, onde dá agilidade às cenas de ação, seja em um cassino clandestino ou em uma perseguição de carros. Quando precisa lidar com o Chroma Key para dar vida ao país fictício, os cenários perdem a profundidade, a câmera não se arrisca, tornando óbvio o uso da computação gráfica. Cabe ao colorido figurino de Ruth E. Carter, baseado nas artes de Jack Kirby, a tarefa de dar personalidade à nação, criando tribos e líderes para um mundo tão tecnológico quanto ancestral. A trilha de Ludwig Göransson, com consultoria musical de Kendrick Lamar, também trabalha dentro desse conceito, misturando sons convencionais e músicas africanas.

Coogler encara *Pantera Negra* como uma declaração da importância do imaginário na formação de uma sociedade plural e inevitavelmente faz um filme histórico. Seu herói é forte, ágil, justo e está pronto para ser admirado por uma geração de crianças e adultos e se tornar uma das figuras centrais no futuro do universo cinematográfico da Marvel.

ANEXO E

Autor (a): Ernesto Barros

Data de publicação: 16 de fevereiro de 2018

Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/cinehq/2018/02/16/1278/>>

Crítica: Pantera Negra, de Ryan Coogler

O universo cinematográfico Marvel, tal como o conhecemos, completa 10 anos em 2018 com a chegada do paradigmático *Pantera Negra*, sua 18ª produção. O longa-metragem pode ser considerado o apogeu das adaptações para o cinema das histórias em quadrinhos da Casa das Ideias – como a Marvel gosta de se referir. Já em cartaz em cerca de 1.200 salas de cinema espalhadas pelo País, o filme chega na hora certa, quando o mundo necessita urgentemente de uma orientação político-espiritual sobre o

seu futuro, ameaçado por governantes egoístas e despreparados para esboçar qualquer reação diante da corda-bamba em que ele se equilibra.

A grande surpresa é ver que **Pantera Negra**, um filme de super-herói sobre um rei de uma nação africana, aparentemente pobre, não está brincando quando aponta o isolacionismo e o mau uso das riquezas naturais como entraves para o mundo viver melhor, tal e qual o povo de Wakanda, a nação superdesenvolvida que há séculos está fora do radar do mundo, fechada em si mesma, negando-se, em nome da autoproteção, de partilhar as maravilhas proporcionadas pelos poderes do superminério Vibranium, que tem mil utilidades e aplicações tecnológicas, deixando a impressão de que, do lado de cá, ainda vivemos na Idade da Pedra.

Para quem nunca ouviu falar, nem leu nenhuma de suas histórias, assistir ao primeiro filme de Pantera Negra, o super-herói criado por Stan Lee e Jack Kirby em 1966, é um choque e tanto. Não é o fato de ele ser negro, como praticamente todos os personagens do filme, o que provoca uma surpresa fundamental. Mas sim a responsabilidade sobre humana que T'challa/Pantera Negra, o jovem rei de Wakanda, assume quando dá os primeiros passos como governante, de olhos abertos para tudo o que acontece ao seu redor.

Trazer para o mundo um super-herói com tais propósitos era tudo o que o jovem diretor Ryan Coogler, 32 anos, que chega agora ao terceiro longa-metragem, precisava. De certa maneira, **Pantera Negra** é um filme que propõe uma revisão em nossas atitudes políticas sociais. Embora tenha o revestimento das grandes ideias, o que Coogler e Joe Robert Cole, roteirista, oferecem ao público é também um excitante filme de aventuras, ficção científica e misticismo, marcado por inúmeras reviravoltas, mulheres e homens admiráveis, atos de heroísmo e de grandeza, além de vilões perspicazes e de coração duro, vítimas do abandono e do desespero.

Todo esse coquetel de sensações é traduzido num visual esplendoroso, belamente capturado pelas lentes de Rachel Morrison (a primeira diretora de fotografia indicada ao Oscar, pelo filme **Mudbound – Lágrimas do Mississippi**). O reino de Wakanda e Seul, na Coreia do Sul, ganham a aparência de lugares nunca vistos, apenas imaginados. A versão em 3D é particularmente feliz em captar cada nuance de luz, reentrâncias, pesos e medidas desses espaços quase oníricos, ainda mais expressivos com os vestuários afro-futuristas de Ruth Carter ou a direção de arte majestosa de Hannah Beachler para a Cidade de Esmeraldas (ou Eldorado, como diz o vilão Ulysses Klaue, vivido por um Andy Serkis clownesco).

Apesar de toda a beleza e envolvimento sensorial – a trilha sonora do sueco Ludwuing Göransson tem uma presença incrível -, **Pantera Negra** é um filme em que os personagens adquirem o milagre de demonstrarem que possuem alma – não são apenas ideias genéricas de seres humanos. T'Challa, interpretado por Chadwick Boseman (que fez James Brown em **Get on Up**, em 2018) por várias vezes ultrapassa o plano da vida terrestre para outro superior, onde se comunica com os antepassados, especialmente o pai, T'Chaka (John Kani), que cometeu erros e deixou o legado de morte e dor que o filho terá que resolver.

Para dar conta de todos esses desafios, T'Challa/Pantera Negra tem a companhia do xamã Zuri (Forrest Whitaker) e de quatro mulheres que o acompanham sempre: a madrasta Ramonda (Angela Bassett), a ex-namorada Nakia (Lupita Nyong'o), a guerreira Okoye (Danai Gurira) e a irmã gêmea da computação Shuri (Letitia Wright), além do amigo W'Kabi (Daniel Kaluuya). Casado com Okoye, W'Kabi se revoltará com T'Challa quando

Erick Kilmonger (Michael B. Jordan) aparece para cobrar uma dívida dos seus ancestrais.

Embora tenha o ritmo frenético semelhante a outros filmes da Marvel, seguramente Pantera Negra traz momentos de reflexão inéditos entre eles. Para quem acompanha esses personagens desde a mais tenra infância, vê-los com uma estatura humana mais do que heroica é um momento de júbilo e fé no cinema que, mesmo diante de tantos imperativos econômicos, atinge as alturas excelsas da arte.

ANEXO F

Autor (a): Artur Francischi

Data de publicação: 18 de fevereiro de 2018

Disponível em: <<http://prosalivre.com/critica-pantera-negra/>>

Crítica: “Pantera Negra” é o filme de super-herói que o mundo precisa ver

Na última quinta-feira (15), chegou aos cinemas “Pantera Negra”, nova produção da Marvel, e o primeiro protagonizado por um super-herói negro. Os filmes do gênero tornaram-se imensamente populares na última década, mas falharam em apresentar personagens que não fossem apenas homens brancos. Depois de uma mulher ter seu próprio longa (“Mulher-Maravilha”), é finalmente a hora de um homem negro ter um filme para chamar de seu.

E “Pantera Negra” vai ainda mais longe, apresentando um elenco majoritariamente negro e uma narrativa inteligente, que ao mesmo tempo em que entretém, também faz comentários inteligentes acerca da cultura africana. Raramente, vemos filmes com personagens centrais negros fora do contexto de escravidão ou biografias, tampouco vemos histórias sobre a África contadas sem um olhar colonizador. Com a obra, o diretor Ryan Coogler confronta antigas e ultrapassadas concepções sobre ambos os tópicos, além de fazer um filme que conversa com o momento atual em que vivemos.

“Pantera Negra” segue o retorno de T’Challa (Chadwick Boseman) a Wakanda, país escondido no meio do continente africano, para assumir o trono depois da morte de seu pai, o rei T’Chaka (John Kani). Essa é uma missão difícil para ele, que se pega questionando se deveria abrir com o mundo todo o conhecimento e tecnologia de sua terra natal com o mundo, ao mesmo tempo em que estrangeiros tentam roubar o Vibranium, metal raro e que só pode ser encontrado no território.

Há muito o que se dizer sobre “Pantera Negra”. A começar pela construção da fictícia Wakanda, cuja nação corre o perigo de ser atacada e saqueada por homens que querem levar de lá o metal, o qual permitiu que ela se desenvolvesse tecnologicamente, estando à frente do restante do mundo. Dá para perceber a força disso? No meio da África, um continente frequentemente associado à pobreza e doenças, um país é referência em para os demais países.

E indo além, no filme, finalmente temos um novo cenário, diferente das grandes cidades americanas e europeias, que sempre servem de pano de fundo para as produções cinematográficas.

E é justamente por sua riqueza e poder, que vem a maior preocupação de T'Challa: é melhor manter esse conhecimento para si, a fim de preservar Wakanda e sua população, ou abrir-se para o mundo e romper com um estilo de vida tão característico e sofrer possíveis ataques externos?

Se T'Challa hesita, Erik Killmonger (Michael B. Jordan) não quer apenas que o planeta conheça Wakanda, mas que se todos se curvem a ela. Ele é um vilão com motivações reais, que não se encaixou em mundo dominado por homens brancos, mas que também se sente traído pelo próprio povo. O personagem foi muito bem escrito, talvez sendo o melhor de todo o Universo Cinematográfico da Marvel. E o ator que dá vida a ele impressiona com seu trabalho (nota interessante: Michael B. Jordan revelou recentemente que se inspirou no brasileiro “Cidade de Deus” para compor seu personagem).

As mulheres do filme também chamam – e muito – a atenção. É importante falar sobre as Dora Milaje, a guarda que serve a família real, a qual é toda composta por um time feminino. Inspiradas nas guerreiras Ahosi, um exército somente de mulheres africanas, as Dora Milaje trazem mulheres negras de diferentes cores e poderosas, lideradas por Okoye (Danai Gurira). Nakia (Lupita Nyong'o) é ex-namorada de T'Challa, mas nem por isso é mais uma donzela em perigo. Pelo contrário, ela não espera para ser salva e também luta e tem suas motivações pessoais. E como esquecer de Shuri (Letitia Wright)? Princesa de Wakanda, ela é cientista e é também a mulher mais inteligente da Marvel, responsável pela tecnologia de seu país.

Em termos de estética e narrativa, “Pantera Negra” oferece muito mais do que qualquer outro filme de super-herói. E isso se deve muito à direção de Ryan Coogler, que soube aproveitar as nuances da história e do personagem que tinha em mãos, para criar um material novo, com personagens negros múltiplos e sem recair em estereótipos.

Sinto que estamos finalmente adentrando em uma nova era de produções de heróis. Uma em que mulheres, negros (e com esperança, LGBTs e pessoas com deficiência) têm, enfim, espaço.

“Pantera Negra” é atual e um que merece ser visto e aplaudido. Quem sabe o veremos na corrida pelo Oscar no ano que vem? Vamos torcer para isso. Até lá, corra para o cinema e vá assistir ao Rei T'Challa!

ANEXO G

Autor (a): Ettore R. Migliorança

Data de publicação: 27 de fevereiro de 2018

Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/20-critica/277-e-m>>

Pantera Negra: A Geopolítica da Marvel Studios

A trajetória da maior parte dos heróis no cinema é centrada numa jornada de auto-superação ou numa corrida para salvar o mundo. Esse elemento é muito tradicional e aceito, em geral, pelo público alvo de longa-metragem sobre personagens saídos de histórias em quadrinhos. Foi ele também que sedimentou o sucesso da Marvel Studios nos últimos anos, tanto em termos de bilheteria como de crítica.

Às vezes, o estúdio em questão nota essa realidade e busca novas abordagens ao retratar os seus heróis. A partir disso veio o desafio de levar para o cinema o personagem Pantera Negra, um personagem clássico, considerado o “primeiro super-herói negro”, criado em 1966 pela lendária dupla Stan Lee e Jack Kirby. A dupla se inspirou principalmente no Partido dos Panteras Negras que começou a atuar nos EUA na década de 60, e cujo foco era a luta pelos direitos dos afro-americanos.

Apesar de já ter sido introduzido no universo cinematográfico da Marvel no longa *Capitão América: Guerra civil* (2016), o personagem agora ganha seu próprio filme focado em sua trajetória e em sua cultura e mitologia particulares.

Seguimos o personagem título T'Challa (Chadwick Boseman) assumindo o trono do seu país natal Wakanda, uma secreta nação africana tecnologicamente avançada e poderosa em termos de riqueza cultural e material por conta da quantidade imensa de Vibranium - o metal mais resistente do planeta - que eles possuem. Ao mesmo tempo em que deve controlar as diferenças sociais das tribos locais, T'Challa precisa preservar a obscuridade de Wakanda em relação ao mundo exterior, uma vez que seu país se vê ameaçado por inimigos exteriores que querem destruir o bem-estar da nação.

O maior desafio de adaptar a figura do personagem para a mídia cinematográfica está em representar o que a figura desse herói significa sem pesar a mão nessa representação, afinal muitos vão assistir ao filme buscando o entretenimento agradável de sempre. A escolha do diretor Ryan Coogler não foi aleatória, pois ele já foi aclamado pela crítica ao retratar a realidade negra americana no cinema de forma particular e com uma forte assinatura na filmagem. Seus longas mais notórios, que já abordavam essa temática, são o drama independente *Fruitvale Station* (2013), e o seu primeiro filme mais comercial até então, *Creed – Nascido para lutar* (2015). O diretor opta por focar mais a trajetória do personagem em questão, criando assim uma figura de autoridade e respeito dentro da história, de forma muito positiva. Além disso, consegue imprimir sua assinatura na direção, que são os seus planos-sequências em cenas de ação, algo muito presente em *Creed* e que se faz aqui de forma ainda mais notável. Por outro lado, percebe-se uma falta de experiência com o uso de CGI em cenas de ação, por vezes pode-se perceber a falta de detalhe para garantir a qualidade do efeito.

Outra decisão importante que Ryan Coogler teve que tomar em *Pantera Negra* foi transmitir, por meio da narrativa, uma série de debates e questionamentos sérios e políticos que abordam realidade negra de boa parte do mundo, fazendo desse o filme mais sério e mais político que a Marvel Studios realizou até então. Em termos de politização, o filme da Marvel que chegou mais próximo disso foi *Capitão América – O Soldado Invernal* (2014). *Pantera Negra* não deixa de lado o humor típico e característico dos filmes do estúdio, mas expressa-o através dos personagens certos e nos momentos ideais. Exemplo disso é a carismática inventora Shuri, irmã de T'Challa, interpretada por Letitia Wright, que rouba a cena.

O filme também impressiona pelo elenco sólido e ideal para o filme, com uma maioria de atores negros excelentes, destaca-se o elenco feminino que, além de apresentar a já citada Letitia Wright, conta com a vencedora do Oscar Lupita Nyong'o e também com Danai Gurira, conhecida por ser a Michonne do seriado *The Walking Dead*. Todas interpretam personagens femininas fortes e independentes, que brilham em todos os seus momentos. Além disso, o elenco masculino conta com o talentoso Daniel Kaluuya, vindo do sucesso de *Corra!* (2017) e Martin Freeman, fazendo outro bom alívio cômico.

E por fim, talvez o maior mérito do filme, se deve ao vilão Killmonger, interpretado pelo parceiro de sucesso de Ryan Coogler, Micheal B. Jordan. Juntos, a dupla quebrou a sina que assombra os filmes da Marvel, que é recorrer a vilões fracos com motivações genéricas, criados apenas para engrandecer o herói protagonista. Aqui, as motivações de Killmonger estão atreladas às questões debatidas pelo filme, e mesmo sendo controversas, são totalmente compreensíveis por parte do grande público, fornecendo um bom embate de ideias entre o protagonista e o vilão sobre a preservação de Wakanda. T'Challa representa uma visão pacifista e Killmonger, uma visão mais radical, remetendo, respectivamente às militâncias de Martin Luther King e Malcolm X.

Pantera Negra é um filme bastante típico da Marvel, mas dá um grande passo adiante: entrega o que o público espera de uma produção do gênero, mas revela uma seriedade para com o tema em questão, abrindo para uma nova forma de abordar a figura da população negra, através de um super-herói que respeita suas raízes e seu valor.

ANEXO H

Autor (a): Allan Costa

Data de publicação: 25 de fevereiro de 2018

Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Pantera-Negra-racismo-ficcao-e-realidade>>

Pantera Negra: racismo, ficção e realidade

Poucos filmes recentes geraram tanta expectativa como “Pantera Negra”, que estreou no último dia 15/02 nos cinemas nacionais. Em uma sociedade profundamente racista, a indústria cultural não está livre das contradições da sociedade, pelo contrário reproduz em grande medida os valores e ideias da classe dominante e no que se refere ao papel dos negros no mundo dos filmes de animação e de heróis não seria diferente. Por isso

é completamente compreensível a grande expectativa e o entusiasmo que o filme Pantera Negra tem gerado em milhões de negros não apenas no Brasil, mas internacionalmente, ao assistir um filme de herói não apenas com um protagonista negro, mas com toda uma trama construída em grande maioria por personagens também negros sob com uma mitologia e aspectos de diversas culturas negras.

O filme vende a promessa de ser um manifesto pela diversidade e pelo povo negro, tentando dar vazão a um sentimento de representação de jovens e adultos negros que passaram décadas vendo as telas de cinema e TV dominados por heróis e heroínas brancos, com problemas e padrões de beleza brancos e em que aos negros eram reservados apenas um ou outro papel coadjuvante, muitas vezes de criminosos ou de alívio cômico, deixando evidente o modo estereotipado com o qual Hollywood trata a presença de negros em suas produções.

Mais do que apenas mais um filme de Super-Heróis, Pantera Negra é um filme que expressa de forma distorcida vários aspectos políticos do “mundo real”, sendo considerado um dos mais politizados do gênero em muitos anos por relacionar coisas como escravidão, colonização, crise migratória, encarceramento em massa e as lideranças e movimentos históricos dos negros nos EUA. Toda a comoção em torno do filme se explica pelos anseios frustrados de milhões de negros que vivem nos marcos dessa sociedade racista. Do ponto de vista de Hollywood, é uma clara resposta da indústria cultural aos problemas raciais que tocam os EUA, sobretudo sob o governo racista e xenófobo de Donald Trump e que não podem mais ser simplesmente ignorados, precisam ser canalizados para dentro da esfera da representatividade negra nas telas de cinema. Certamente é uma estreia que merece nossa atenção.

Criado há mais de 50 anos por dois dos maiores desenhistas de quadrinhos de todos os tempos, Stan Lee e Jack Kirby, O Pantera Negra fez sua primeira aparição em julho de 1966, apenas alguns meses antes da fundação do famoso Partido dos Panteras Negras. Obviamente o personagem e o partido tiveram uma relação interessante nos anos seguintes. O Pantera Negra foi o primeiro herói negro com superpoderes e também o primeiro a ter uma revista própria. Os criadores chegaram a tentar evitar a coincidência entre o nome do herói e do partido temendo algum tipo de impopularidade e alteraram o nome dele para “Leopardo Negro”, mas no auge da expansão e popularização do Partido dos Panteras Negras, a desaprovação dos leitores fez com que voltassem atrás e mantivessem o nome original.

Em meio a uma histórica onda de luta do movimento negro que, dentre outras coisas, buscava lutar em defesa dos mais elementares direitos civis negados aos negros durante séculos pela burguesia norte americana e por poder para o povo negro, a indústria cultural criou o personagem Pantera Negra buscando dialogar com esta subjetividade do povo negro através de uma das suas expressões mais populares na época, conhecida como “Era de Prata” dos quadrinhos. A revista solo do herói esteve entre as mais vendidas dos EUA nos anos seguintes e, coincidentemente (ou não), teve seu declínio no final dos anos 70 e início dos 80, junto com o desmantelamento do Partido pelas mãos do FBI. O herói teve sua popularidade debilitada dali em diante, se mantendo conhecido apenas pelos fãs através de algumas produções menores.

O retorno do herói às massas através do universo cinematográfico da Marvel aconteceu em 2016 no filme “Capitão América: Guerra Civil”, que traz o prólogo para a história solo lançada no último dia 15. Na trama, o príncipe T’Challa, interpretado por Chadwick Boseman perde seu pai, o Rei T’Chaka, em um atentado terrorista e agora se vê em meio a uma disputa pelo trono e pela unidade de Wakanda, país fictício no coração da África, nação mais rica e desenvolvida tecnologicamente da Terra por conter a única fonte de um mineral cheio de propriedades especiais, chamado Vibranium, que permitiu que Wakanda se mantivesse escondida e protegida do resto do mundo, evitando assim a intervenção do europeu que acontecia em larga escala pelo resto do continente. O filme do diretor Ryan Coogler, vencedor do Globo de Ouro com o filme Creed – nascido para lutar, conta ainda com um elenco astronômico que inclui Lupita Nyong’o (dispensa apresentações), Michael B. Jordan (também de “Creed” e “Fruitvale Station”, que conta a história do assassinato de um jovem negro pela polícia dos EUA), Danai Gurira (de “The Walking Dead”), Daniel Kaluuya (do premiado “Corral”), além de Forrest Whitaker, Andy Serkis e Martin Freeman (os dois últimos como os únicos brancos do elenco principal). Astronômicas também são as cifras do filme que custou 200 milhões de dólares, mas logo no primeiro dia de exibição arrecadou mais de 25 milhões de dólares.

Evitando os spoilers, podemos dizer apenas que o longa entrega bastante aventura no mesmo nível dos recentes filmes da Marvel, com um diferencial muito positivo em termos de história, o vilão Killmonger, de Michael B. Jordan, em uma interpretação que realmente nos convence de seus propósitos e nos leva às principais reflexões do filme, chegando a despertar o carisma dos expectadores, afinal, seu personagem vem das violentas ruas de Oakland e vivencia todas as mazelas aos quais negros americanos estão expostos, principalmente os mais pobres. É um vilão em busca não apenas de vingança, mas de transformar a realidade dos negros através da força.

O grande dilema do filme se apresenta quando o segredo de Wakanda como nação mais rica e próspera se mostra cada vez mais fragilizado, dividindo o povo internamente entre aqueles que acham necessário se defender pra tentar manter as tradições e a segurança de um lado, e aqueles que acham que é necessário sair das sombras e intervir diante dos acontecimentos que oprimem os irmãos negros pelo mundo. Uma referência nada enrustida à política anti-imigração de diversos países, mas principalmente dos EUA de Donald Trump (com direito a cutucadas bem mais explícitas nas cenas pós créditos). Com esse pano de fundo, as duas propostas do filme são colocadas na mesa: o vilão acha que Wakanda deve usar seu poderio para intervir nas demandas dos negros através de sua superioridade tecnológica e militar, enquanto o Pantera Negra defende a ideia de que deviam intervir de forma diplomática e humanitária. Resumidamente: uma proposta de uso de força pelos negros contra uma proposta que prega confiança nas instituições da democracia burguesa e valores reformistas. Desse ponto de vista, os traços progressistas de algumas das ideias do vilão ficam marcados pela associação à outros métodos "maus", como impulsividade, agressividade, machismo e desrespeito às tradições.

Aqui a vocação do filme fica bastante evidente: ele busca ser a resposta da indústria cultural aos novos levantes de luta racial nos EUA. Uma resposta àqueles que tomaram as ruas e gritaram “Black Lives Matter” recentemente diante do assassinato de negros pelas mãos da polícia estadunidense. A resposta de uma indústria para se realocar depois que se viu contestada nos últimos anos sob acusações de racismo nas principais

premiações que ano após ano nem sequer indicavam negros aos prêmios. Uma resposta que, verdade seja dita, é obrigada a reconhecer a enorme força com que os negros sempre se levantaram ao mesmo tempo em que busca canalizar tudo isso por um viés pacifista, ainda mais se tivermos em vista que em sua identidade civil, o príncipe T'Challa é um diplomata e homem mais rico do mundo (na verdade, o Pantera Negra foi identificado como o personagem mais rico de toda a ficção, uma analogia às riquezas naturais do continente africano, mas usada na lógica capitalista).

Esse objetivo é alcançado através também da produção espetacular do filme que não poupa referências às raízes do povo negro: roupas, armas, arquitetura, aspectos religiosos, um sotaque incorporado por todos os atores e até alguns golpes de capoeira se juntam para construir uma fusão entre tradição e o moderno universo do herói.

A quantidade de mulheres no eixo principal do filme e com destaque em todas as cenas de ação também é um exemplo do "espírito de época" e do anseio por representatividade, as "Dora Milaje", guarda pessoal do Rei de Wakanda que é formada apenas por mulheres chama atenção pelo visual e atitude de disciplina e força; Shuri, irmã de T'Challa, tem o domínio tecnológico mais avançado do planeta, sem falar nas líderes do conselho real que se colocam ativamente em todas as discussões. Aqui se explora largamente a imagem de mulheres fortes, em cargos de inteligência e estratégia, assim como é uma forma de fazer referência às tradições matriarcais de tantas civilizações africanas antigas.

Se no final dos anos 60 os criadores do personagem de certa forma tentaram desviar qualquer ligação explícita do personagem com o cenário político, em seu ressurgimento nos cinemas, ele percorre o caminho oposto. Ryan Coogler fez um filme consciente de seu peso, e deixa isso claro nos diálogos com as questões da representatividade e politização ou mesmo em pequenas referências, como o fato de o começo do filme se dar em Oakland, cidade onde começa também o Partido dos Panteras Negras. Sobre estes, fica apenas a constatação do risco de o filme esvaziar a tradição de luta real e o aspecto mais questionador associado aos Panteras Negras, ligando o uso da violência como defesa, uma das principais táticas do partido, ao vilão do filme, enquanto o Herói leva o nome "Pantera Negra" à aspirações reformistas ou mesmo "democratas". Vale lembrar que a ex-primeira-dama dos EUA, Michelle Obama, rasgou elogios ao filme, fez isso sem se recordar que no governo de seu marido, o primeiro de um negro nos EUA, o encarceramento em massa da população negra continuou uma realidade na maior população carcerária do mundo, nem se lembrou que foi na era Obama que Mike Brown e Eric Gardner foram mortos, como dezenas de outros negros, pelas mãos da polícia estadunidense. Ou ainda que os EUA assassinaram negros no continente africano utilizando drones no mesmo período. Por fim, o governo Obama que manteve presos ou perseguidos os antigos Panteras Negras que lutaram na vida real pelos direitos dos negros, como é o caso de Mumia Abu-Jamal e Assata Shakur.

Muito se engana quem encarar esse filme como apenas mais uma produção hollywoodiana, O Pantera Negra retorna com seu propósito original de suprir uma demanda por representatividade mas dessa vez sob o enredo das mazelas modernas. Ao seu modo, quer fincar suas garras nos corações e influenciar uma nova geração de jovens negros que não suportam mais tanta opressão e exploração e que se colocam contra os abusos de uma sociedade que não tem nada a nos oferecer.

O filme diverte, enche os olhos, emociona e tem gerado uma efervescência entre os negros, e justamente por isso não pode ficar restrita à esfera da representação cultural. Queremos que toda a energia heróica do povo negro transborde as telas do cinema ganhando as ruas, as fábricas, escolas e locais de trabalho questionando cada caso de racismo, as reformas que o governo e os patrões preparam para que os negros trabalhem até morrer e sem direitos assim como a escandalosa intervenção federal no Rio de Janeiro. Construimos a agrupação de negros e negras Quilombo Vermelho confiantes de que se apontamos nesse caminho, podemos fazer tremer a burguesia e suas instituições racistas para pôr abaixo o racismo e o capitalismo.

ANEXO I

Autor (a): Tomaz Amorim Izabel

Data de publicação: 07 de fevereiro de 2018

Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/pantera-negra-uma-utopia-no-auge-do-cinema-distopico/amp/>>

Pantera Negra: Uma utopia no auge do cinema distópico

Algumas contradições não exigem solução imediata, apenas reconhecimento. Por um lado, é evidente que o mercado percebeu a pequena ascensão de grupos até então excluídos como consumidores em potencial e se lança assim em uma sanha produtiva e exploratória com todo tipo de produtos especializados dentro da lógica mais vulgar: “identidade” = “nicho de mercado”. Por outro, é evidente que esta ascensão é fruto de pressão e lutas populares dos mais variados tipos e que, ainda que não fosse, sendo o mundo ainda o mundo da mercadoria, o impacto psicológico e moral que a criação de produtos materiais e imateriais voltados para estes grupos até então invisibilizados é gigantesco com implicações políticas ainda a serem compreendidas – em uma palavra: representatividade. De produtos para cabelos crespos, passando por bonecas negras, Miss Brasil negras, chegando no filme do Pantera Negra – finalmente heróis e heroínas com rostos parecidos aos da maior parte das crianças brasileiras.

Não reconhecer os dois lados desta contradição é recair num mesmo erro: ingenuidade. Esperar o inesperado no contraditório é uma lição que o personagem Pantera Negra já traz no nome: primeiro herói negro com superpoderes nos quadrinhos, criado por um homem branco em 1966, antecipando em poucos meses a organização socialista que mudaria a história da luta negra nos EUA, os Panteras Negras. Emicida, que lançou um RAP há poucos dias para celebrar o filme do Pantera Negra, escreve: “Agora em mi laje, ela Dora Milaje / Brota na base, bem Nicki Minaj, ora é miragem / Jato Mirage, voos altos, Sr. Spock / Bonde igual Lanterna Verde, tô bem Super Choque / Prum novo mar vermelho / Uma nova travessia / Pro povo ter reis no espelho / Minha caneta cria”.

O Pantera Negra, a ser lançado em 15 de Fevereiro, é o melhor filme do universo cinematográfico da Marvel até agora. Seu enredo é bem amarrado, seus personagens

são cativantes e os atores excelentes. As dificuldades que o filme enfrentou desde sua concepção e que cumpriu com louvor já são o bastante para assegurar para ele um espaço de destaque na história do cinema comercial. O Pantera Negra racializou de maneira inteligente e inovadora não apenas o cenário dos super-heróis, mas a própria produção de filmes deste tipo, enriquecendo estes já cansados contextos. Trata-se de um feito histórico: um jovem e talentoso diretor negro, dirigiu uma equipe de produtores e atores majoritariamente negra em um filme futurista de alto custo sobre um local ficcional na África. O sucesso do filme certamente abrirá inúmeras portas para profissionais e projetos que até então estavam segregados a tipos específicos de filme. Para além disso, o filme em si aceita e leva esta pesada responsabilidade com leveza impressionante.

Politicamente, o Pantera Negra retoma a potência que algumas histórias dos X-Men tinham nos quadrinhos e que “Capitão América: Guerra Civil” falhou em trazer para o cinema. Com o avanço no debate público sobre questões de classe, gênero e raça, no entanto, e com a ampliação do público que consome filmes de super-herói, o Pantera Negra pôde ser mais direto. O conflito racial que antes aparecia disfarçado ou metaforizado nos “mutantes” de X-Men aparecem localizados geográfica e historicamente no Pantera Negra.

O reino africano super tecnológico de Wakanda não é exótico, é exuberante. Wakanda não é vista de fora, como um enfeite ou fruta de outra terra, não é uma caricatura a partir da visão branca e colonial sobre o que a África é ou pode ser. Wakanda se mostra por dentro, a partir de sua história e de seus povos. Suas línguas, suas danças, roupas e rituais, tudo parece pertencer a um todo coeso e cheio de sentido (ao contrário, para usar um exemplo do mesmo universo, da Asgard, reino futurístico dos deuses nórdicos dos filmes do Thor, que parece apenas um cenário colorido onde se desenrola a história do deus). A arquitetura, a cenografia, os figurinos, tudo foi pensado a partir de tradições africanas existentes, até mesmo na luta, tão importante para um filme de ação, em que são usadas armas e estilos de matriz africana. O Pantera também usa golpes de capoeira!

A trilha sonora mistura a orquestração romântica e desinteressante dos filmes de aventura com uma surpreendente música africana contemporânea – momentos de percussão pura, outros apenas com vozes, outros com a inconfundível música do Mali. Nas cenas de perseguição fora de África, RAP americano conduzido por ninguém menos que Kendrick Lamar. Abaixo o primeiro clipe da trilha sonora oficial:

[All The Stars](#) by [Kendrick Lamar](#)& [SZA](#) on [VEVO](#).

O filme conseguiu, através de pesquisa e reinvenção a partir dos elementos africanos, criar um cenário ao mesmo tempo fantástico e reconhecível, incrível, mas também crível, com o qual se pode agora sonhar, da mesma maneira com que o Ocidente sonhou com a literatura e o cinema de ficção científica no século XX. O Pantera Negra ousa sonhar um futuro para um continente que foi relegado exclusivamente ao passado durante séculos de epistemologia eurocêntrica.

A partir daqui, existem algumas revelações genéricas do enredo. Spoiler alert!

Embora o personagem principal e o ator Chadwick Boseman convençam, o destaque das personagens e das atuações fica com o elenco feminino. Guerreiras, espiãs, rainhas e cientistas, as mulheres de Wakanda são tão ou mais fundamentais para a manutenção do reino e por suas políticas quanto o jovem rei. Elas não estão reduzidas ao papel comum de conselheiras, carpideiras ou sacerdotisas. (O sacerdócio, aliás, é feito brilhantemente por Forest Whitaker que traz algo da placidez mística de seu Ghost Dog). O enredo não deixa dúvida de que sem seu suporte e orientação, T'Challa não poderia cumprir a tarefa de manter Wakanda em segurança. É refrescante ver atrizes negras de tão alto nível como Lupita Nyong'o tão à vontade em seus papéis. No momento em que a rainha oferece o manto do Pantera à jovem espiã, o espectador quase torce para que T'Challa não retorne e ela encarne a nova Pantera. A elegância de Danai Gurira no papel da chefe da guarda real das Dora Milaje, Okoye, faz empalidecer outras mulheres guerreiras do mundo cinematográfico da Marvel, como a desencontrada Viúva Negra que, apesar de Scarlett Johansson, nunca teve espaço o bastante nos roteiros para se tornar uma personagem de profundidade. Wakanda cativa tanto porque cada personagem ajuda a apresentar um dos seus aspectos – a vida rural na fronteira, as tribos isoladas nas montanhas, o laboratório tecnológico, a vida de corte, as missões no exterior e o exército. Sobretudo as três atrizes principais ajudam a estruturar esses espaços.

O jovem diretor Ryan Coogler teve a ousadia de representar a África como solução para o mundo e não como problema a ser resolvido. As cidades de Wakanda não são futuristas no sentido corrente, como as distopias que têm infestado os cinemas nos últimos dez anos, cheias de torres de vidro, ruas escuras iluminadas apenas por neon e sem rastro nenhum de natureza. O futuro que Wakanda ousa apresentar é um em que técnica e natureza se misturam em benefício mútuo, aliás, quase já não se distinguem. O desenvolvimento técnico não abole a tradição, mas realiza seus sonhos. As torres de vidro são entrecruzadas por ruas de terra onde pessoas trocam legumes em uma feira parecida com as de qualquer povoado rural do mundo. O beijo do casal real quando se dá (finalmente!) é em uma viela cujas paredes estão adornadas de grafites coloridos. Os pacíficos rinocerontes são armas de guerra disfarçadas que ao menor contato voltam a ser animais de estimação. Os fazendeiros que cuidam das fronteiras e dos animais não são pobres, isolados do progresso do centro, mas profundamente satisfeitos e tão integrados na sociedade quanto os trens que levitam sobre suas ruas. O laboratório da cientista com suas escadas circulares e suas colunas é como um totem de onde a jovem cientista sonha invenções para servir à comunidade junto com a terra de onde o mineral é extraído na medida necessária. Ela explica para o branco que não se trata de magia, mas de tecnologia.

Ainda assim, não se trata “apenas” de tecnologia no sentido conhecido. A relação que os habitantes de Wakanda têm com sua terra e com o misterioso mineral “vibranium” não é a da exploração instrumental. A terra é colocada à serviço do bem social, mas este bem social também é parte da terra. O afrofuturismo de Wakanda mostra o quão enganada está a crença europeia vigente de que tecnologia e natureza são opostas. Se a epistemologia ocidental levou à transformação da tecnologia em uma segunda natureza – ainda mais assustadora e imprevisível do que a primeira -, se as utopias fundadas nessa epistemologias e descritas por Thomas Morus e François Fourier

terminaram em Black Mirror e Cyberpunk, talvez as outras epistemologias – todas as outras que seguem resistindo – possam oferecer algo que se tem chamado na internet recentemente de Solarpunk e que os diversos movimentos libertários do globo seguem tentando pensar e realizar em nível global, mas a partir da própria terra.

A potência do afrofuturismo de Pantera Negra está em tirar a África e a questão negra de seu lugar costumeiro de mera vítima. A catástrofe histórica que foi o colonialismo, o tráfico negreiro e que continua sendo o racismo institucionalizado, que reina em países com grandes populações da diáspora negra como o Brasil e os Estados Unidos, não é relativizada, pelo contrário, é focalizada, mas a posição negra de onde o filme olha a questão é de agência. O conflito do enredo está no potencial de Wakanda, no que Wakanda pode oferecer ao resto do mundo e não apenas no que foi tomado dela. Killmonger exige que Wakanda ofereça mais, Nakia quer que Wakanda ofereça mais. A pergunta irônica que o embaixador francês faz no fim do filme ecoa a ousadia desta representação, deste sonho otimista: “O que pode um reino africano oferecer ao resto do mundo?” O que os povos e grupos que não foram ainda completamente apropriados pela expansão europeia e capitalista têm a oferecer como solução ao mundo à beira de tantas crises: climáticas, econômicas, políticas e bélicas?

São três as possibilidades de ação em conflito no filme: a conservadora, representada pelo antigo rei; a reformista, representada por Nakia; e a revolucionária, representada sintomaticamente pelo vilão Killmonger. (É conhecida a comparação entre as ideias políticas de Martin Luther King e Malcolm X com, respectivamente, o Professor Xavier e o Magneto dos X-Men. Em Pantera Negra este velho conflito é retomado). Entre estas posições, o filme alcança profundidades inesperadas para o gênero de super-heróis porque o velho maniqueísmo, a luta do bem contra o mal, é complexificado e historicizado. O espectador mais crítico poderá até se perguntar em algum momento quem é o verdadeiro herói e quem é o vilão. Se o rei T'Challa, conservador que quer manter os privilégios do vibranium em Wakanda, ou se o revolucionário Killmonger, que quer compartilhar as armas e tecnologias com os povos oprimidos do mundo. Se o filme tenta depois escapar desta ambivalência, reforçando a personalidade violenta e ambiciosa de Killmonger, e mostrando uma tendência mais progressista de T'Challa, é difícil não se identificar com a legitimidade de sua causa e de seu comprometimento. Sua fala final entra para a história dos vilões mais cativantes da história dos super-heróis e é um rasgo de realismo tão grande que fará sair pensativo o mais “a-político” dos espectadores: “Jogue o meu corpo no oceano. Como todos os meus ancestrais que pularam dos barcos porque sabiam que a morte era melhor do que o cativeiro”.

Nada do passado colonial é esquecido ou perdoado, mas na medida em que os problemas mudam as soluções também. Ao refletir sobre a responsabilidade diante da tragédia própria e alheia, aliás, da tragédia comum de um mundo cada vez mais próximo (como os diversos personagens repetem a todo momento), fala tanto dos povos do terceiro mundo quanto do primeiro. O filme fala de uma perspectiva negra, mas para o mundo todo: é preciso “sair das sombras” e agir. A crise de refugiados é problema global e a solução – em recado claro para Donald Trump – são as pontes e não os muros, como diz o rei de Wakanda para as Nações Unidas nas cenas finais. O filme não deixa dúvidas de que o vilão Killmonger é fruto do colonialismo e do racismo institucional, mas também da apatia de Wakanda através dos séculos, ecoando as palavras célebres de

Desmond Tutu: “Se você fica neutro em uma situação de injustiça, você já escolheu o lado do opressor”.

A quem se dirige metaforicamente então o Pantera Negra? Quem seriam esses privilegiados do terceiro mundo que poderiam salvar seus iguais? Celebidades? Atletas? Burguesias nacionais? Heróis do povo? Parece que todos e nenhum. O filme parece, mais do que oferecer equivalências exatas, fazer um convite para abandonar a dualidade pobre das posições de “mártir-vítima” e “pecador-opressor” (tão típicas do pensamento cristão-ocidental) e buscar o que cada um, cada grupo, pode fazer dentro do seu espectro de ação. Vence assim, de alguma forma, o reformismo que Nakia defendia, a partir da ação de Killmonger que, acertados ou não seus meios, tiraram Wakanda de seu isolamento privilegiado e chamaram o reino para sua responsabilidade comum diante do mundo.

ANEXO J

Autor (a): Marina Val

Data de publicação: 06 de fevereiro de 2018

Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/pantera-negra-critica/>>

Pantera Negra | Crítica

O filme de ação que os fãs de quadrinho querem ver, mas com mensagens poderosas

Quando falamos de filmes de super-heróis, o que espera-se é normalmente a fórmula básica de personagem poderosa, problema surgindo, cenas de ação emocionantes, uma queda e finalmente a vitória, desafiando todas as probabilidades. **Pantera Negra** não quebra essa estrutura. Ele é o filme de ação que os fãs de quadrinhos querem ver — mas, no meio de tudo isso, ainda traz uma mensagem poderosas sobre lar, liderança, política e identidade.

No universo cinematográfico da **Marvel**, Wakanda é a nação mais tecnologicamente avançada do planeta Terra. Feridas mortais se regeneram em poucas horas, as armas são avançadas a ponto de fazerem metralhadoras parecerem primitivas e os meios de transporte são extremamente eficazes — de uma maneira que qualquer pessoa que vive em uma grande metrópole poderia apenas sonhar.

Ainda assim, por conta da política isolacionista, poucos sabem desse fato e a maior parte dos humanos acredita de que se trata apenas um país subdesenvolvido que não tem nada a oferecer. Wakanda prosperou por muitos séculos e só assistiu, sem intervir, às nações próximas sofrerem com doenças, guerra e fome.

Pantera Negra é um longa que começa a questionar esse *status quo* através de inúmeros personagens que argumentam que Wakanda pode fazer mais para ajudar o resto do mundo, embora cada um deles tenha ideias diferentes sobre como isso deve ser feito. Enquanto isso, outros defendem que o isolacionismo deve ser mantido em nome do estilo de vida ao qual a população está acostumada.

O filme não pinta de maneira maniqueísta os pontos de vista diferentes simplesmente como “certo” e “errado”, nem coloca T’Challa (**Chadwick Boseman**) como alguém acima de questionamentos, pois inicialmente ele só segue o que já estava sendo feito sem refletir a respeito. A trama mostra que liderar não é apenas seguir um modelo predeterminado: você precisa ter pessoas próximas nas quais confia, saber ouvir, encontrar soluções e meio termos, e lidar com as consequências de suas ações antes que elas virem algo muito maior e voltem para assombrar.

Como as discussões sobre o papel de Wakanda no mundo são bem ponderadas, o desenvolvimento do grande vilão se torna mais natural. As motivações de Killmonger (**Michael B. Jordan**) são totalmente compreensíveis, embora não seja possível concordar com os métodos extremos que ele usa para executar seu plano. Quando ele entra em cena, não há espaço para humor ou piadinhas. A causa dele é séria, assim como suas críticas ao colonialismo e a determinação para alcançar seus objetivos.

O elenco é muito bem construído e as mulheres do filme reúnem as qualidades e a garra que vão inspirar gerações de garotas por todo o mundo. Cada uma delas mostra que há diferentes formas de lutar: com força, como Okoye (**Danai Gurira**); com inteligência, como Shuri (**Letitia Wright**); ou com altruísmo, como Nakia (**Lupita Nyong’o**), e nenhum desses caminhos está errado. Vê-las no campo de batalha com suas armaduras coloridas, lutando lado a lado com T’Challa, é um deleite.

Os adereços, a maquiagem e até os cenários de Wakanda trazem inovações tecnológicas misturadas com elementos que associamos mais diretamente a pinturas tribais tradicionais, e isso não afeta em nenhum momento a suspensão de descrença. É apenas natural que essas representações permaneçam em uma nação que respeita suas tradições e antepassados, mas que não deixa de pensar no futuro.

Filmes de heróis podem ser voltados apenas para um entretenimento casual, sem nenhuma grande mensagem. A maioria deles vai continuar sendo assim e não há nada de errado com isso. Entretanto, é bom que estejamos vivendo em uma época na qual que seja possível usar um filme como **Pantera Negra** para dizer algo mais, mostrar questões políticas e culturais que afetam o nosso mundo e também para levar a milhares de crianças ao redor do mundo mais um super-herói nas telonas que se parece com cada uma delas.

ANEXO K

Autor (a): Sihan Felix

Data de publicação: 16 de fevereiro de 2018

Disponível em: <<https://canaltech.com.br/cinema/critica-pantera-negra-108372/>>

Crítica | Pantera Negra tem vida para mais de um universo

Antes de seguir adiante, cuidado! Esta crítica contém spoilers!

A importância do passado é exposta já nos primeiros segundos de filme. O que se vê é praticamente uma fictícia aula de história que se ergue respeitosamente, utilizando-se da realidade, de uma experiência de mundo real. Ao construir uma introdução de gênese

que ecoará durante todo o filme – com ênfase nas revelações mais importantes –, o roteiro demonstra uma consideração imprescindível em meio à urgência por credibilidade dos fatos.

É assim que se constrói uma semi-antítese de uma situação real de um país africano. Quando se tornou regente da Etiópia, Haile Selassie (nascido Tafari Makonnen) tinha 24 anos de idade, tornando-se imperador anos depois, aos 38. Herdeiro de uma dinastia que possuía, tradicionalmente, o Rei Salomão e a Rainha de Sabá como originários, o então imperador ficou conhecido posteriormente como Rás Tafari: ‘Rás’ significando ‘cabeça’ na sua origem amárica (príncipe ou chefe em etíope) e ‘Tafari’ como sendo um nome pessoal que significa algo como ‘quem é respeitado ou temido’.

Haile Selassie tornou-se poderoso, avaliava o seu império como o mais apropriado para lutar contra as veias colonizadoras europeias. Acolheu tanto poder que não impôs respeito, mas medo. Quando criou a Organização da Unidade Africana (OUA), já aos 71 anos de idade, tinha tantos desamores e adversários que, de fato, já perdera o controle de sua nação. Morreu 12 anos depois, meses após ser derrubado por um golpe militar. A Etiópia, por sua vez, havia agravado a sua condição de país pobre, tornando-se um dos mais necessitados do planeta. Na sequência, na década de 1980, o país sofreu uma onda de miséria que resultaria na morte de milhões dos seus.

Os semigigantes, a realeza déspota e a primeira metáfora social

Wakanda não é assim. Por mais que seja citada pelo exterior como uma pobre nação de fazendeiros, há algo de inestimável no país que o mundo desconhece. A riqueza tecnológica exuberante é revelada sem demora, quando a nave da realeza paira sobre um prédio onde o jovem Zuri (Denzel Whitaker) ocupa-se como espião do rei T’Chaka (John Kani), em contraposição a N’Jobu (Sterling K. Brown). É nessa paragem aérea que Pantera Negra revela a sua camada de complexidade mais interessante: não há distanciamento entre mocinhos e vilões apenas.

Assim como Haile Selassie, o rei T’Chaka detinha o poder e, por sua vez, o poder pode ser implacável. Enquanto N’Jobu pergunta se seu rei permaneceria contra ele (seu irmão) e o rei não hesita em matá-lo para defender Zuri, do lado de fora crianças que jogam basquete em uma quadra pública extasiavam-se com a visão da nave que se deixa aparecer através das nuvens. O distanciamento, assim, acontece internamente a princípio, com a realeza comprovando seu poder e os súditos enxergando aquele mundo muito além do seu alcance. A metáfora justamente com o basquete é certa, visto que é um dos esportes com a média de altura mais elevada e que, dessa forma, pode sugerir que nem mesmo adultos semigigantes podem alcançar a realeza déspota se permanecem excluídos. Pior: permanecem sem oportunidade por nem mesmo conhecerem o que está acima, onde a única possibilidade de voar é durante os breves segundos do pulo para uma enterrada – e somente quando adultos.

Saltando para os dias atuais, Wakanda permanece a mesma. Com o rei T’Chaka morto em um atentado, o peso do reinado cai sobre os ombros de T’Challa (Chadwick Boseman), o herdeiro direto. É então que conhecemos o Pantera Negra que irá ser explorado nas duas horas seguintes. Construindo sua personagem em cima de uma linha humilde, Boseman demonstra ser a personalidade essencial que faltava para o

universo cinematográfico ao qual pertence. Carismático, o ator entende que, apesar do título do filme, quem rege a produção é o tom político e inclusivo.

O ilusório protagonismo titular e as mulheres de Wakanda

Por outro lado, nada está preso a qualquer gratuidade. Tudo é orgânico, a começar pela crítica ao momento mundial atual, o crescimento do conservadorismo, as tensões entre potências militares e, especialmente, a conscientização das atitudes racistas, sexistas e segregacionistas que se cometem mesmo sem querer – ou querendo por falta de discernimento. É, aqui, que Pantera Negra faz história: ao doar um ilusório protagonismo titular ao herói, o diretor e roteirista Ryan Coogler constrói um mundo de identificação negro e com as mulheres, enfim, com papéis naturalmente eficientes. Assim, não há uma atriz que esteja ali para cobrir alguma cota de beleza da produção – por mais que sejam lindíssimas. A verdade é que elas jamais dependem das suas belezas para alcançar os seus objetivos.

Enquanto Okoye (Danai Gurira) destaca-se como a general do exército de Wakanda (exército composto somente de mulheres carecas, por sinal), desfazendo-se, inclusive, de uma peruca (sendo o cabelo liso desta um símbolo de beleza que precisa ser ultrapassado) para poder exercer bem a sua função em determinada missão, Shuri (Letitia Wright) – irmã de T'Challa – faz perceber o quanto um Jarvis está superado lá em outro continente e o quanto um Tony Stark, coitado, pode aprender com sua genialidade tecnológica. Lupita N'yongo, que interpreta Nakia, é a espiã mais eficiente e perigosa de Wakanda e ainda detém o poder de travar literalmente o rei em meio a uma, digamos, comissão diplomática. Soma-se a essas mulheres fantásticas o poder da Rainha-Mãe Ramonda (Angela Bassett), predecessora da coragem do Pantera Negra, além de veterana sacerdotisa.

A aceleração e o tropeço na cachoeira

Até então o roteiro e a direção pareciam caminhar lado a lado amigavelmente. Sequência a sequência sem tropeços. Michael B. Jordan surgira em um museu como Erik Killmonger para roubar um artefato feito do metal vibranium e, com isso, um pequeno monólogo crível e real sobre como a especialista daquele lugar colocara os seguranças para o observar. Mas é Erik (não Jordan – que está incrível no papel) que traz ao filme seu maior tropeço. A partir de sua aparição, o filme acelera. Tudo passa a mover-se para que T'Challa seja destituído do trono e, claro, Erik tome o seu lugar. Essa velocidade desencadeia diversas sequências de ação que culminam na luta mais bem coreografada e, também, com o desfecho mais anticlimático: T'Challa versus Erik na luta pelo trono de Wakanda.

O problema, em contrapartida, não é a previsibilidade desse fato – o que é aguardado e bem-vindo muitas vezes. Mas falta tensão na direção de Coogler. Falta o medo que os personagens sentem transpassando para fora da tela. Ao se entregar à ação despreocupada e com um desfecho ingênuo, Pantera Negra transformou-se momentaneamente de uma corajosa produção em uma obra frágil. A menos que fosse possível acreditar que T'Challa morreria e não voltaria após ser derrotado (ao menos não nesse filme originário), toda a construção de sua derrocada surge como um recheio inosso.

Aliás, o esforço de Michael B. Jordan é fantástico para dar credibilidade à sua personagem, visto que praticamente tudo que a cerca parece estar apoiado em uma fina ponte de vidro não-temperado. Da já dita acelerada construção à associação com W'Kabi (Daniel Kaluuya) – que, se a um momento torce passionalmente pelo rei, rebela-se motivado de forma rala pela não captura de Ulysses Klaue (Andy Serkis) pelo Pantera Negra e, em seguida, por ver Erik trazendo o vilão embrulhado.

Klaue, no que lhe diz respeito, é um vilão loucamente crível. Se suas atitudes são anárquicas e organizadas ao mesmo tempo e seu pretexto põe em cheque a bondade do trono de Wakanda – dimensionando ainda mais aquele macrocosmo –, é Andy Serkis que se prova um coringa, um ator que pode definitivamente ir muito além de personagens baseados na captura de movimentos. Seu ar insano remete instintivamente ao vilão mais icônico do universo paralelo da concorrência imediata, a mesma que ecoa entre os fãs mais partidários. É insana, portanto, a sua despedida precoce e curioso o sentimento de triste reprovação quando da sua morte.

O retorno dos semigigantes e o rei que enxerga a metalinguagem

Enquanto os aspectos técnicos parecem estar em segundo plano – e merecem méritos de qualquer forma –, a verdade é que Pantera Negra tem em sua temática o maior dos trunfos. Sem levar em conta a necessária e óbvia inclusão (apenas três atores brancos têm falas durante o filme), o filme levanta questionamentos que geralmente passam longe ou são tratados de forma irrelevante nos blockbusters.

Parecendo sair de um universo paralelo ao qual pretende se encaixar, o filme tem vida própria. Muito se deve ao roteiro; muito se deve à trilha sonora de Ludwig Göransson e às músicas de Kendrick Lamar, que acompanham cena a cena como se tivessem nascido ali – destaque para a utilização de uma instrumentação típica tribal nas cenas de duelos; muito se deve à criação de um figurino típico e futurista ao mesmo tempo; muito se deve às atuações e, conseqüentemente, à direção de atores de Ryan Coogler. A verdade é que a equipe parece afinada, imersa e disposta a lançar um filme de herói diferente do que já fora produzido.

Pantera Negra, assim, é um filme diferente de fato. Dissocia-se dos seus iguais tanto quanto Wakanda dissocia-se da África atual. Se o equilíbrio emoção-razão do herói pode dar aos seus futuros parceiros uma estabilização a ponto de o tornar o Rás Tafari da equipe, é cedo para dizer. Mas, com certeza, crianças reais que jogam basquete em uma quadra pública de periferia (e todas as demais que se veem nessa metáfora) podem começar a olhar para cima e ver uma identificação. Um rei, um herói, alguém que pisará na mesma quadra que elas, no mesmo chão, após pousar sua nave ali, longe das nuvens, tornando tudo mais acessível.

É a tentativa ingênua de unir todos os povos, por mais que sejam discordantes. É a força para usar o poder que se detém e buscar suplantar qualquer onda de miséria. É a crença em um deus ao qual qualquer um pode perguntar “quem é você?” e ele sorrir, enfim, antes de responder. É fazer crer que aquele sorriso é a confiança de um herói que fará o possível e o impossível para que não haja mais nenhuma onda de miséria genocida. É, por assim dizer, a confiança de um ator que sabe o poder que a sua personagem

passa a ter no mundo real. É a mais bonita finalização metalinguística nos universos dos fantasiados.

ANEXO L

Autor (a): Thiago Sampaio

Data de publicação: 24 de fevereiro de 2018

Disponível em: <<https://www.aceccine.org/single-post/2019/02/24/Pantera-Negra-2018-de-Ryan-Coogler>>

Pantera Negra (2018), de Ryan Coogler

É fácil nos dias de hoje falar de representatividade. E de fato, um longa-metragem da Marvel Studios com um elenco praticamente todo formado por atores negros é, no mínimo, louvável. Mas o mérito da produção dirigida por Ryan Coogler (“Creed: Nascido Para Lutar, 2015) é não se sustentar nessas causas. O longa abraça todas as vertentes dos blockbusters do gênero e, usando da máquina comercial da Disney como triunfo, “Pantera Negra” (Black Panther, 2018) se torna um “filme de super herói” muito importante para os dias atuais.

Na trama, após a morte do rei T’Chaka (John Kani), o príncipe T’Challa (Chadwick Boseman) retorna a Wakanda para a cerimônia de coroação. Nela são reunidas as cinco tribos que compõem o reino, sendo que uma delas, os Jabari, não apoia o atual governo. T’Challa logo recebe o apoio de amigos e familiares. Juntos, eles vão à procura de Ulysses Klaue (Andy Serkis), que roubou de Wakanda um punhado de vibranium, alguns anos atrás, para evitar que essa luta se transforme em uma guerra mundial.

O roteiro do próprio Coogler, ao lado de Joe Robert Cole (do independente “Amber Lake”, 2011) se beneficia com o fato de o personagem já ter sido apresentado em “Capitão América: Guerra Civil” (Captain America: Civil War, 2016), sem se preocupar em contar a origem. Há uma breve introdução sobre a exploração de matérias primas em Wakanda e a tradição dos reis “Panteras Negras”, que logo será aprofundada ao longo da projeção. E esse é o principal mote: trata-se de um longa sobre valorização da própria cultura.

O respeito aos reis, a justiça na igualdade do “desafio supremo”, o ritual de se enterrar na areia para confrontar os mais profundos anseios, tudo é mostrado. E como Wakanda é deslumbrante! Mesmo falhando em certos momentos pelo exagero do uso da tela verde e CGI, os cenários que remetem ao continente africano, com fotografias abertas mostrando o sol soberano, montanhas e cachoeiras, animais, trazem uma beleza natural como um contraponto a todo aquele aparato tecnológico do fictício país.

Tudo isso beneficiado pela excelente trilha sonora de Ludwig Göransson, que conta com típicos sons do continente africano, os afrobeats, com diversos tipos de percussão (que ganham força com a roupagem de música eletrônica), além das músicas de Kendrick Lamar, Snoop Dogg, Baaba Maal e SZA, com muito hip-hop.

Usando essa África poderosa e omissa do resto do mundo, é inevitável a analogia com a atual situação dos Estados Unidos e a implicância do presidente Donald Trump com a questão dos refugiados. Afinal, Wakanda detém de uma tecnologia capaz de promover diversos tipos de avanços ao mundo, mas, prefere se fechar para “os de fora”. Tudo bem implícito, encaixado de maneira estratégica para quem quiser enxergar, sem estragar a diversão de quem está pagando ingresso para ver lutas e explosões. O preconceito com a terra vista apenas como ponto de exploração pelos “países de primeiro mundo” fica escancarado na primeira cena pós-créditos.

O que é mostrado é uma terra em que as tradições são honradas e as mulheres são fortes, tão guerreiras como os homens que ali estão. No momento em que o vilão impõe ameaça, elas se juntam fazendo um cerco para o combate. A representação maior é Okoye (a ótima Danai Gurira, a Michonne de “The Walking Dead”), que se mostra fiel às leis do país (mesmo que não concorde com as mesmas), e, se estiver convicta das ações, não ousa em desafiar até o marido W’Kabi (Daniel Kaluuya, de “Corra!”, fazendo aqui um papel bem clichê). A irmã do protagonista, Shuri (Letitia Wright, promissora), é a mente genial por trás dele, podendo até rivalizar com Tony Stark no futuro.

Mas, no fim das contas, estamos diante de mais um filme da Marvel que vai vender bonecos e instigar para “Vingadores: Guerra Infinita” (Avengers: Infinity War, 2018). Tem a rotineira aparição de Stan Lee, frases de efeito que soam até brega e o drama familiar, de uma maneira geral, não convence. As cenas de ação até funcionam, mas exageram na artificialidade (o uso de computação gráfica continua gritante). A primeira aparição do herói e a perseguição de carro posterior, apenas não empolgam.

No fim das contas, são mesmo os momentos com menos pirotecnia que chamam atenção, como as lutas corporais pelo trono de Wakanda ou mesmo a guerra (sim, se trata de um filme de guerra!) no clímax, pois ali os efeitos estão bem aplicados na batalha, até nos “rinocerontes tecnológicos”. Há de reconhecer que os movimentos do Pantera (beneficiados pela falta da capa existente nos quadrinhos) funcionam dentro da sua proposta. É entendível o fato de o diretor Ryan Coogler comandar pela primeira vez uma superprodução com tais tipos de recursos, além da necessidade de atender às demandas do estúdio, o que o limitou a criar embates mais “intimistas”.

No elenco, Chadwick Boseman confere ao rei T’Challa a realeza que ele merece, apesar de ser amenizado pelo fabuloso elenco. Lupita Nyong’o, Forest Whitaker, Angela Bassett, todos ótimos como de costume. O mesmo vale para Andy Serkis e Martin Freeman, que ironicamente aqui são a “cota racial” dos brancos. Serkis, desta vez longe de personagens virtuais, exala ironia e sarcasmo como um traficante que só que ver o mundo pegar fogo (com direito a cantar “What is Love”, do Haddaway). Freeman, retorna

como o Agente Ross que, o que parecia ser apenas um complemento para fomentar a exploração de Wakanda, se mostra bastante importante para o desenrolar da trama.

Mas se um dos principais defeitos deste universo da Marvel era a falta de vilões marcantes (além de Loki, que extrapolam no uso da imagem dele), aqui eles têm um destaque e tanto. O Erik Killmonger, vivido por Michael B. Jordan (repetindo a parceria com Ryan Coogler de “Creed”), rouba a cena sempre que aparece. Apesar das atitudes errôneas por causa da violência, o espectador é perfeitamente capaz de entender suas intenções e até certo ponto até torce por ele. Marcante até a fala final, Jordan entrega o melhor de si, misturando a emoção e a raiva necessária. Não à toa se inspirou em produções sobre jovens negros do gueto, citando inclusive o Zé Pequeno (personagem de Leandro Firmino da Hora, de “Cidade de Deus”, 2002) para compor o complexo personagem (e olha que a reviravolta sobre sua identidade é o que menos importa).

Ao ver uma criança negra moradora do subúrbio se deslumbrando com um tipo de tecnologia e perguntando para o T’Challa quem ele é, temos ali o recorte da ideia que Ryan Coogler quis transmitir. Funciona como superprodução. Temos mais um exemplar de super herói cujo poder é o dinheiro que o permite usar armadura e vários tipos de apetrechos. Mas por permitir a diversidade do público que ali se espelha, sem apelar para discursos moralistas, é digno de aplausos.

ANEXO M

Autor (a): Alepitekus

Data de publicação: 06 de fevereiro

Disponível em: <<https://www.comboinfinito.com.br/principal/critica-pantera-negra-e-um-filme-excelente-e-previsivel/>>

CRÍTICA: PANTERA NEGRA É UM FILME EXCELENTE E PREVISÍVEL

Quando assistimos **Guerra Civil**, duas coisas chamaram muito a atenção: A entrada do **Homem Aranha** e **Pantera Negra**. O personagem africano foi centro da história tendo uma importância crucial para a motivação da narrativa. Desde aquela ocasião, o herói já se mostrava promissor, pois entregou uma ótima atuação e cenas de luta formidáveis.

O sucesso foi grande e a Marvel optou por continuar esse sucesso na grande tela se aprofundando mais nesse personagem. O filme conta exatamente os eventos que ocorrem após o desfecho da Guerra Civil.

A Mitologia do Pantera Negra

Esse filme nos deu a oportunidade de conhecer mais sobre o personagem e todos os conceitos que o constroem. A mitologia que envolve o herói é encantadora. Conhecemos um pouco da origem dos panteras, como se comportam as tribos que disputam o trono e tudo o que envolve a cultura do local. Como todos sabem, a nação do pantera fica na África, em um lugar escondido, chamado Wakanda. Lá conhecemos o estilo de vida completamente diferenciado de tudo o que vimos até então.

Normalmente, consideramos o continente africano o mais pobre e carente de recursos, mas em Wakanda a coisa muda de figura. Isso porque nesse local foi exatamente onde caiu o meteoro que trouxe o Vibranium para a Terra. Em posse do metal mais importante e valioso do universo Marvel, aquela tribo teve uma evolução absurda em relação ao resto, incluindo aliens.

Outro detalhe muito interessante foi a apresentação visual e conceitual dos antigos Panteras. Em alguns rituais da tribo foi possível conhecermos essa parte. Nos momentos em que os antigos reis apareciam, nos dá a sensação de que é o ciclo da vida, contado pelo Rei Leão, que está acontecendo naquele instante.

Tecnologia a seu dispor

Há algumas semanas, o diretor do filme, **Ryan Coogler**, havia declarado que PN seria uma espécie de James Bond. Isso nos fez imaginar o que poderia realmente unir esses dois mundos bem distintos. Acontece que, assim como a arma secreta da Inglaterra, o herói tem a seu dispor vários cacarecos tecnológicos para suas missões. Em um certo momento, a irmã de **T'Challa** (Chadwick Boseman), **Shuri** (Letitia Wright), apresentou as *gadgets* da mesma maneira que víamos nos filmes do 007.

O herói faz bom uso desses artigos, fazendo com que suas missões sejam bem sucedidas. Vimos vários momentos interessantes em que o pantera usa seus aparatos. Um dos grandes destaques dessa parte, foi quando a irmã do herói e o membro da **SHIELD**, **Everett K. Ross** (Martin Freeman) pilotaram um automóvel e um avião, respectivamente. Isso nos dá um conceito que o que temos em Wakanda é anos luz a frente da sociedade “normal”, mesmo como mentes como a do Homem de Ferro.

Acontece que a coisa destoa um pouco de qualquer realidade. A Wakanda que vemos no longa parece mesmo um filme em um futuro utópico onde temos uma sociedade extremamente avançada e bela. É realmente difícil de abraçar a ideia tão discrepante. De qualquer maneira a ideia dessa dualidade é explicada e abordada até de uma forma bem emotiva e gera o cerne da história.

Vingança

Uma das grandes críticas sobre os filmes da Marvel são os vilões. Realmente nem sempre podemos ver grandes antagonistas, os quais da gosto de verem ser derrotados. Nesse caso, temos praticamente duas peças que mostram contravenção: **Ulysses Klaue / Klaw** (Andy Serkis) e **Erik Killmonger** (Michael B. Jordan). O primeiro, que foi subaproveitado, poderia ter sido espetacular, pois **Serkis** faz tudo com genialidade. O segundo faz muito mais sentido na história, mas podia realmente ter apresentado o personagem de outra maneira.

Killmonger tem uma relação especial com o príncipe de Wakanda e o início dessa abordagem funciona bem. Acontece que a história gira em torno da fórmula muito batida da vingança. Sabemos que ela funciona, porém a Marvel pode muito bem buscar novas alternativas para motivar os inimigos. Lembrando que temos muito disso no UCM. Não quero cometer nenhuma injustiça, pois a história não é ruim, mas eu vejo a Marvel em uma zona de conforto perigosa.

A jornada do herói é completamente linear, seguindo praticamente o manual narrativo que estamos acostumados. O Pantera que vimos em Guerra Civil era um herói determinado, motivado, com faca nos dentes, já o que vimos no filme solo era mais contido e racional. Obviamente na ocasião de sua primeira aparição, ele buscava vingança contra a morte de seu pai, mas a diferença de comportamento, principalmente no primeiro ritual de escolha do rei, podia mostrar um T'challa mais seguro, confiante e habilidoso.

O Tapa da Pantera

Uma das coisas que mais chamou a atenção no personagem em Guerra Civil foram suas cenas de luta. Isso é mostrado exaustivamente em Pantera Negra e foi ótimo. Talvez, nesse filme, existam os melhores combates corpo a corpo do universo Marvel.

Boa parte dos heróis Marvel nascem por acidente, por ter muito dinheiro, ou por ser de raça superior. Mas acredito que apenas em Wakanda tenha verdadeiros Guerreiros, com G maiúsculo. Aquele lugar forma lutadores formidáveis que não apenas ajudam a defender, como tem potencial para dominar qualquer missão externa.

Nesse longa, temos a ótima participação das **Dora Milaje**, as guardas reais do rei. A chefe da guarda, **Okoye** (Danai Gurira) e a guerreira **Nakia** (Lupita Nyong'o) formam um trio poderoso somado ao Pantera. Eles protagonizam ótimas cenas de batalha e mostram do que os guerreiros de Wakanda são capazes de fazer.

Boseman e Jordan tem um química ótima em cena, mesmo quando não estão socando um ao outro. Você consegue sentir realmente a mágoa e a raiva brotando forte daqueles dois, mas quando as panteras resolvem lutar, sai de baixo.

Vale destacar uma das melhores cenas. Ao tocar o berrante a mágica de algumas toneladas acontece e a beleza "daquilo" em cena é memorável. Vale muito a pena vermos todo o esforço da equipe de computação gráfica fazer algo funcionar tão bem. Mas ainda aposto muito mais na beleza das batalhas corpo a corpo do que nas grandes cenas que utilizam CG.

Concluindo

Pantera Negra é um filme que poderia ter trazido maiores surpresas. O herói adquiriu um grande carisma na Guerra Civil que foi pouco usado e, na minha visão, poderia ser um dos melhores do UCM. Também não faria mal um pouquinho mais de personalidade e originalidade para a narrativa. De qualquer maneira é um ótimo filme com excelentes atuações, história interessante mostrando a mitologia de wakanda, apresentou um mundo tecnológico que fará uma grande diferença nos próximos filmes de heróis da

Marvel e como grande destaque do filme, as cenas de combate, as quais são maravilhosas. Recomendo fortemente!

ANEXO N

Autor (a): Ieda Marcondes

Data de publicação: 19 de fevereiro de 2018

Disponível em: <<https://teleguiado.com/cinema/2018/02/critica-pantera-negra.html>>

O transgressor Pantera Negra

“Pantera Negra” conseguiu. Conquistou a quinta maior estreia (US\$ 201,7 milhões) da história dos Estados Unidos, atrás apenas de “Star Wars: O Despertar da Força”, “Star Wars: Os Últimos Jedi”, “Jurassic World” e “Os Vingadores”. “Mulher Maravilha”, outro exemplo de fenômeno cultural, sucesso de crítica e de bilheteria (e que atraiu um público ignorado por muito tempo) estreou na marca dos US\$ 103 milhões e chegou aos US\$ 412 milhões somente nos cinemas americanos. O potencial de “Pantera Negra”, portanto, é magnífico.

Por que a bilheteria de “Pantera Negra” importa? Porque, por muito tempo, filmes com elencos negros foram considerados como algo de nicho, que não traziam lucro, uma espécie de “filme c”. Em tese, não era racismo. A desculpa para não fazer um filme como “Pantera Negra” – uma superprodução, com elenco e equipe de negros, contando uma história negra – era a de que o público-alvo dos blockbusters é composto por jovens homens brancos, e que era preciso agradá-los. Não mais.

Não foi fácil, é claro. Antes mesmo da estreia, um grupo no Facebook combinou de sabotar as críticas do filme no site Rotten Tomatoes. O mesmo grupo, que se declarou “alt-right”, se disse responsável pelos ataques a “Star Wars: Os Últimos Jedi”, pois ficaram insatisfeitos com a quantidade “excessiva” de personagens femininos. No dia da estreia, trolls espalharam fotos falsas de pessoas brancas que teriam apanhado por tentar assistir “Pantera Negra”. A polícia de Los Angeles disse ao The Hollywood Report que não recebeu chamada alguma a respeito.

Qualquer um que menospreze a importância cultural de “Pantera Negra”, portanto, é um imbecil. Ok, mas e o filme?

Dirigido por Ryan Coogler (“Creed: Nascido Para Lutar”), “Pantera Negra” conta a história do Príncipe T’Challa (Chadwick Boseman), que retorna a Wakanda para se tornar rei. Wakanda é um paraíso tecnológico, escondido do resto do mundo, graças ao vibranium, um metal super poderoso – matéria-prima do escudo do Capitão América – que desperta a cobiça de Ulysses Klaue (Andy Serkis) e pode ameaçar a paz de todo o país. Um dos sócios de Klaue é Erik Killmonger (Michael B. Jordan), que tem motivos pessoais para prejudicar T’Challa. Esta é a trama principal, mas são as mulheres de “Pantera Negra” que fazem o filme: Lupita Nyong’o como a agente Nakia, Danai Gurira como a General Okoye e Letitia Wright como a genial Shuri, sem falar de Angela Bassett

como a Rainha Ramonda. São quatro personagens femininas fortes, bem concebidas, com personalidades distintas e que mudam o curso da história.

A ação é o único departamento que o filme deixa a desejar. Com direção de fotografia assinada por Rachel Morrison, primeira mulher indicada ao Oscar de Melhor Fotografia (“Mudbound”), a câmera parece muito frontal e muito próxima durante as cenas de luta, dificultando a compreensão do que está acontecendo. As cenas do pôr-do-sol de Wakanda e do reencontro de T’Challa com seu pai, porém, são mesmo lindíssimas, e justificam o ingresso em Imax 3D. A direção de arte e o figurino também enchem os olhos. A trilha de Kendrick Lamar dá vontade de mexer os pés.

Outro fator positivo de “Pantera Negra” é que o roteiro não se preocupa muito em deixar brechas para sequências ou outras franquias, mas apenas em contar a história de T’Challa e Wakanda. “Pantera Negra”, assim, segue a tendência de “Logan” e “Mulher Maravilha”, filmes que se concentraram em contar uma história sólida e com personagens bem pensados – e o público correspondeu de acordo.

ANEXO O

Autor (a): Felipe Pereira

Data de publicação: 15 de fevereiro de 2018

Disponível em: <<http://www.vortexcultural.com.br/autor/filipe-pereira/>>

Crítica | Pantera Negra

Filmes de super-herói é uma classe de cinema que evoluiu de um subgênero para praticamente um gênero, em especial após o ingresso da Marvel nas adaptações mais recentes de suas obras. Depois do que aconteceu em **Blade: O Caçador de Vampiros**, **X-Men: O Filme** e as continuações das duas sagas, o que se viu eram filmes que cresciam em investimento e em foco no público não-nerd, com histórias que remetiam aos quadrinhos mas que tinham uma abordagem descontraída e divertida. **Pantera Negra** não foge à essa regra, ousa pouco, mas onde se aventura, acaba se saindo muito bem.

O filme de **Ryan Coogler** se mune de arcos de histórias mais recentes do personagem vivido por **Chadwick Boseman**, não tanto em estrutura narrativa, mas sim em espírito. Ao contrário das primeiras versões do Pantera Negra, há uma enorme valorização do país onde T’Challa é soberano, sendo Wakanda uma nação próspera, que se utiliza de tecnologias que o restante do mundo não possui e amplo desenvolvimento social, ainda que essas questões não sejam conhecidas pelo mundo externo. O fato disso não ser compartilhado com outras civilizações, especialmente no que diz respeito às nações subdesenvolvidas, é muito bem discutida no filme, em especial na motivação do vilão.

O roteiro de Coogler e **Joe Robert Cole** é esquemático, mas não tanto quanto os de **Dr. Estranho**, **Homem Formiga** e **Homem-Aranha: De Volta ao Lar**, esse definitivamente não é um **Homem de Ferro** do **John Favreau** com protagonista negro. Os temas discutidos além de atuais, remetem a questões já denunciadas há tempos e

conversa principalmente com toda a verve dos discursos de grupos de rap, por exemplo, como a quantidade exorbitante de crianças negras que crescem sem seus pais por conta de tragédias e as dificuldades que um jovem negro e morador do gueto tem de conviver com o poder paralelo do tráfico, e isso tudo se funde com a trilha sonora, repleta de canções que envolvem a cultura hip hop.

Apesar dele ser um produto enlatado, e que não consegue fugir muito dos seus clichês, ele serve muito bem na função de desconstruir mitos e paradigmas hollywoodianos sobre qual é a identidade das pessoas que habitam a África. Os rituais de passagem da realeza são mostrados em detalhes bonitos, com o elenco principal e de apoio dançando com roupas coloridas e típicas, fazendo lembrar até boa parte das vestimentas dos rituais de religiões afro-brasileiras, como Candomblé e a Umbanda.

Da parte do elenco, Boseman não compromete e consegue ir bem. Já a Nakia de **Lupita Nyong'o** é a personagem mais complexa e bem trabalhada, conseguindo reunir em si dois arquétipos diferentes, que de certa forma, espelham um pouco de T'Challa e Killmonger, de forma equilibrada e inteligente, unindo bem os ideais distintos. **Danai Gurira** e **Daniel Kaluuya** quando são exigidos mostram uma boa desenvoltura, embora o segundo merecesse mais tempo de tela e **Letitia Wright** que faz a irmã do novo rei também tem suas piadas bastante afiadas. O elenco mais velho, com **Forest Whitaker** e **Angela Bassett** também acerta na maior dos momentos, o destaque negativo é **Michael B. Jordan**, que apesar de ter um plano de fundo com problemas reais e ser um personagem implacável, sua interpretação por vezes soa bidimensional, e incapaz de expressar toda a raiva que carrega por ter sido rejeitado por aqueles que deveriam tê-lo acolhido. Ao final, ele ainda tem uma possibilidade de melhorar isso, mas o texto não colabora, se tornando mais um vilão bobo e sem sentido no universo cinematográfico da Marvel.

As cenas pós-créditos envolvem interações entre wakandiano e o mundo exterior, e em todas as sequências eles aparecem como personagens soberanos, jamais de cabeça baixa e essa representação é muito poderosa e simbólica, por que praticamente tudo o que Coogler fez nesse **Pantera Negra**, remete a isso: quão positivo para uma criança ou jovem negro ter na cultura pop uma representação positiva e protagonista a respeito de quem ele é. Obviamente que é ingênuo acreditar que a partir daí acontecerá uma revolução e que todo o mundo se livrará dos seus preconceitos raciais, mas ainda assim é um avanço interessante dentro da indústria de cinema americana.